



I-B. 10

JERONYMO

CORTEREA

PARIZ.—TYP. PORT. DE SIMÃO RAÇON E COMP., RUA DE ERFURTH, 1.

JERONYMO
CORTEREAL

CHRONICA DO SECULO XVI

POR

J. M. PEREIRA DA SILVA

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, EDITOR

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIZ. — AUGUSTO DURAND, LIVREIRO, RUA DES GRÈS, 7

—
1865

PREFACIO

São decorridos já vinte e cinco annos depois que imaginei, esbocei e publiquei no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro esta pequena chronica, cuja segunda edição vai agora em separado, e formando um modesto livrinho.

Emendei-a e expurguei-a de erros e defeitos tão proprios d'aquella cidade felicissima, que,

posto se não aprecie então ao justo, deixa gravadas eternamente n'alma e no coração reminiscencias e saudades profundas, que acompanham o homem até o tumulto, e se apagam sómente com o seu suspiro derradeiro.

Pensam os espiritos atilados que se não devem retocar e menos modificar as composições da mocidade. Si peccam pelo exagerado dos sentimentos, pelo basto em demasia da folhagem, e pelo desordenado da concepção, encerram um colorido sempre, e uma aragem de poesia que passam com a edade, e que a só risonha primavera da vida sóe produzir e brotar por entre as flôres e fructos viçosos que a matizam e realçam.

Manifestando-me porém varios amigos o desejo de conhecer aquelle ensaio de romance, uni

dos primeiros da litteratura portugueza moderna, pois que vio a luz do dia nos annos de 1859 ; e dando-me ao trabalho de revê-lo, achei-o tal e tão incompleto e minguido, que me não animaria a offerecê-lo actualmente ao publico, si lhe consentisse mostrar-se como nascêra e se apresentára ao mundo.

Deixei de parte portanto o bom conselho dos mestres. Aproveitando algumas cousas, desprezando outras, e acrescentando-lhe episodios mais largos e variados, siga o livro o seu destino, tão mudado de fórma que quasi me parece outro, e não o mesmo filho querido dos meus vinte annos e das minhas primeiras inspirações litterarias.

Desmerecerá sem duvida na estima dos leitores. Não pertence mais ao sonho dourado da

mocidade. Não nasceu inteiriço da razão e da experiencia. Será talvez o monstro de Horacio. Que lhe corra breve a vida, e seja-lhe leve a terra que lhe cobrir os restos!

Pariz, Março de 1865

O DESAFIO

Think no so lightly, sir, of my resentment :
When we contend once, our strife is mortal.

HOME. — *Douglas.*

Não ha espectáculo mais encantador para os olhos, e mais melancolico para o coração, que o cahir de uma tarde da primavera sobre as serranias de Cintra. Vai-se deitando e sumindo o sol na immensidade do Oceano, que se estende a perder de vista, e geme e chora pelas agrestes praias como o infante no berço. Das partes occi-

dentaes das terras, do lado das Hespanhas ennevôa-se o horizonte já com os arreboes da noite que se approxima. Aperta-se o firmamento entre a escuridão que começa e as esfogueadas e fugitivas chammas de luz e de vida que escapam ainda dos raios do sol, divisam-se por algum tempo mesmo depois que elle desaparece, e allumiam a atmospherá com um clarão anormal, que só a pouco e pouco se perde tristemente no seio das ondas.

É um momento solemne para o homem. Lembra-lhe os derradeiros arquejos da vida e o mysterio do tumulo e da eternidade, que não póde nunca descortinar-se limpo e claro ao seu espirito por mais que elle se erga e suba á sciencia e comprehensão do destino que o espera além da existencia que arrasta no mundo. É para a terra igualmente um instante de amargura e luto. Entristeceem-se as arvores, as veigas, as campi-

nas, os rios, as montanhas, a atmospherá, o palacio e a choupana. Recolhem-se chorando os animaes, aninham-se carpindo as aves, concentram-se as plantas delicadas, e fecham-se espontaneamente as petalas das flôres. Troca a natureza toda o seu manto multicôr, risinho e resplendente, por uma sombra que cada vez se torna mais espessa.

Quem a essa hora merencoria do dia 2 de Maio de 1578 remontasse ao cume das serras elevadas de Cintra, e espraiasse ao longe a vista, não para o mar que se deslisa por um lado ; não para o Tejo que, rasgando e banhando terras primorosas, precipita as suas aguas no scio do Oceano ; não para a cidade de Lisboa, que dormita sonhando á beira do rio pittoresco ; não para os morros que formam o promontorio gigante, que guarda e fiscalisa a entrada da capital do reino portuguez ; nem para as planicies

em que acabam as serras pela parte de dentro, e que vão confundir-se com outras de monarchia estranha; mas para os escondrijos cavados nos rochedos selvagens em que difficultosamente se adivinha caminho: descortinaria dous cavalleiros que marchavam a par um do outro, apressados, silenciosos, trepando alturas, escondendo-se nas vias mais reconditas, e procurando sem duvida sitios mais secretos.

Não ouviria mais que o ondear das folhas novas e tenues ainda das arvores que se curvavam ao soprar do vento, e formavam um murmurio cadencioso; e a um tiro de bésta o refolegar e tropear dos dous cavalloos que feriam o chão pedregoso, talhando passagem por uns velhos alemanares mouriscos gravados nos pincaros de alguns serros até se appropinquarem a um bosque de carvalhos seculares na quebrada fronteira da costa maritima.

Chegados a este sitio saltaram-lhes dos arções dous individuos ligeiros e resolutos. Nem-uma palavra, nem-um gesto haviam entre si trocado durante a viagem, bem que effectuada conjuntamente. Não quebraram ainda o silencio, deixando as suas montarias, e amarrando os seus ginetes aos postes que encontraram e que lhes pareceram apropriados para este serviço.

Differiam na corpulencia e na côr das vestes e armaduras. Afiguravam porém contar a mesma idade e os mesmos brios e sentimentos. Trazia o mais erguido uma saia de seda azulada, que o cobria de alto abaixo, a cairelada de fechos lustrosos e botões de aço reluzente. Um gorro curto e pequeno, sobre o qual pousavam duas plumas azevichadas e compridas, carregava-lhe a fronte e quasi a escondia de todo. Subiam-lhe ao joelho botas grandes guarnecidas com esporas de ouro. Pendia-lhe á cintura uma espada de lavor

primoroso, em cujos copos se gravavam armas e inscrições que denunciavam progenie alterosa. Puxando ao rôxo eram as vestes do segundo, sem luxo equivalente e nem riqueza proporcionada. Nem pluma porém se lhe desprendia do chapéo singelo. Espada direita e simples, com quanto de ferro excellente, com grandes cruces esculpidas na lamina. Botas pardas e esporas simples de metal ordinario.

Não deram tempo ao descanso. Approximaram-se ao centro do bosque como por designio prevenido e concertado. Levantava-se ahí uma enorme cruz de páo tosco, e cheirando á antiguidade. Talvez que a lenda popular deparasse com a memoria de algum feito atroz, que se houvesse commettido n'aquelle logar, e que o monumento quebrantado pelos annos manifestava avisadamente.

Com o semblante torvo e carregado dirigio-

se o primeiro dos individuos para o seu compa-
nheiro, escondendo suas palavras em mal com-
primido resaiibo de colera.

— Aqui mesmo — disse-lhe — aqui mesmo,
que é o sitio deserto e sombrio. Longe da estrada
real não nos arriscamos a ser vistos. Desembai-
nhai a vossa espada, Jeronimo Cortereal. Ex-
perimentemos si ao vosso valor correspondem
as vossas façanhas amorosas. Preparai-vos para
um combate de morte que só terá a Deus por
testemunha.

— Como quizerdes, Alfonso de Vasconcel-
los — respondeu-lhe branda e socegradamente o
outro, sem descobrir o menor indicio de que se
atribulára de pavor com as ameaças e desafio
resoluto que lhe dirigira o seu contrario.

Desembainhou Vasconcellos a espada, e an-
ciou arremetter com o seu adversario.

— Esperai um pouco — continuou Cortereal —

Não nos faltará tempo para a briga. Nunca um Portuguez de sangue virou o rosto a desafios e a inimigos. Antes porém de travar o combate para que me convidastes, quero saber a razão que vos impelle a tirar-me a vida, ou a perder a vossa. Ignoro inteiramente os motivos do vosso agravo. Declarai-os incontinente.

— É tão grande e profundo o attentado que commettestes—tornou-lhe Vasconcellos—que meus labios refusam pronuncia-lo. Pela gorja que foi infiel e desleal o vosso proceder e indigno de um homem que se preza. Conheceis estas cartas?

Arrancou do bolso um masso de papeis dobrados, e mostrou-os ao seu contendor.

— Conheceis estas cartas?—repetio-lhe assomada e violentamente.

— Atirai-as ao chão para que eu as apanhe e veja—disse-lhe Cortereal, não conservando já

o sangue-frio e tranquillidade que affectára ao principio. Dir-se-hia que lhe assomára ao espirito a lembrança do justo resentimento de Vasconcellos, e que se mostrava attonito de que elle soubesse segredos que occultára cuidadosamente. Através da emoção que perpassou e dominou como um relampago a sua physionomia, diviso-se um rubor subito, que se foi esvaindo em pallidez de morte.

— Ei-las — repetio-lhe Affonso, atirando ao chão o masso de papeis, e fitando no seu contendor indagadores olhares que pareciam descer-lhe ao intimo do pensamento, e perscrutar-lhe os mais reconditos mysterios.

Abaixou-se Jeronymo Cortereal, colheu ás mãos os papeis, e chegou-os aos olhos. Não se allumiava já o firmamento com luz sufficiente para ler com facilidade o seu conteúdo. Conheceu-o porém pelo tocar das cartas, e lançar so-

bre ellas rápida vista. Não se pôde esquivar a um estremecimento, que se lhe apoderou do corpo, posto empenhasse cautelas immediatas para escondê-lo ao seu adversario. Percebeu-o porém Vasconcellos distinctamente, e com mo-fador sorriso lhe gritou de mais perto :

— Tremeis, Cortereal?

— A' fé de Deus — replicou este — á fé de Deus que é bem louco e desgraçado quem seus segredos confia a um pedaço de papel !

— Conheccis estas cartas? — perguntou-lhe pela terceira vez Affonso irritado de mais, e transbordando em furor.

— São minhas, não o nego — respondeu-lhe Cortereal com deliberação e firmeza.

Abalou-se por um pouco a ousadia de Affonso com a expressão decidida de Cortereal, confessando uma verdade que desejaria muito não ouvir-lhe declarar tão afoutamente. Cravaram-se

mutuamente os olhos de um no outro. Pareciam medir-se as forças, descobrir as armas e apanhar as fraquezas. Depois das palavras cambiadas, tornava-se a luta inevitavel, e cuidaram ambos em conhecer o terreno, e firmar o systema e modo de proceder no transe arriscado.

— Sabeis quem sou eu, qual meu nome, e que sangue me corre nas veias? — disse Vasconcellos a Cortereal, antes que desembainhassem as espadas — Pensaste-lo quando me imprimistes na face a affronta e o desdouro? Chamo-me Afonso de Vasconcellos. É meu pai Bartholomeu de Vasconcellos, que procede de Mem Muniz e dos Maias de Beja. Pertence minha mãe á familia de Pedro de Alcaçova, secretario d'el-rei D. Sebastião. Não attendestes á estirpe e nobreza, que têm direitos ao respeito e acatamento. Não sendo mais que um official, pobre, sem armas e nem braços, sem origem conhecida e nem posição

social, faltastes á honra com que vos acolheu meu pai em sua casa hospitaleira, como um bravo militar que prestára serviços nas Indias, e que dera baixa do seu posto... Ousastes levantar os olhos para minha irmã Lianor, que não póde esposar-se comvosco e...

— Basta ! basta ! — clamou-lhe Cortereal. — Heis fallado assaz...

— Não — retorquiu-lhe Affonso. — Para castigo d'ella, que se abaixou em receber vossos favores; para que se não deslustre o nome e gloria da nossa familia; entrará Lianor amanhã para um convento, e se consagrará pela vida ao serviço de Deus, quer a bem, quer a mal. Quanto a vós, homem ousado e temerario, cumpre-me dar-vos uma lição de mestre. Poderia e direito me assistiria pela desigualdade de nossas raças e condições, de commetter a assassinos que vos arrancassem a vida. Prefiro porém vingar-me no-

brememente, levantando-vos á minha altura, e tratando-vos como igual, posto o não mereçais. Um de nós deve aqui morrer.

— Affonso — interrompeu-o mais tranquillamente Cortereal — escutei até aqui com attenção as vossas razões. Ameigai-vos agora um pouco, e prestai-me ouvidos por alguns momentos. Dizeis que um de nós deve aqui morrer sem mais testemunhas que Deus. Carecemos pois de entender-nos e conhecer-nos. Aviso-vos que não tendes diante de vós um homem ordinario. Fazei-me mais justiça antes de deixar a vida. Não sei quem são meus pais. Nunca os conheci. Mas ha um mystério, sinão um prodigio, que me sorrio ao berço, e acompanha-me por toda a parte. Nado apenas e atirado nas brenhas, encontrou-me um aldeão no meio de animaes ferozes que me não faziam mal, de lobos que a fatalidade permittio me não devorassem, e que

pareciam encarar-me assombrados. Ignoro si me succedeu isto por me gravarem no peito e nos braços tres cruces, e me abandonarem aos pés de outra cruz, tendo por cobertura o céo e por leito uma pedra. Levou-me o aldeão para a sua choça em Montemor, criou-me como seu filho. Morreu deixando-me só e isolado no mundo na idade de quatorze annos, e sem meios alguns de existencia. Tomei para meu symbolo e para minhas armas a cruz, em que foi pelos homens sacrificado o filho de Deus. Larguei patria sem saudade, despedi-me da terra natal sem derramar uma lagrima. Nem-um laço me prendia a Portugal, nem-um parente ou amigo me ligava ao solo. Vi mares turbulentos que engoliram navios, praias desertas em que feneceram muitos dos meus companheiros. Naufraguei três vezes, passei fome horriveis, escapei aos dentes dos tigres, e aos ferros dos povos barbaros da

Africa. Visitei a Asia, pelejei em muitas batalhas, achei-me prisioneiro em Calicut, em Couvão e em Mombaça. Nem as ondas e temporaes, nem os ferros e pelouros, nem os selvagens e animaes ferozes, nem os naufragios, o fogo e a fome, amedrontaram o meu espirito, e diminuiram as minhas forças. Voltei para Portugal depois de muitos annos de trabalhos duros e acerbos, sem que sentisse a menor dôr, ou soffresse o mais pequeno incommodo. Creio por todos estes motivos na virtude e na santidade da cruz que me ampara e protege. Servio-me de mãe no berço, de pai na solidão, de anjo da guarda no meio das guerras, no seio do Oceano irritado, e nos mais perigosos transes da vida ; symbolo sagrado do Deus vivo, imprimido no meu peito e nos meus braços, gravado com meu proprio sangue em meu corpo. Eis diante de nós uma cruz que me afaga ainda, me attrahe, me sorri e me acari-

nha. Como quereis que eu tema de brandir comvosco a espada, si para mim penso que me não é permittido morrer ás mãos dos homens? Deixai-me portanto entregue ao meu destino, e não venhais por vós mesmo buscar a morte.

Quem n'este momento olhasse attentamente para o homem que assim acabava de exprimir-se, não poderia esquivar-se de admira-lo, e incutir-se ao mesmo tempo de susto. Divisava-se-lhe um espirito enthusiastico, uma inspiração religiosa, uma convicção profunda, uma fé robusta em tudo quanto dizia. Rasgaram-se-lhe os olhos com alegria desusada e sobrenatural. Tornou-se-lhe a physionomia animada e resplendente de luz e brilhantismo. Ergueu-se magestosamente o corpo, parecendo affrontar todos os perigos.

Não se cortou todavia de susto Affonso de Vasconcellos. Era por demais altivo e ousado, para

recuar dos seus designios. Acabou apenas de fallar o seu contendor, que lhe gritou :

— Jeronymo Cortereal, já basta de palavras ; passemos a obras !

Desembainharam ambos as espadas, e collocaram-se em frente um do outro. Adiantára-se a escuridão da noite, e nem podiam perfeitamente dirigir os botes e perceber o ataque e a defesa. Echoava pelo deserto o tinir dos ferros que se cruzavam e feriam fogo ás vezes como gemidos funebres e compassados.

Passava-se uma scena grandiosa, ainda que sanguinolenta e barbara. O sitio em que se dava o combate sombrio e tristonho ; os rochedos elevados que o circumdavam e fendiam os ares com os seus pincaros ; aquella gasta cruz que se diria mirar os dous contendores ; o furor com que se acommettiam ambos, levado um pelo orgulho do sangue e prejuizos de familia, e inspirado

o outro por uma superstição poetica e religiosa ; dava tudo ao acontecimento um aspecto curioso e cruel, original e medonho.

Durou por algum tempo a luta. Como um louco se precipitava Affonso sobre Cortereal. Cegavam-no a desesperação e o odio. Tratava este de recuar constantemente no intuito de defender-se, fatigar o seu adversario e não causar-lhe damno. Ouvio-se de repente um grito agudo e penetrante. A espada de Cortereal enfiára caminho pelo peito de Affonso de Vasconcellos. Saltou-lhe em jorros o sangue. Cahio, e, sustentando a sua arma com uma mão, e tapando com a outra a ferida para reter o sangue, quizera continuar ainda o combate. Faltaram-lhe porém as forças, e com voz amortecida disse a Cortereal :

— Por piedade, não me deixeis morrer sem confessar-me !

— Oh ! não — respondeu-lhe este — Perto d'aqui está o convento de Cintra. Levar-vos-hei lá.

E a custo e mais de meio caminho carregando-o ás costas, o foi Cortereal conduzindo até depô-lo no portão do convento.

Tocou a sineta da entrada e desapareceu.

A DESESPERAÇÃO

Deixai-me, adeus; não me vereis mais.
Thebas me espera. Parto a morrer.

SOPHOCLES. — *OEdipo.*

Procurou Cortereal o seu cavallo. Galgando-o com rapidez, partio a trote puxado d'aquelles sitios desastrados. Transpòz as serranias, co-sendo-se com as veredas mais curtas que seguiam para Lisboa. Negra estava a noite, e só adivi-nhava caminho quem tivesse perfeito conheci-

mento. Apertava o vento que vinha do mar e da banda do sul, e uma chuva pesada e penetrante começava a cair, e a mais empecer-lhe os passos do ginete, que rinchava desesperado e forcejava por aquiescer aos desejos e ancias de seu dono.

Descidas as montanhas, maiores obstaculos pareceram arripiar-lhe a carreira. Alagava-se o terreno. Os tenues riachos que cortavam a estrada e se dirigiam para o Tejo, assoberbavam com grossas aguas as fracas e baixas ribanceiras que lhes formavam o leito. Quasi que lhe era preciso atravessa-los a nado e no meio da escuridão do horizonte, que se assemelhava a um manto de luto.

Posto preferisse então el-rei D. Sebastião para sua moradia o palacio de Cintra, e raros tempos se demorasse em Lisboa, eram os caminhos que communicavam a capital do reino com a quinta

real plantada sobre as serras alcantiladas, como verdadeira atalaia berberesca, construidos pessimamente, e não recchiam systema algum de conservação e melhora. Não prestavam transitio sinão a cavalleiros e peões, e as grandes enchentes de rios cortavam a miudo as relações d'aquella localidade.

Não fôra felizmente a chuva que apanhou de surpresa Jeronymo Cortereal tão intensa e copiosa, que não dessem váo os rios que encontrára. Depois de quatro horas de uma marcha fatigante e trabalhosa, logrou entrar em Lisboa e pôr pé na casa que habitava. Parecia que o comprehendêra o valente ginete, que, mostrando-se resolutto e fogoso durante a viagem toda, atirou-se ao chão arquejando de abatido, apenas desmontado do dono e despido dos arções e arreios.

Soavam na torre da igreja de Santa Anna duas

horas da madrugada. Reinava silencio por toda a parte. Dormia a população inteira. Nem movimento denunciavam os navios ancorados no porto.

Coincidiam as cogitações do animo de Cortereal com a situação da noite sombria e negra. Abrio a janella do seu quarto, que dava sobre o Tejo para as bandas de Belem. Nem-uma estrella se divisava no firmamento. Minguára a chuva, posto perseverasse miuda e impressionada pelo vento. Uma e outra luz raiava de quando em quando a bordo dos galeões repousados no rio, e mais tristeza inculia no peito, apparentando rapido clarão que se sumia logo como o relampago.

Assomou-lhe á mente a memoria de toda a sua vida attribulada e peregrina por distantes paizes, por mundos quasi ignorados, no seio de povos barbaros e selvagens, através das solidões,

por cima das vagas irritadas do Oceano, no asoprar das tempestades do cabo das Tormentas e dos mares indiaticos, e no travar das pelejas e combates em que se havia achado. Queria demorar ahi o pensamento para o afastar do evento recente e desgraçado em que fôra envolvido em Cintra. Não lh'o permittia porém a Providencia. Por mais que se empenhasse em suffocar-lhe a reminiscencia, saltavam-lhe ao espirito, e dominavam-o inteiramente as circumstancias todas, as peripecias, as minuciosidades d'esse duello a que fôra provocado contra sua vontade, e o resultado infausto que tanto procurára arredar e poupar, e que não pôde comprehender mesmo como succedêra.

Tinha diante dos olhos a figura de Affonso de Vasconcellos bramindo em furor e raiva. Sentia o movimento do seu braço, o reluzir da sua espada. Fria-lhe o som d'esse grito e d'esse ge-

inido final, no momento em que sem se aperceber e nem se poder lembrar, penetrára-lhe no peito o ferro com que traçava apenas defender-se. Pesava-lhe o corpo do desgraçado como si o carregára ainda para o convento que el-rei D. Manoel edificára no mais alto dos pincáros das serranias de Cintra.

Passeava inquieto no quarto. Não se podia despir de remorsos, abandonar apprehensões e livrar-se do phantasma que o perseguia. Nem deitar-se no leito, e nem sentar-se lh'o consentiam as visões que o avexavam. Corriam-lhe lentas as horas, e a cada um dos sons dos sinos que as denunciavam pensava-se illudido pelos ouvidos que os não apanhavam todos e lhe atrasavam a tão desejada approximação do crepusculo da madrugada.

Appareceram felizmente lá para os nascentes do rio os primeiros annuncios do dia. Foi a

pouco e pouco a manhã rompendo as grossas nuvens da atmospherá, entornando raios de luz fracos ao principio, mas que ganhavam força e brilho paulatinamente, e inundavam o firmamento de jubilo e alegria. Após a noite tormentosa resplandecia uma madrugada bella, fresca e serena como o primeiro cantico das aves, e communicava suas virtudes ás plantas e pétalas das flôres borrifadas de gottas de agua que se assemelhavam a puros diamantes.

Vestio-se Cortereal e sahio de casa. Talhou caminho por estreitas ruas, subio a montanha aonde pousa a igreja dos Martyres, e bateu ligeiramente a uma porta pequena, e que parecia escondida no fundo de um predio construido a modo de fortaleza. Corridos os ferros da porta, entrou e sumio-se pelos corredores da casa.

Esperava-o uma donzella linda como um sonho primoroso, no verdor dos annos e da gen-

tileza, e que o acolheu com olhares que denunciavam o amor extremoso e a paixão ardente.

Sahido do chaos gravava o crepusculo já no horizonte riscos de fogo tão regulares que se diriam caracteres e hieroglyphicos, pelos quaes escrevia Dens o seu pensamento. Erguia-se de cima da superficie das aguas do Tejo uma nuvem vaporosa, que se perdia e desfazia no entornar da luz do dia, rasgada pelas primeiras impressões dos raios do sol nascente.

— Oh! Lianor! — exclamou Cortereal ao apresentar-se diante da donzella, e ao atirar-se aos seus pés em posição de submisso escravo. — Si ao meu coração corresponde igualmente o teu, si me entregas teu destino, tua sorte, tua vida... vem... oh! vem... foge comigo já. Não percas um momento! É teu pai inflexivel, e serás sacrificada a seus tyrannicos preconceitos, quando se certificar dos nossos amores! Deixemos esta

terra, que não se fez para nós. Longe, bem longe d'ella encontraremos sitios seguros e asylos pacificos. Basta te minha alma para adorar-te... Dá-me a tua vida, que assim me poupas morrer!

Beijava-lhe as mãos ajoelhado e tremulo como um réo diante do magistrado que o deve julgar. Suffocava-lhe a voz um extremo enternecimento. Abatido e cansado o semblante, exprimia todavia desassocego extraordinario e emoções profundas. Vibravam-lhe os olhos com clarão particular que assustava.

Turvou-se a physionomia da donzella. Desappareceu-lhe das faces o rubor dourado que a aformoseava, e trocou-se por uma pallidez repentina que apparentava encantos maiores, quando o semblante denunciava o medo e a impressão dorida que lhe causaram palavras tão inesperadas.

Quiz dizer uma palavra, morreu-lhe porém nos labios; dar um suspiro, expirou-lhe porém antes de exhalar-se. Saltaram-lhe aos olhos copiosas lagrimas, para traduzirem em linguagem intelligivel o turbilhão de affectos intimos que lhe borbulhavam no peito.

Ignora o motivo que assiste a Cortereal para propôr-lhe de repente a fuga como meio só de provar-lhe a intensidade e firmeza do amor que por elle resentia. Ancía sabê-lo, hesita todavia em perguntar-lhe, e tem razão. Succumbe sua curiosidade natural diante dos terrores que lhe cria de subito a imaginação attribulada.

Não eram estas as palavras habituaes que lhe dirigia o amante. Mudára-se n'elle a physionomia, os gestos, o som da voz, a natureza das expressões, a melodia das phrases. Que significa fugir, deixar a familia, abandonar a patria?

Ouvio-se no entanto um grande rumor, e

perto, já proximo da sala em que se achavam. Abrem-sede repente as portas com estrondo. Mal teve Cortereal tempo para occultar-se por detrás de um oratorio que ornava a camara, no qual resplandecia a imagem da Santissima Virgem, allumiada ainda por velas acesas, que manifestavam a devoção religiosa que se tributava á Mãe caridosa do Deus que pela salvação dos homens viera ao mundo, e padecêra martyrios desusados.

Entrou um velho guerreiro branco como a neve, e quebrantado pela idade tanto quanto pelas forças phisicas. Era o pai de Lianor. Dirigio-se para a filha, encarou-a fixamente, e, sem lhe dizer uma palavra, sem esperar as suas saudações, nem notar-lhe a prostração, o susto e o terror que lhe causava a sua presença inopinada e contraria a todos os seus habitos, levantou o braço, e a um gesto para a porta por onde penetrára, apresentaram-se no aposento varios

criados conduzindo um cadaver que depozeram no chão e no meio da sala.

Quem seria capaz de afirmar que o ancião enfraquecido pelo tempo, avexado pelos trabalhos da vida, e curtido de desgostos e dôres que lhe transtornavam as feições do rosto, era o bravo militar que a rainha Catharina de Austria, regente do reino de Portugal, mandára em 1559 como commandante de uma armada unir-se a Mem de Sá, e combater o Francez Villegaignon, que se apoderára das terras do Rio de Janeiro? Quem reconheceria Bartholomeu de Vasconcellos que na India e na Africa contra gentios e selvagens, contra Asiaticos e Arabes, contra Mouriscos e Barbaros, dera abonos clarissimos de valor, ousadia e firmeza dos guerreiros que alçavam então tão alto o nome de Portugal, e inscreviam a sua gloria e o seu dominio em monumentos que transporiam os seculos, e legariam á eter-

nidade a reminiscencia de feitos que assombra
e parecem mais de gigantes que de homens?

Ei-lo ali prostrado agora e mergulhado no maior e mais apertado sentimento. Cabida a cabeça, dir-se-hia quasi tão cadaver como o que se estendia a seus pés. Mirava-o inundado de pranto, e sumia-se-lhe a voz embargada por continuos soluços que lhe escapavam do peito anar-gurado.

Decorreram alguns momentos na mudez ater-radora de Bartholomeu de Vasconcellos. Dese-nhou-se uma scena lugubre, não cortada por palavras, nem explicada por acenos. Lianor, Vasconcellos, o cadaver, os criados, guardavam attitudes graves e assustadoras.

— Deixai-me ver ainda — gritou compassa-damente o velho, rasgando o silencio sepulcral que reinava no aposento.— Deixai-me ver ainda esse rosto de valente mancebo!

Precipitou-se para o cadaver, abaixou-se, arrancou-lhe o panno preto que cobria a sua cabeça, e continuou a dizer :

— Deixai-me contemplar essas veias abertas por onde se esvae todo o sangue da minha vida, toda a ventura da minha pobre velhice !

Abraçava como em delirio o cadaver, beijava-lhe a face, as mãos, as feridas, as vestes.

Reconheceu Lianor o irmão no morto, que no chão se estendêra. Soltou um grito agudo, perdeu o equilibrio, e cahio por terra sem sentidos.

— Sabes — virando-se para ella, disse-lhe o ancião com rouca voz e funerea — sabes quem m'o assassinou? Foi, indigna filha, o teu perverso amante ! Desculpa-o, si o podes, si te falta o brio ! Dizias que era puro o teu amor, e casta a tua paixão? Olha, infeliz, para o cadaver de teu irmão. Descobre a ferida aberta pelo ferro fratri-

cida que lhe rasgou o peito, e por onde lhe escoou o seu sangue nobre e altivo. Não vias, barbara, que o mesmo braço, o mesmo golpe, acabava a vida de teu irmão e de teu pai? Como poderei d'ora em diante viver mais?... Vai... Deixa-me.. deixa-me... Escreve com esse sangue que corre a historia dos teus amores criminosos!

Morreu a voz do velho na garganta. Queria continuar, trahiram-lhe porém as forças. Foi superior ao seu empenho a emoção que resentio, e que se apoderou do seu corpo e do seu espirito.

Logrou Lianor erguer-se a pouco e pouco, e fitar difficultosamente os seus olhos no irmão e no pai, ao lado um do outro, como dous cadaveres abraçados. Ousou appropinuar-se e lançar-se de joelhos aos pés de ambos.

— Meu pai! meu querido pai!

Não pôde proferir mais nada.

Os braços do velho estenderam-se á sua voz, e com decisão a repelliram de perto de si. Ergueu-se subito Bartholomeu de Vasconcellos.

— Cala-te! cala-te!— gritou-lhe recuperando novas forças — Deixa-me... Não me falles... não quero ouvir tuas palavras... não quero ver-te a meu lado... Esconde esse rosto, occulta-me essa belleza, que causou a morte de teu irmão, e que outr'ora me suscitava a memoria do ente que mais amei sobre a terra, e cujas virtudes não soube imitar a filha!... Oh! meu Deus! Para que me déste uma filha? Para ser o meu verdugo, o monstro que devorou aquelle com quem morre o meu nome e acaba a minha casa? Não tenho mais progenic... Não tenho filho mais que herde meus brios, e defenda o throno e o seu rei até a ultima pinga do seu sangue, como eu commetti nas plagas do Brazil, nos reinos da Mourama e nas fortalezas da India. Meu filho... minha filha...

já não existís para mim. Morreu aquelle para o mundo, mas vive em minha alma. Tu vives ainda, mas morreste no meu coração!... Fica... fica em presença d'esse cadaver... que seja tua lição e teu supplicio... Olha para a tua obra... Aprecia teu crime horrendo!...

Partio como um furioso do quarto. Acompanharam-no os criados. Fecharam-se as portas do aposento.

Achou-se Lianor a sós e diante do cadaver de Affonso de Vasconcellos. Manchára-lhe o sangue as vestes, e borrifára-lhe o collo, as faces, os olhos, a cabeça e os cabellos.

Observa-o, examina-o ao principio materialmente, sob a primeira impressão da dôr que a assalta e avexa. Crava n'elle os olhos molhados de angustioso pranto. Vão-lhe subindo ao espirito cogitações e ideias mais reaes e firmes. A causa e a natureza da morte desenham-se-lhe lenta-

mente. Corta-se-lhe a alma com remorsos que são agonias profundas. Rasga-se-lhe o painel do crime. Não se esquivava á autoria do feito atroz e hediondo. Eis ali um homem assassinado, góttejando sangue ainda. É seu irmão, que ella amava em extremo. É o arrimo do seu pai já quasi moribundo, a quem arrasta igualmente para a sepultura. Por vingar-lhe a honra, por salvar-lhe o credito, expirára nobremente. E seu pai deixava-a a sós com esse cadaver para que escrevesse com o seu sangue a historia dos seus amores criminosos.

Sahio Jeronymo Cortereal do logar aonde até então se occultára. Entre elles ficou o cadaver collocado. Fôra um a causa da morte, e o instrumento o outro. Era obra de ambos, e sua presença deveria parcer-lhes o invencivel obstaculo que os separasse para sempre. Não se podiam cruzar os seus olhos sem encontra-lo como um

phantasma sanguinolento, que lhes manifestava o crime que haviam commetido, e que fôra o resultado da sua louca paixão e dos seus amores nefastos.

Foi Lianor a primeira a fallar.

— Agora — disse-lhe ella — resta-me só a vida da penitencia!

— Por piedade! — retorquiu-lhe Cortereal — não me obrigues a commetter mais crimes! Que pretendes fazer?

— O claustro, só o claustro! — clamou-lhe ella.

— Não te poderá defender contra o meu delirio — repetio-lhe Cortereal desesperado.

— Saberei defender-me! — respondeu-lhe Lianor com voz firme e resoluta, seguida de um gesto que lhe quebrantou os impetos e compello-o a tornar a si.

— Mas ver-te!... ver-te!... Sem tua vista não posso viver!

— Nunca mais!

— Piedade! Odeias-me já?

— Devo-o.

— E esquecer-me-lhas?

— Não sei! — sussurrou-lhe Lianor agitada por tão contrarios affectos, que levantaram em um instante aquelle evento triste e medonho, e essa palavra que lhe escapára do intimo do coração.

— Tudo por ti ousarei! — exclamou elle na maior angustia. — Nem ferros, nem claustro, nem crime, nem o tumulto nos poderão separar!

— Olha para este sangue e para este cadaver, desgraçado! — disse-lhe Lianor segurando-o pelo braço, e constringendo-o a fitar os olhos no corpo do irmão assassinado.

Houve um momento de silencio. Curvára-se Cortereal a esta voz meiga e decidida.

Percebeu-lhe Lianor a situação do espirito, e continuou vagarosamente :

— Pretendes ainda insulta-lo e a mim? Não estás contente com uma victima? Não te basta o espectáculo do meu velho pai, para quem abriste de antemão a sepultura?... Vai... deixa-me para sempre... Não penses mais em mim... Separanos n'este mundo aquelle cadaver querido..... Expia, si pódcs, o teu crime... Adeus para sempre!

Precipitou-se Lianor por um corredor escuro, e desapareceu-lhe em um instante da vista, não lhe dando tempo e nem forças para acompanhá-la.

Olhou Cortereal attentamente para Affonso de Vasconcellos. Vio-lhe o semblante pallido, os olhos sem luz, as vestes ensanguentadas, o corpo frio e immovel. Rasgou-se-lhe o coração diante de uma scena tão dorida, que lhe feria o intimo d'alma. Sentio humedecerem-se-lhe os olhos, e inundarem-se de um rio de lágrimas, que lhe

rebutaram como de uma catadupa que se rompe subitamente.

Predominaram a razão e os sentimentos mais nobres do peito sobre as paixões extraviadas. Ajoelhou-se lentamente perante o cadaver, como si fôra um altar. Escaparam-lhe dos lábios palavras suffocadas pelo soffrimento que lhe amargurava o coração.

— Oh! alma nobre e sublime! — exclamou — Perdoaste-me na hora da morte! Que fazer agora para tornar-me digno de teu perdão?

Ergueu os olhos para o céo, levantou-se, sahio do aposento, deixou a casa, e seguiu pelas ruas ainda desertas de Lisboa.

O CONSELHO

Wer nicht sein Brod mit Tränen ass,
Wer nicht die kummerwallen Nächte
Auf seinem Bette weinend sass,
Der kennt auch nicht ihr himmischen Mächte.

GOETHE. — *Gedichte.*

Vagou Cortereal todo aquelle dia pelos arredores da cidade de Lisboa, sem que se apercebesse por onde andava, o que fazia, e que sorte ou destino lhe cumpria seguir. Ora cosia-se com o Tejo, e descia até quasi á barra, não pouzando em sitio algum, não concedendo um só momento ao repouso. Entravam e saham navios

ornados de bandeiras multicôres, e saudados com aclamações estrepitosas dos navegantes e dos espectadores que se alegravam em avista-los. Não lhes prestava atenção; não lhe mereciam cuidados. Ora internava-se pela terra, trepando os morros e respirando o aroma delectavel das campinas que se desdobram a perder de vista, sem que sentisse os seus perfumes, se deleitasse com o magnifico espectaculo que ellas offereciam, e nem entendesse a linguagem muda mas ineffavel e deliciosa da solidão e do retiro. Procurava ás vezes os templos, penetrava os seus umbraes, ajoelhava-se ante os seus altares, e tudo parecia commetter machinal e insensivelmente. Nem os canticos tristes e monotonos dos monges, nem o orgão sonoro e merencorio que lhes acompanhava as orações e preces, arrancavam-no da perturbação em que se lhe prostrára o espirito, e se lhe afogára o animo.

A' queda da noite, e ás primeiras escuridões da atmosphera, voltou para o centro de Lisboa, e encaminhou-se por um estreito becco que subia para o castello de São Jorge. Bateu á porta de uma casa velha, baixa, pequena, immunda, já quasi em ruinas, e que ameaçava desmornar-se a cada momento. Esperou resignadamente que lhe abrissem os ferrolhos e lhe dessem entrada.

Appareceu-lhe um homem côr de cobre, com as vestes rotas que pareciam andrajos, macillento e descalso. Animava-o porém ainda a mocidade, e manifestava robustez e força da idade. Pertencia á nação dos Jáos, de que abundava então Portugal, com o trato e communições mercantis que entretinha com a Asia. Era sua patria a ilha importante de Java, aonde costumavam buscar ricas mercadorias as armadas que se destinavam aos mares da India.

— Antonio — perguntou-lhe Cortereal — está em casa seu amo?

— Senhor, sim. — respondeu-lhe o Jáó — doente sempre e de cama. Pobre e esmolando o pão para comer. Desamparado de todos, mas não do seu escravo Antonio.

Escancarada a porta da entrada, que mal se escorava em esteios fracos e carcomidos pelo tempo, achou-se Cortereal em um quarto escuro, posto allumiado por uma miseravel candêa de ferro pendurada na parede. Uma mesa quebrada, um velho banco de páo duro e uma marquezza coberta apenas com uma esteira rota e quasi negra, formavam-lhe toda a mobilia de que se ornava.

Estendia-se sobre a marquezza um homem velho e gasto, não pela idade, mas pelos trabalhos da vida e desgostos do mundo. Esfarrapado capote de lã cobria-lhe o corpo, e deixava-lhe

livre apenas a cabeça. Rugas immensas cortavam-lhe a physionomia, posto escondida sob longa e espessa barba ruiva e retorcido bigodé. Brillava-lhe o olho esquerdo com fulgor extraordinario e reluzente chamma. Fechava-se o outro por fórma que se diria perdido para a luz do dia. Pairava-lhe por cima do rosto uma sombra melancolica, bem que serena e tranquilla.

— Louvado seja o Senhor Deus, que vos trouxe aqui — disse a Cortereal o velho desditoso. — Nos ultimos arquejos da vida saboreia-se melhor a fortuna de ver uma face de homem, e ouvir as vozes de um amigo.

— Um amigo, sim — respondeu-lhe Cortereal. — Mas um amigo mais infeliz que vós mesmo ; um amigo que vem supplicar-vos vossos conselhos e exhortações para o transe mais amargurado da existencia.

— Assentai-vos — replicou-lhe o velho seguindo a expressão dos labios com um gesto nobre e bondadoso.

Approximou-se d'elle Cortereal. Beijou-lhe a mão descarnada, que se estendia para apertar-lhe a sua, e prostrou-se' antes que se sentou no banco encostado á parede.

— Muito hei soffrido na vida, meu filho, meu caro filho! — disse-lhe o velho com uma voz sonora e maviosa, e uma accentuação demorada que lhe affeiçoava as sympathias de quem o ouvia. — Deixai-me tratar-vos assim, porque sois moço, e sobre minha cabeça passarão já cincoenta e quatro janeiros; porque vos concedeu a Providencia divina espirito e engenho, e eu sei prezar os dotes elevados da natureza; porque conheço as qualidades excellentes de vosso coração, e eu tenho encontrado raros no mundo que as possuam e alimentem; porque amais a patria,

e eu por ella dei o meu sangue, e os recursos da intelligencia que recebi de Deus, e posto— ingrata! — me abandonasse de todo, não a ella, mas aos homens que a governam e dirigem, attribuo meus lamentos e queixumes, e no futuro espero que me vingue a memoria!

Parou um pouco. Pareceu o velho lembrar-se da vida passada. Assomaram-lhe ao espirito os multiplicados eventos da existencia errante e peregrina que atravessára, e dos perigos e riscos que o tinham avexado.

Não ousou Cortereal cortar-lhe o fio das cogitações que lhe apouquentaram o animo entristecido. Estava em presença de um homem que estimára sempre, e apprendêra a respeitar e admirar desde os mais verdes annos.

— Contai-me vossas desventuras, meu filho!
— repetio o velho, abafando por fim no intimo do peito as suas reminiscencias, e dirigindo-se com

curiosidade e benevolamente para Cortereal.—
As magoas expansivas e communicadas a um
amigo diminuem de força e trazem allivio á
alma. Confiai-me vossas dôres com a maior
franqueza!

Pairava o Jáó em um canto do aposento, em
pé e immovel, com a cabeça vergada, os olhos
fitos no chão, e os braços cruzados sobre o peito.

— É o meu companheiro que me resta, e o
amigo unico que me não deixa! — continuou o
velho apontando para Antonio.— É quem me soc-
corre hoje, esmolando pelas ruas para que eu
possa alimntar-me. Nada tenho nem para co-
mer, filho! Não vos arreceieis da sua presença.
É uma pedra de onde não sahem segredos que
se lhe confiem!

Ergueu-se Cortereal. Chegou á janella baixa e
escura da casa. Desatou-lhe umas cordas que a
fechavam, e respirou um atomo de ar livre. En-

cerrou-a de novo. Deu alguns passos pelo quarto, exhalando suspiros doridos. Appropinquou-se depois do velho, e disse-lhe no meio de repetidos soluços que lhe embargavam a voz estremeçada :

— Fui arrastado a commetter um crime hor-
rível ! Borrifa-me o sangue da minha victima.
Agita-se-me a consciencia com revoltosos remor-
sos ! Tende piedade de mim, Luiz de Camões !

Era Luiz de Camões o velho, o poeta primo-
roso, o cantor excelso da patria, o guerreiro il-
lustre da India. Quem lhe ignora a vida attribu-
lada ? Que homem ha ahi pelo mundo, a qual-
quer nação que pertença, e lingua que falle,
que desconheça a ousada valentia da sua ima-
ginação, os soberbos vôos do seu espirito, a
altura immensuravel do seu genio, as obras
portentosas de infinda poesia, que deixaram-lhe
immoredoura nomeada ?

Em Ceuta, em Gôa, na China, em Macáo e nas Molucas, provára com as armas o seu ardimento e denodo. Perdêra o olho direito em um combate naval. Naufragára na foz do rio Maconde. Mimoseára a patria, o mundo e as letras com o seu famoso poema dos *Lusiadas*, inspiração alterosa do espirito e do patriotismo.

Desamparado pelos contemporaneos poderosos ; reduzido á maior pobreza e miseria, isolado em uma choça desprezível, e privado de amigos, compellíra-o a indigencia a mendigar soccorros de subsistencia aos frades do convento de São Domingos, e ao Jáo fidelissimo que para elle esmolava nas ruas e praças de Lisboa, e que desde a India o seguíra, e partilhára a sua sorte malaventurada.

Produziram grave impressão em Camões as palavras ultimas de Cortereal. Agitou-se na marquezia, lançou fóra o esfarrapado capote, pôz-

se de pé, e segurou-lhe no braço, mirando-o cuidadosamente.

Sua estatura grossa e medianá, seu rosto carregado, as chammass que rebentavam-lhe do olho esquerdo, e os movimentos que commettêra, acabrunharam mais Cortereal, que não pôde proferir palavra.

— Crime! crime horrivel! — clamou Camões.
— Que dizeis, filho? Que as desgraças do mundo, as injustiças dos homens, as perseguições dos potentados, nos apouquentem e avexem... é da ordem das cousas. Deus assim fez a sociedade, e reserva lá para a eternidade o castigo e os premios. Mas crimes? E a virtude aonde mora, aonde pousa? Para que a alma se entranhou no corpo da creatura? De que serve esse atomo espirital, celeste, immortal, que sobreviverá ao que é pó e terra?

Lançou-se-lhe aos pés Cortereal como o peni-

tente perante o confessor. Estorcendo-se em agudos soffrimentos, communicou-lhe o que lhe succedêra, e abriu-lhe o intimo do peito.

— Infeliz, mas não criminoso! — disse-lhe Camões depois de ouvir-lhe attentamente o discurso. — Chora, mas não tenhas remorsos, que foi obra do acaso, da loucura e do preconceito a acção que commetteste involuntariamente. São sempre os homens os mesmos! Nobres! nobres! Eu o senti por mim, experimentei-o, e paguei-o com meus sacrificios e martyrios! Não derramaram sangue estas mãos, que não fosse em combate regular e em azeda peleja, mas o mesmo que a ti ter-me-hia acontecido, si os Ataydes me insultassem, desafiassem e arrastassem ao campo da luta.

Pronunciando estas phrases, subiram-lhe em turbilhão á mente mil contrariados pensamentos que o commoveram e compelliram a

conter-se. Teve forças por alguns instantes. Fallharam-lhe porém ellas, e continuou enterne-necido :

— Catharina! Catharina! Eu amei tambem como um louco. E acharam-me indigno e humilde... E fizeram-me agarrar como um escravo; atiraram-me a bordo de um navio, roubaram-me patria, amante, amigos; desterraram-me para além dos mares, para climas estranhos e inhospitos, para areas e terras de barbaros e inimigos. Curti penurias, miserias, fomes e sêdes. Supportei violencias dos meus, ferros de contrarios, tempestades e naufragios. E quando depois regresssei para Portugal e revi os lares... nem amante, nem amigos e nem patria encontrei mais.... Catharina.... baixára ao tumulto. Amigos... não me conheceram pobre e mendigo. Patria... esqueceu os brios antigos, mergulhou-se na decadencia, e precipitou-se no pego

das calamidades. Aos governos de reis valentes succedeu o dominio de mulheres e de crianças imprudentes, que a arrastam para onde... não sei!

Assombrou-se Cortereal com as palavras de Camões. Pensava até ahi que attingira ao cumulo das infelicidades, e reconheceu que maiores haviam acabrunhado o animo e prostrado as forças do seu velho amigo, que se conservava entretanto resignado, ainda que mais maltratado pela sorte e pela ingratição dos homens.

Derramou-se-lhe pela ferida aberta do coração um balsamo consolador, que posto lhe não tirasse a recordação penosa e amargurada que o annuviava, infiltrou-lhe allivio desconhecido e inesperado.

Abraçou-o em ancias apertadas, e disse-lhe pausadamente :

— Abençoada a inspiração que me trouxe á

vossa presença ! Abre-se-me um novo horizonte. Transformam-se-me as amarguras do peito ! Toma outra direcção o meu espirito. Obrigado ! obrigado ! Diante de mais acerbas dôres aca-
nham-se os meus soffrimentos. Cortam-me e envergonham-me mesmo vossas nobres expressões e superiores desventuras. E ousei queixar-me, cu que vejo a injustiça mais escandalosa do destino pairar sobre quem mais que nem-um outro Portuguez devia possuir um throno, si os thronos se dessem aos merecimentos e ás grandezas do espirito e da alma !

— Contem os impetos do vosso coração — respondeu-lhe brandamente Camões, recostando-se de novo sobre a marquezia, como affadigado pelo esforço extremo que praticára, ou comprimido pelas reminiscencias e saudades que lhe borbulhavam do peito e assaltavam-lhe á memoria.

— Antonio ! — Dirigio-se Camões para o Jáó,

que, immovel, quieto, mudo e firme na sua posição, presenciava a scena, parecendo-se com uma estatua de marmore.— Chega-te, Antonio e amigo. Estamos aqui tres entes desventurados. Mas tu... és o mais infeliz de todos, o mais resignado com a tua sorte e d'elles o mais nobre. Para me seguir na miseria abandonaste espontaneamente os teus parentes queridos e a tua ilha formosa e esplendida, e metteste-te no meio de gente que te despreza, porque não sabe apreciar as grandes qualidades e os thesouros valiosos do coração. Salvei-te a vida uma vez, por um acaso, e sacrificaste-me a vida que te ficou, expondo-te a morrer de fome como teu companheiro, a quem mais procuras valer que a ti proprio. Nem-uma queixa, nem-uma saudade, nem-um indicio manifestas de pezar! Quantos segredos e mysterios grandiosos escondes talvez n'essa alma pura e candida, quantas paixões so-

peias dentro do peito sem duvida attribulado!
É nós ousamos fallar de dôres diante de ti?
Quão fracos e covardes somos!

— Comprehendo-vos, Camões — exclamou Cortereal. — É sonho a vida, mas é mister que ella dure e acabe honrosamente. Faltando-me tudo na patria, corro a entrega-la aos Agarenos. Está D. Sebastião a partir para a Africa, acompanha-lo-hei, e arranque-m'a o ferro dos inimigos. Abençoai-me! dizei-me o ultimo adeus.

Atirou-se de novo aos braços de Camões, recebeu-lhe as despedidas, e partio promettendo a Deus consagrar-lhe seus ultimos dias de vida, combater pela religião e morrer pela patria.

A RESIGNAÇÃO

Lyre! encore un hommage à la vertu qui t'aime!
Assez tu dérobas des hymnes d'anathème
Au funeste Isaïe, au triste Ezéchiël!

VICTOR HUGO. — *Odes.*

Alguns dias permaneceu Cortereal ainda em Lisboa, occultando-se a todos os olhos, e fugindo a todos os amigos e conhecidos. Rodava ás noites pelas vizinhanças do palacio dos Vasconcellos, que pelo cerrado das janellas e portas, pela escuridão sombria e triste, parecia deserto e

abandonado. Não fulguravam ali luzes mais, musicas e cantos, que lhe davam agradável aspecto e attrahiam as vistas do povo.

Chamavam-lhe porém os olhos constantemente, e horas longas corriam sem que pudesse destaca-los do edificio, aonde lhe ficavam os seus amores.

Fôra simples o enterro de Affonso, que não o quiz o pai com aparato e magnificencia. Passados os dias de nojo, permittio que Lianor se apresentasse em sua presença. Não lhe dirigio um queixume, não lhe proferio uma palavra que recordasse o evento infelicissimo. Perguntou-lhe apenas o que em suas cogitações amarguradas resolvêra fazer dos dias de vida que lhe restavam.

— Não ha para mim outro destino — respondeu-lhe ella resignadamente — que não seja o claustro. Empregar-me-hei no serviço do

Senhor Deus do universo, e expiarei as minhas culpas e infelicidades na solidão e nas preces.

Existia em Lisboa, por esse tempo, um convento de freiras que adoptára o nome de Nossa Senhora da Ajuda. Estava edificado sobre o monte aonde pousa a moderna igreja da Estrella, como um ninho de aves solitarias. Eram agrestes as subidas, e difficultosa a entrada. Nem os restos existem mais hoje d'esse claustro então afamado. Jorrou-os por terra o terremoto de 1755, que deixou ruinas aonde foram outr'ora monumentos curiosos, reliquias e preciosidades raras. Desapparecêra a maxima parte dos edificios historicos que lembravam os seculos passados e os feitos dos varões illustres que ornaram a nação portugueza. Quasi todas as casas e predios de Lisboa, as ruas e as praças que a ornam actualmente, são novas e datam da reconstrucção da

cidade promovida e executada com vigor e celebridade pelo celebrisado marquez de Pombal, secretario de Estado d'el-rei D. José I°. Aqui ou ali escapou um ou outro monumento ao medonho cataclysmo que devorou a capital do reino, enterrou sob os seus destroços multidão copiosa de habitantes, e reduzio a cinzas uma povoação importante com o furor da terra, que se escancarou á semelhança de um volcão, gemeu, estorceu-se em dôres, e despedio fogos que incendiaram os edificios cahidos pelo abalo profundo e robusto, a que não lograram oppôr resistencia. Fallam mais altiva e intimamente ao coração as esparsas columnas que sobraram do terremoto, que as recentes obras do poderoso ministro, porque as glorias anteriores de Portugal impressionam tanto mais os animos dos seus modernos moradores quanto morreu n'estes o entusiasmo, e quebrantaram-se-lhes as forças do

espírito para os feitos grandiosos que soiam praticar os seus antepassados.

Como não assombrariam hoje as suas reliquias e portentos antigos, que manifestavam o vigor da idade, a robustez da fé, as aspirações altanadas do animo e os vôos sublimes do génio, si pudesse Lisboa guardar e desdobrar as suas historicas e gloriosas riquezas aos olhos do estrangeiro que visitasse seu felicissimo solo, admirasse seu clima delicioso e sua posição maravilhosa, espreguiçando-se nas aguas do Tejo, e entornada pelos sete montes que a assemelham á Roma, capital do antigo e moderno mundo?

No seio de uma esplendida natureza, mimoseada com todos os dotes do céo e da terra, depararia o peregrino com objectos que descobriam a patria de tantos heróes que assoberbaram o mundo com suas façanhas estupendas, e ven-

ceram e curvaram a posteridade com a sua fama e renome.

Para o convento da Ajuda retirou-se Lianor de Vasconcellos, e obtidas as necessarias licenças deu-se-lhe logo por acabado o anno usual do noviciado, e tratou-se immediatamente da sua profissão religiosa.

Apparentava uma tranquillidade serena, ainda que triste e merencoria. A nem-uma monja se queixava. A nem-uma amiga abria os segredos do seu peito. Dir-se-hia vocação espontanea que a roubava ao mundo, e a compellia a encerrar-se dentro dos muros do claustro. Mas si alguma religiosa pudesse penetrar na sua cella, ás sombras da noite, na occasião em que só, e entregue ás suas cogitações, velava submergida em dôres agudas ; ou dirigir-se para o seu leito nos poucos momentos em que se apoderava o somno do seu corpo afadigado, e predominava a força da na-

tureza, se aperceberia confusamente do seu sofrer recondito e sopitado pelas exigencias do mundo e robustez de animo resignado.

Escapavam-lhe dos labios estranhas palavras, phrases dissonantes, cortadas por suspiros desusados e atormentadores delirios. Suffocava-a a dôr, e anciava o peito descompassadamente. Perdia a face o roseo colorido que a realçava, e roxeavam-se-lhes os labios como a sombria violeta dos campos que se concentra ao toque do primeiro sereno da noite.

Estes soffrimentos, porém, denunciava-os só a si mesma, na sua cella, no seu leito. Ninguem os víra, e nem os suspeitára. Nem um olhar ou ouvido profano penetrára das portas para dentro, para os descobrir ou adivinhar.

Chegou o dia solemne da profissão. Desde as duas horas da madrugada começaram a vibrar os sinos uns sons funereos que se ouvem sómente

nas occasiões solemnes de um enterramento. Acenderam-se grandes tochas de cêra cobertas de crepe sobre os altares da igreja escondidos em negras roupagens. Lampadas de prata suspendidas nos centros das pequenas capellas ajudavam a lançar vacillante claridade sobre o luto de que se ornavam as paredes. Dir-se-hia preparado o templo para uma encommendação de finado.

A' cella de Lianor bateram docemente duas monjas. Sahio ella preparada para o acto sagrado. Introduzida em uma vasta capella separada por espessas grades de ferro do espaço do templo em que se facultava ingresso ao publico, e que se achava coberta igualmente com pannos pretos, deixaram-na a sós as suas companheiras, entre um grande crucifixo de prata que se erguêra de um lado e um tumulo que se arranjàra do outro.

Symbolisavam grandes ideias o dobrar dos sinos, o luto da igreja, o crucifixo e o tumulo. Desapegava-se do mundo, e para o mundo morria quem abraçava a profissão do claustro. Não penetravam mais n'aquelles umbraes as paixões da terra, os affectos da família, as lembranças da vida social. Com a profissão dizia-se um adeus eterno ao que se abandona fóra da solitaria morada. Pertencia a Deus como monja, e só a Deus devia consagrar-se pelo resto da existencia.

Para que se comprehendessem devida e profundamente os novos deveres e a nova vida a que se destinava a misera professa, armava-se a cruz para as suas preces; levantava-se o tumulo para o seu corpo, que transferindo-se da familia natural para o serviço de Deus, era n'elle depositado como um cadaver; soavam os sinos pela sua morte, que morta se devia considerar desde logo; cortavam-se os ares com os canticos das

monjas que encommendavam sua alma ao Senhor omnipotente, ajoelhando-se perante seus altares e pedindo-lhe a intercessão da sua inesgotável misericórdia, em pró da creatura para quem se acabára o mundo.

Encerrada na capella, encarou Lianor attentamente a cruz e o tumulo. Percorreu depois com os olhos os varios objectos que lhe ornavam os tectos e as paredes. Sobre um altar descansava uma bella estatua da Virgem Santissima coberta de vestes recamadas de perolas, e cercada de anjinhos que abrião socegradamente as suas azas brancas como a neve, adejando em torno da mãe de Deus, e sorrindo com a ineffavel innocencia da idade. As grandes figuras dos apóstolos estavam pintadas no tecto, rodeiando Jesus-Christo, que lhes fallava com aquella bema-venturança evangelica que denunciava logo a sua divindade. Varias e marmoreas estatuas

de santos occupavam os cantos da capella.

Todas estas figuras e estatuas se lhe afiguraram sentinellas postadas para a guardar e vigiar. Reconstituíam um povo fantastico de imagens, e ás oscillações das lampadas que bruxuleavam dir-se-hiam personagens vivas. Ali—ella a sós—no meio de una multidão inanimada, julgar-se-hia igualmente sem vida já, si as continuadas pulsações do peito, as paixões contrarias que lhe avassallavam o espirito, as vozes que lhe partiam do intimo da alma, lhe não prestassem o sentimento da realidade. Gelavam-lhe por vezes o sangue, e causavam-lhe rapido tremor como que vozes que ouvia, movimentos que cortavam a atmosphera, pisadas que echoavam pelas abobadas.

Reparou para as suas vestes brancas, que contrastavam com a negra còr de tudo que a circumdava. Investio-se de coragem e resolução.

Ajoelhou-se ante a cruz, e entregou o seu espirito ao Creador immortal da natureza.

Correram lentamente as horas, e appareceu por fim o crepusculo da madrugada, rasgando com suas primeiras claridades os vidros gothicos da capella, e espargindo raios de luz entornados em fios de chuva pelas lages do chão e pelas tristonhas paredes.

Era uma bellissima alvorada, que as sós terras meridionaes conhecem. Acordava a natureza toda com as suas galas e pompas, como que erguendo-se de um leito de rosas perfumadas. Derretiam-se os vapores melodiosos, que pousavam por cima dos tectos dos edificios, sobre a superficie dos tanques e as folhas das arvores. Ensaivavam os passaros a musica divina de seus canticos de amor e de ternura. Dou-ravam o firmamento nuvens radiôsas e esfogeadas do sol, que se levantava soberbamente

do lado das terras reconditas do oriente. Sentia-se o reboliço da cidade, que acabára o somno, e elle repercutia ao longe qual confuso murmurio de vagas do oceano, ou de indicios de tempestade.

Nascia para o mundo uma formosa manhã, e morria para o mundo uma formosa donzella. Echoavam hymnos alegres os objectos todos da criação, saudando os arreboes do dia, e dobavam os sinos do claustro chorando funebre e compassadamente pelo sentido passamento de um ente que descia ao tumulo.

No meio das orações dedicadas a Deos, corréra o pensamento de Lianor para a historia triste e miseranda da sua propria vida, por mais que ella se empenhasse em sopitar-lhe a reminiscencia. Sorrio-lhe a descuidada infancia no seio dos prazeres doces e suaves da verdura dos annos, que brilham como claridades

fugazes, e desaparecem como sonhos agradáveis, durando apenas o espaço que vivem as flôres. Succedeu-lhe a imagem de Cortereal, seu primeiro encontro, a origem da sua paixão, o correr dos seus amores, que alimentaram magníficos versos que elle escrevia em seu louvor, e que rivalisavam em graça e sentimento, e lhe haviam captivado o coração e exaltado o espirito. Amargurou-a por fim a lembrança da luta sanguinolenta, da morte de seu irmão querido, da presença do seu cadaver conduzido por Bartholomeu de Vasconcellos, e atirado ao chão diante de seus olhos, para a avexar com remorsos pungentes.

«Não posso... O' meu Deus! — exclamou ella. — Não posso... arrancar do pensamento estas scenas crueis, que me curtem o intimo do peito. Mas vossa bondade é infinita, e eu estou resignada ao sacrificio da expiação! Não vos

afflijais com as lagrimas que alagarem as lages d'este claustro! Ou si tão grande é o vosso poder, imploro-vos todo auxilio, sumi do meu espirito as inteiras reminiscencias do passado! »

Rebentou-lhe então dos olhos em borbotão um rio de pranto copioso, que lhe inundou as faces, parecendo esperar o momento mais opportuno e dorido para se precipitar com força desabrada. Descrever a scena intima que se passou é tarefa superior aos desejos e recursos do homem que ousa contar esta historia no só intuito de resalva-la do olvido, até que pen-na mais habil se encarregue de a transmittir aos posteros. Comprehenda quem puder no canticó das dôres terrestres os gemidos azedos e agudos que deviam partir o coração de Lianor, a quem abria o claustro as portas que a deviam separar para sempre do mundo, portas do sepulcro e da morte ainda em vida robusta,

e no meio de cogitações amarguradas, saudades profundas, indeleveis remorsos, e flutuações indecisas do espirito e da alma, que, parecendo resignada, sonhava como acordada ainda no seio de aspirações contrarias.

Immensa multidão pejou a igreja, arrastada pela curiosidade de assistir á profissão de uma monja. Começou a cerimonia por córos monotonos das companheiras, que acompanhavam as vozes melancholicas do orgão. Foi Lianor conduzida ao tumulo, estendida sobre elle, coberta com um manto preto salpicado de cruces brancas, e simulando um cadaver. Andou lenta a encommendação religiosa, para impressionar mais fortemente o seu espirito. Carregou-se depois o tumulo para o interior do claustro, seguido pelas monjas sustendo velas acesas.

Morrêra para o mundo. Estava consummado o sacrificio.

Tiraram-se em um momento da capella e da igreja as coberturas pretas e os indícios do luto. Renasceram as galas da vida. Alegrou-se o templo. Ouviram-se de repente hymnos festivos, sons encantadores de musica, vozes prazenteiras. Volveu á capella o cortejo das monjas, conduzindo a virgem com os habitos já de religiosa professa. Seguiu-se uma segunda cerimonia, que symbolisava o seu casamento com Deus, e a cadeia que a ligava pela vida aos altares e ao templo.

Terminados os actos tradicionaes da igreja, dirigio-se Lianor para um canto da grade, aonde a esperava Bartholomeu de Vasconcellos.

Era a terceira vez que lográra ver o pai adorado depois do passamento de Affonso de Vasconcellos. Na primeira se lhe apresentára elle irado conduzindo o cadaver do filho. Recebeu-a depois para lhe ordenar a solidão eterna.

Apparecia-lhe agora sem duvida pela terceira e ultima vez, que tinha já o ancião um pé na sepultura, e não tardaria em acompanhar o filho querido.

Ao lado de Bartholomeu de Vasconcellos achava-se um menino de doze para quatorze annos pouco mais ou menos, filho de uma sua irmã viuva, e que tinha o nome de Antonio de Souza. Mostrára desde criança propensão para as armas e para as lettras. Na falta do filho, chamára-o Bartholomeu de Vasconcellos para a sua companhia, e forcejava em vão em substituir com elle a vaga que no coração lhe deixára Affonso.

Foi frio e ceremonial o encontro de Vasconcellos com Lianor. Diziam-se o derradeiro adeus. Não se pensaria entretanto a despedida do ancião partida de animo paterno e amigo que se separava de uma filha das suas entranhas. Avexada

Lianor, e assoberbada pelos remorsos que lhe incitava a presença de seu pai, parecia que não podia balbuciar uma phrase, nem proferir uma palavra. Perdoava-lhe Bartholomeu de Vasconcellos? Não lh'o declarára nunca o velho, e temia-se ella com razão de ouvir-lhe pronunciar o contrario.

Prostrou-se aos pés de Bartholomeu, e beijou-lhe as mãos ressecadas. Um ao outro não fallou, nem se percebeu que elle lhe lançasse a benção paterna. Levantou-se ella lentamente, e traçava fugir-lhe já da vista, quando o ancião, pegando no braço do sobrinho, disse-lhe firmemente :

« Lembra-te do que te recommendei, e do que me prometteste cumprir? Presta aqui um juramento solemne. Men filho, Affonso de Vasconcellos, o meu unico companheiro de lidas, de trabalhos e de guerras, o arrimo da minha

velhice, a esperança do meu nome, o meu successor de façanhas e gloria... foi trahididamente assassinado. A causa da sua morte foi...

— Ah! meu pai! meu pai! — gritou-lhe Lianor interrompendo o velho — não me envergonheis por piedade diante d'essa criança!

Vio-a Bartholomeu estorcer-se em dôres agudas. Parou por alguns instantes. Continuou depois :

— Não direi a causa, não! Mas escuta, Antonio de Souza. Affonso de Vasconcellos foi trahididamente assassinado por Jeronymo Cortereal. Jura vingá-lo com a tua espada perante estes altares!

Ergueu o menino a mão direita, e disse com voz firme e resoluta:

— Juro-o!

Não pôde Lianor suster-se. Faltaram-lhe as forças, e cahio de subito por terra. Approxima-

ram-se as monjas, que se conservavam em distancia para permittirem liberdade ao pai e á filha. Carregaram-na nos braços para a sua cella. Saliu Bartholomeu do claustro, despedindo-se assim da filha, que não devia mais ver.

OS APRESTOS DA PARTIDA

Ay quanto de fatiga,
Ay quanto de dolor está presente
Al que viste loriga
Al infante valiente,
A' hombres y cabalhos juntamente!
La sesta, ay! te condena
O' cara patria, á barbara cadéna!

FRAY LUIS DE LEON. — *Ode Al-Tejo.*

— Que festas que dá el-rei, e sabe Deus só o que lhe reserva o fado! — dizia Camões para o Jáo, que o ajudava a caminhar por entre a immensa multidão de povo que se apinhava pelas

praças e ruas tortuosas de Lisboa no dia 17 de Junho de 1578.

— Antonio ! — continuou elle — gosta esta gente de espectaculos e aventuras. Dá-lh'os D. Sebastião com a sua partida para a Africa. E não vê o povo que elle vai enterrar o reino de Portugal lá pelos areaes de Agarenos, e terras de infieis inimigos. Oxalá se não réalise o meu presagio, feio como noite escura, horri-vel como tempestade, medonho como o grito de morte soltado d'entre as vagas furiosas do oceano !

Levantou o Jáo os olhos para o velho poeta, que assim lhe fallava avisada e melancholicamente. Sem proferir uma palavra, mostrava-lhe o indio que o comprehendia, e pensava como seu amo desgraçado.

— Pede , Antonio — repetio Camões — pede esmola ao povo para um soldado invalido e mori-

bundo, que derramou o seu sangue pelo rei e pela patria!

Tocou o Jáó uma especie de campainha que trazia consigo, para attrahir a attenção do povo, e gritou com voz sonora, triste e compassada :

— Portuguezes! Portuguezes! Dai-me uma esmola a Luiz de Camões!

Contemplava attonito o povo este grito da miseria, e a presença d'estes dous mendigos, que se misturavam com as festas que se deviam celebrar n'aquelle dia. Riam-se uns e viravam as costas, murmurando despezos. Dos bolsos de poucos sahiam algumas moedas de cobre, que se passavam para as mãos de Antonio. Não fez muito caso do velho a maior parte, e continuou nos seus folguedos.

Saltou do meio da turba um joven militar, que separando com força os que lhe empeciam o caminho, correu para o sitio aonde se

achava Camões, e atirou-se-lhe aos braços.

— Um soldado — disse-lhe Camões apertando-o sobre o peito.— Um soldado que moço ainda conhece, aprecia e preza sempre o soldado velho e inválido! Agradeço-te, Cortereal! És sempre o mesmo. Não te envergonhas de andrajos; não desprezas a pobreza. Já me não conhece esta gente toda. Far-me-hiam cortejo si minhas vestes apparentassem fortuna, e não esmolassem o pão para comer! Correi todos para os poderosos do dia!.. Mostrou-se-me já um amigo! No meu céo escuro resplandeceu uma estrella!

— Miseravel povo! — clamou Cortereal — que deixa morrer de fome o maior e o mais sublime dos engenhos da terra! Não repara que sóis, ó Camões, o mais nobre, o mais illustre, o mais digno dos Portuguezes, maior que todos os seus reis, todos os seus fidalgos, toda a sua côrte, todo o seu paiz!

— Deu-me Deos o engenho — respondeu-lhe Camões deixando cahir a cabeça cansada sobre o hombro do Jáo. — E' o primeiro dom do céo. É a inspiração sublimada, que levanta a creatura humana ao throno excelso do Omnipotente. Mas é sempre o engenho malaventurado na terra. Dá gloria, conduz porém á miseria. Dá fama, mas traz a fome. Alimenta, exalta o espirito, não soccorre porém o corpo. E' um dos peiores e mais funestos presentes que Deus derrama, porque exige sacrificios que não comprehendem os outros homens. Quem descobres em mim?

Aquelle cuja lyra sonora
Será mais afamada que ditosa!

E que se importa o povo comigo, que lhe cantei as glorias e transmitti aos posteros, em

indeleveis traços, a historia portentosa da patria?

— El-rei ! El-rei ! — clamaram muitas vozes dos populares, precipitando-se todos para o lado, e deixando caminho franco por onde passasse D. Sebastião.

Ouviram-se as trombetas. Rufaram os tambores. Tocaram os atabales. Um esquadrão de soldados a cavallo formava a guarda avançada do prestito. Seguia el-rei caminho da sé pelas ruas de Lisboa atonetadas de povo, que corria para vê-lo, sauda-lo com vivas, e admirar o joven soberano, em quem depositava as esperanças todas da patria. Levava após de si numerosa comitiva de fidalgos, homens d'armas, archeiros e criados. Estavam as ruas e praças, que devia atravessar o cortejo, juncadas de folhas e flôres diversas, como se usa ainda hoje nas cidades de origem portugueza, quer na Europa,

quer na America, prepara-las para as procissões religiosas e festas populares. Pendiam das janellas das casas estreitas e semi-arabes, ornadas de vidros multicôres, que brilhavam aos raios do sol figurando mil scenas divertidas, cortinas bordadas, verdes, encarnadas, amarellas, brancas, trazidas a maior parte de Macáo e Gôa para o luxo dos Portuguezes. Enfeitavam-se as portas com arbustos floridos, e ramos e grinaldas naturaes.

Postára-se ao lado d'el-rei D. Luiz de Athayde, a quem sua alteza elegêra ao principio para general da armada que devia partir para a Africa, mas por lhe reconhecer os bons e prudentes avisos substituiu-o por D. Diogo de Souza, guerreiro valente e destemido. Vinham depois D. Jorge de Lancastre, duque de Aveiro; D. Theodosio e D. Jaime, filhos do duque de Bragança; D. Antonio, prior de Crato; D. Manoel de Me-

nezes, bispo de Coimbra; D. Ayres da Silva, bispo do Porto; o duque de Medina Celli, embaixador d'el-rei de Hespanha Felippe IIº; Pero de Alcaçova, Francisco de Sá, e D. João de Menezes, nomeados para governadores do reino durante a ausencia de D. Sebastião, conjunctamente com D. Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa, que precedêra el-rei, e o esperava já na sé com os prelados da sua diocese.

Tropa numerosa commandada pelo coronel Amberg, o major Stukley, e o capitão Christovão de Tavora, desdobrando ao vento as bandeiras reaes das quinas portuguezas e das cinco chagas de Christo, fechava o acompanhamento.

Os gritos, vivas e applausos do povo repercutiam estrondosamente. Agradecia el-rei com gestos prazenteiros, virando-se para um e outro lado. Montava soberbo gincte ruço, que picava

de contente a terra em que pisava, e levantava galhardamente a cabeça, espumando pelas redes de ouro que lhe prendiam a boca, e lhe enfrejavam os impetos.

Era el-rei um mancebo esbelto, airoso e teso. Suſtentava aspecto marcial. O risonho semblante agradava geralmente, e affeiçoava-lhe todas as sympathias. Brillavam como fogo os olhos azulados com que o brindára a natureza. Trazia um rico capacete de aço luzente, com armas gravadas, e plumas esbeltas, que cahiam preguiçosa e artisticamente. Pendiam-lhe do lado esquerdo uma espada com copos dourados, e do esquerdo varios punhaes e armas que se empregavam nas guerras d'aquelle tempo. Botas compridas subiam-lhe além dos joelhos. Um saio de malhas lustrosas cobria-lhe o corpo. Cingia-lhe o pescoço um collar de aço lavrado. Fechavam-lhe as mãos e guarneciam-lhe parte dos braços

guantes de ferro primorosamente trabalhados, e de lavor finissimo.

Parecia alegrar-se com os seus subditos, corresponder-lhes aos affectos, e fallar-lhes aos enthusiasmos. Separavam os pagens, que camichavam a pé; e ao lado, as ondas de povo, para lhe abrir a estrada, e dar-lhe facil passagem.

— Gloria á patria e a el-rei! — exclamou Cortereal no momento, em que D. Sebastião se cosia com o grupo em que elle, Camões e Antonio se achavam misturados.

E voltando enthusiasticamente o rosto para Camões; continuou :

— Partimos para a Africa. Palpita-me o coração que louros e glorias immensas colherá sua alteza, e que Larache e outras praças berberescas cahirão breve em seu poder; e se annexarão aos seus dominios !

— E tu partes decididamente com el-rei? —
perguntou-lhe Camões.

— Sim — respondeu-lhe Cortereal, passando de repente do entusiasmo subito de que se aposára em presença das scenas que se lhe descortinavam aos olhos, para uma tal qual melancholia, que lhe dominou o rosto e a voz.

— Assim o quer o fado ! já supportei batalhas sobejas e derramei o sangue pela patria. Vistes-me, conhecestes-me em Damão e Diu. Desejava, ainda que moço, descansar na minha terra, e cantar-lhe os feitos e as glorias, seguindo ainda que de longe os vossos vãos altivos, imitando ainda que em escala distante e baixa o exemplo altanado e heroico que nos deu o vosso engenho magestoso. Sabeis porém que me cortou os desejos o destino cruel, e que me não resta recurso senão combater de novo até que em campos de infieis me corte a espada inimiga

os fios da vida, e rolem os meus ossos pelos areaes desertos da Mauritania.

—Africa ! Africa ! — gritou Camões como inspirado de subito. — Ha de ser a perda da minha patria essa terra amaldiçoada de Agarenos ! Lá vai el-rèi, que era a nossa esperança e a nossa gloria, procurar aventuras loucas, sem honra, e nem proveito. A substancia das riquezas de Portugal esvae-se... As melhores espadas correm a nodoar-se e desaparecer no deserto ! Estamos em vespas de grandes calamidades. Que temos na Africa afazer ? Não nos bastam Ceuta, Tangere, Marzagão, Alzira ? Para que mais Larache e outras praças ? Para abrir maior campo a guerras mortíferas, para perder o thesouro e a gente portugueza ? Que nos importam as brigas de Muley Molucco e de seu irmão ? Que garantias deixa sua alteza no seu reino ? Que é dos filhos, que é da prole legitima para um caso desgraçado e

fatal? Que triumphos podem lá compensar os sacrificios enormes que aqui se commettem? Que transtornos e calamidades causarão aqui quaesquer desastres que lá se soffram? Loucuras, loucuras de crianças!.. Deixe que a vontade da Providencia divina e a aza do tempo desmorerem e varram de suas impurezas a superficie das terras criminosas e perversas de musulmanos. Trate do seu paiz, cuide em seus subditos. Segure a Asia, que é o que nos fornece commercio, prosperidade, esplendores. Promova o progresso do Brazil, que é o que nos ha de alimentar e engrandecer no futuro. São já bem extensos esses continentes, e de facil conquista, e de lucros superiores ás diligencias. Faltam-me poucos e raros momentos de vida; chama-me o sepulcro. Ambicionára porém, e seria a minha maior gloria, levar da patria as melhores novas, quando me arrebatasse a morte. Penso... infeliz...

que me acompanhará a dôr de expirar com a patria! Ali está o Castelhana ás portas procurando tragar-nos e absorver-nos. Lá ambiciona o papa igualmente esta região maravilhosa. E el-rei deixa orphão o seu povo, e abandona-o á voracidade de estranhos, que não ha nacionaes da estirpe régia, e competentes para segurar-lhe a independencia!

Embargaram a voz de Camões lagrimas copiosas que lhe rebentaram dos olhos, e alagaram-lhe repentinamente o rosto. Teria cahido por terra, si lhe não sustivessem o corpo cansado o Jáo e Cortereal, que o seguraram e escorraram. Chorava o velho poeta pelo seu paiz, mostrando que nem a ingratiidão da terra, nem o abandono e desprezo dos homens, lhe haviam arrancado do peito o affecto, o amor e a dedicacão que consagrara á patria em todo o correr da sua vida attribulada.

Que Portuguezes lhe poderiam rivalisar nos brios e extremos patrioticos! Quem ousaria equiparar seus sentimentos aos do vate inspirado e sublime, que podia dizer com orgulho :

Vereis amor da patria não movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno.

— Ah! meu filho — continuou Camões depois de alguma pausa. — Em vão procurei repouso na vida'. Não fui feito para o mundo. Comer, beber, nutrir este corpo que se estraga, esta argila que se esbrôa quotidianamente e cahe em ruinas... Não... Arde-me flamma diversa no peito. Existe em mim um ente mais puro e brilhante. E' manifestado por uma alma que pensa, um coração que palpita, uma intelligencia que reflecte, uma consciencia que julga,

um espirito que sobe aos céos, e descobre outro universo que o deve acolher quando se destacar da materia. Não póde morrer com o corpo, tão differente na fórma e na essencia. Não póde ficar na terra, aonde tudo é pequeno e mesquinho, e tudo morre e some-se. Ha no homem alguma cousa de immortal e de eterno, que o não fez Deus á semelhança das arvores, dos animaes embrutecidos, e dos objectos vegetativos...

E deixando logo esta serie de cogitações philosophicas, que amam tanto as edades avancadas, enxugando o pranto, e limpando as faces amortecidas, disse para Cortereal:

— Quando a partida?

— De hoje a sete dias — respondeu-lhe Cortereal, — deve a frota levantar as ancoras e largar as velas. Deixarei Lisboa, Portugal, o meu berço, a terra da minha infancia, dos meus

unicos suspiros e amores! Empregarei os dias que me restam em deixar em bom pouso e recato uma filhinha que tenho, retrato fiel de sua mãe desgraçada!

Tens uma filha — retorquio-lhe Camões. — És feliz. Agradece aos céos. Tens em quem fitar os teus olhos, braços em que descanses na idade adiantada, suspiros que correspondam aos teus suspiros. É uma filha mina preciosa de puro diamante. Eu nunca tive filha e nem filhos. Faltou-me Catharina... e corro hoje miseravel por estas ruas, sem divisar rosto amigo que não seja o do meu pobre Antonio. És feliz... És feliz!

— El-rei! El-rei! — tornou o povo a gritar.

Voltava de feito D. Sebastião da sé de Lisboa, aonde se haviam benzido as bandeiras, e celebrado preces religiosas pela sua prospera viagem e triumphos almejados.

Ao passar por junto do grupo em que se achava Camões, olhou para o poeta, e parou parecendo reconhecê-lo.

Notou Camões este movimento do soberano, e ousou dirigir-lhe com voz forte e sonora as seguintes palavras :

— D. Sebastião, rei de Portugal! Attendei por um minuto a um vassallo fiel, que teve outr'ora

Para servir-vos braço ás armas feito :

Para cantar-vos mente ás musas dada.

Espantou-se el-rei, susteve as redeas do ardente ginete que anciava continuar caminho, e commetteu um gesto em que se notava um comprimento, e um signal de desgosto ao mesmo tempo.

— Rei de Portugal ! — continuou Camões —

Ides partir para a Africa, e não reparais que em abandono e orphão de monarcha e de successores fica o reino que vos concedeu a Providencia divina para governar e beneficiar? Que pensais ganhar ali? Em vez de guerra com mouros, fazei boas leis para o vosso povo, duplicai as suas riquezas, amelhorai a sua agricultura, promovei o seu commercio, obrigai a justiça que se distribue em vosso nome a ser recta e igual para todos. Em vez de conquistardes cidades e praças de Agarenos, de que não precisa a vossa corôa, lvantai novas cidades e praças em Portugal, concertai Evora que calie, reerguei Braga que se desmorona, salvai Viseu e Guimarães que fenecem, criai e guarnecei bastiões e fortalezas nas fronteiras, para que não fique o vosso reino á mercê de estrangeiros, que não acham resistencia em suas invasões ousadas afóra dos braços valentes de

Portuguezes. Em vez de derramar o sangue dos vossos bravos nas regiões perigosas de Fez e Trudante, dai paz ao vosso povo, promovei os seus melhoramentos, desenvolvei o gosto das artes e das sciencias, que só prosperam á sombra de tranquilllos favores. Em vez de carregar para o captiveiro de Marrocos milhares de subditos, restitui braços aos trabalhos industriaes e agricolas. Que vos importam as brigas de Muley Xarife e de seu irmão de Trudante? Lembrai-vos que da vossa viagem insensata pende o destino de Portugal. Não tendes ainda progenie que corte os vôos e aspirações de ambiciosos estrangeiros. É o cume da cabeça da Europa o reino lusitano. E arriscais corôa, sceptro, honra, gloria e tudo pelo só desejo de commetter valentias, quando fez Deus os reis para os povos, e não os povos para os reis?

Mirava-o D. Sebastião de alto a baixo, com

não disfarçados indícios de desprezo. Volvia-se para a sua comitiva como para atalhar-la de praticar contra o poeta alguma violencia. Apenas terminou Camões de proferir a sua falla desatenciosa, mas impregnada do mais puro patriotismo, disse o joven rei para o seu sequito :

— Pobre homem ! Tinha enghenho. Perdeu infelizmente o juizo ! Deixemo-lo, que está doudo !

Continuou a sua marcha, e o povo, no meio de applausos ao monarcha imprudente e cavalheiroso, voltava-se de quando em quando para o lado em que estava Camões, e repetia o que escapára dos labios d'el-rei :

— Está doudo !

Sorrio-se Camões de piedade, vendo essa multidão de gente allucinada, que zombava de seus conselhos prudentes. Contentou-se com recitar a Cortereal os seguintes versos que compuzera :

O favor com que mais se acende o engenho
Não o dá a patria, não, que está mettida
No gosto da cobiça, e na rudeza
De uma austera, apagada e vil tristeza.

— Cortereal — disse-lhe depois de alguma demora, e apertando-lhe estreitamente a mão — auguro mal d'esta empreza d'el-rei. Mas parte, parte com sua alteza. Acompanha-o na sua louca viagem e peregrinação insensata. Si lhe sobreviveres, canta ao menos a gloria da patria por elle perdida! Adeos. Vai colher louros, ganhar fama, fortalecer o teu engenho com novas scenas de guerras. Eu para mim tenho que breve deixarei o mundo, e não me verás mais. Quando em Macáo eu te lia as estancias dos meus Lusias, tu derramavas lagrimas densas e copiosas, e exclamavas que Portugal me devêra dar um throno, levantar-me uma estatua, e collocar-me no capitolio. Meu throno foi a miseria e a fome:

A VIAGEM

Tuas culpadas ruas estremecem.
Por toda a parte a morte te rodeia.
Cahida em terra jazes
De lívidos cadáveres juncada.

PADRE SGOZA CALDAS. — *Ode.*

Correram serenos os primeiros dias da viagem da frota que partíra de Lisboa. Toda a especie de embarcações, grandes e pequenas, navegando á vela ou a remos, de guerra e mercantes, acompanhava o que se chamava então esquadra. Na náó

principal se estabelecêra el-rei com os seus privados dilectos. Derramavam-se os fidalgos, os guerreiros pelos outros navios mais altanados. A tropa, os cavallo, as armas, as munições de guerra e de boca, levavam-nas os galeões menores.

Tocou em Lagos para receber soldados portuguezes, que deviam igualmente seguir para a Africa. Talhou depois derrota para Cadix, aonde era D. Sebastião esperado pelo duque de Medina Sidonia, que enviára ao seu encontro Felippe II^o, rei de Hespanha, a fim de entregar-lhe alguns terços de Castellhanos que o deviam coadjuvar na empreza.

Passaram-se dous dias ainda desde que salíra de Cadix, em que a Providencia pareceu favorecê-la com tempo excellente, briza á feição e mares socegados.

Toldou-se porém o firmamento ao romper do

terceiro dia. Rebentou horrisona tormenta, Formaram-se ao longe nuvens assustadoras, que a pouco e pouco cresceram, enlutaram a atmosphera, approximaram-se e cobriram os céos com uma negra espessura. Assoprou o vento com força; cahiram aguaceiros pesados; estalaram raios flammejantes; irritaram-se os mares; enfurceram-se as ondas.

— Velas e vergãs abaixo! — gritaram os mestres ao perceberem a tempestade.

Espalhou-se o susto. Amedrontaram-se os navegantes. Cortou-lhes os peitos um pavor extraordinario.

Que mudança notou-se nos semblantes e aspectos d'esses homens, que com inaudita coragem se haviam embarcado e contiado ás inconstancias dos mares, e que tinham visto a morte de perto, tantas vezes, e em tão repetidos encontros e combates, na boca de uma espingarda, na

ponta de um gladio, na direcção de uma setta, na explosão de um pelouro, sem que o menor indicio de medo lhes acobardasse o animo, e desbotasse as faces borrifadas do pó e do fumo das pelepas !

Dir-se-hia quẽ lhes era natural a carnagem das guerras, e que sabiam affrontar sobranceiros a morte no travar das lutas, no ardor e fogo dos certames, no zumbir das balas, no roncar dos tiros, no correr do sangue, nos arquejos dos companheiros, nos gemidos dos moribundos.

A morte porém no seio das vagas irritadas, que se batiam entre si como animaes bravios, avassalavam e enxovalhavam horrivelmente os navios, ameaçavam de sorver de um trago os navegantes, precipitando-os no turbilhão do Oceano sem fim e nem principio, occulto ás vezes inteiramente pela escuridão, reaparecendo outras vezes de repente ao lampejar e estalar dos coriscos que

bruxuleavam em fogos hediondos; morte assim em olvido, e sem gloria, attribulava de terror os mais valentes guerreiros, que maldiziam a sua sorte por não terem expirado no ultimo combate a que tinham assistido.

Augmentou-se com a noite o horror do espectáculo, e foi ella negra como uma mortalha, triste como um tumulo, solemne como o ultimo suspiro da vida. Os tufões com que o vento assaltava os navios, desencadeiando-se estrondosamente pelos mastros e enxarcias, destroçando, quebrando o que encontrava, mergulhavam os bateis até ao fundo das aguas, e quando elles voltavam á superficie balouçando quaes loucos furiosos, achavam-se alagados e submergidos no pego escancarado.

Nem-um navio avistava mais o outro. Tinham-se todos separado, e seguido rumo a capricho dos mares e do furacão, no meio das trevas que

os rodeiavam, e lles mostravam o sepulcro infallivel. De cincoenta embarcações chamadas de guerra, cinco galés e mais de oitocentos galeões, cuja metade seguia com D. Sebastião para Tangere a receber os auxilios de mouros que lhe promettêra o Xarife Mohamed; e a outra metade navegava em direitura para Alzira, aonde devia esperar por el-rei, todos os navios se desgarraram, e procurou cada um a sua salvação como pôde, e conseguiu logra-la.

Em transe tão amargurado conheceu então el-rei D. Sebastião o passo desastrado a que o haviam levado os máos conselhos de Pedro de Alcaçova, seu secretario de Estado, e um dos governadores do reino; as exhortações do papa Gregorio XIIIº, que lhe enviára para incitar-lhe os desejos de guerrear os mouros uma das settas com que tinham os infieis traspassado o corpo de S. Sebastião; os empenhos dos jesuitas, que

lhe aguçaram a temeridade do animo, e a propria natureza e imprudencia do character aventureiro com que o dotára a Providencia. Era extremo o perigo em que se achava, e não lhe assumiam razões mais ao espirito para recuar com dignidade e sem quebra do orgulho exagerado que o dominava inteiramente. Qualquer outro soberano descobriria na tormenta, que o ameaçava, um presagio infausto, e trátaria de esquivar-se ás calamidades agouradas, modificando os seus planos, e regressando na primeira oportunidade para a patria, á qual o chamavam de certo os mais caros interesses publicos, que devem sobrepujar sobre caprichos insensatos.

Desgraçado monarcha ! Via o seu poder, o seu sceptro de ouro, a sua corôa de diamantes, a sua vida, a sorte e o futuro do seu reino, que lhe haviam legado avós gloriosos, entregues ao alvitre e ingratição das ondas embravecidas e irri-

tadas do Oceano. Cada uma das vagas que batia no costado da náó a que se confiára, soltava-lhe um grito de arrependimento, e pungia-o como um remorso acerbo. Cada uma das rajadas do furacão que gemia sobre sua cabeça, afigurava-se-lhe uma punhalada que lhe rasgava o peito, e feria-lhe o coração. Cada um dos roucos sons da bosina do commandante, ordenando manobras aos denodados marinheiros, dir-se-hia a voz funebre do anjo da vingança que lhe pedia contas da sua loucura. Seus vassallos arrancados dos lares, das familias, do solo natal, para se finirem sem proveito e nem fructo para o paiz; seu povo desamparado no reino, á mercê dos innumerados e ambiciosos estrangeiros que allegavam direitos de successão á corôa, e aspiravam a absorver em seus dominios a terra preciosa e gloriosissima que ganhára immortaldoura fama; as fallas patrioticas de sua avisada

avó D. Catharina e do seu estadista consummado D. João de Mascarenhas; formavam, adejando em torno de sua imaginação acabrunhada, despidados fantasmas que se lhe apresentavam ao pensamento, para condemna-lo, avexa-lo e martyrisa-lo.

Ajoelhava-se perante a imagem do Salvador do mundo, tremulo como uma criança, e batendo nos peitos ao pedir misericórdia, como attribulado criminoso para quem se levanta o patibulo, e se abrem as portas inexoraveis da eternidade.

Medonhas scenas apresentava o galeão em que se embarcára Cortereal, porque era um dos que levavam mulheres a seu bordo. Gritos descompassados e doridos feriam os ares, confundindo-se com a desordem estrepitosa do mar, dos coriscos, dos raios e da tormenta. Impassivel conservava-se todavia Cortereal, no meio da prostração de todos os seus companheiros da viagem,

como si fôra simples e indifferente espectador, que se não devesse arreceiar dos perigos. Daria a suppôr até que se extasiava de admirado diante das scenas lugubres da natureza, e que lhe fallavam ellas mais á imaginação poetica, pelo seu desalinho e horrores, que lhe traziam riscos pessoas para a sua vida.

Não era a primeira vez que affrontava os mares e as tormentas; e que se via a braços com os perigos que cavam as ondas tumultuosas. Menos se attribulava porém agora de susto, porque o não segurava no mundo laço agradável, ou esperança e desejo de conservar-se n'elle. Nem a filha pequenina lhe fallava ao peito, que a paixão amorosa avassallára completamente, não lhe consentindo conservar affectos que lhe não fossem exclusivos. Succumbíra inteiramente o coração do pai sob o peso e jugo inexoravel do amante.

Encostado á amarra do ferro, que pendia da prôa do galeão, entregava-se a suas cogitações particulares, quando, volvendo de repente os olhos para o lado, descobrio perto de si outro homem, que parecia igualmente tranquillo, e o observava com attenção. Era o capitão do navio, Algarvio de nascimento, seu amigo da infancia, e seu companheiro antigo em varios sitios da Asia.

— Preparai-vos para morrer, — disse-lhe Manoel Perez sorrindo-lhe ironicamente.

Quem reparasse para a physionomia sinistra do capitão, ao proferir estas palavras, ganharia medo, si até então o não sentisse. Afigurava-se o todo de Manoel Perez uma d'essas figuras satanicas que Dante Alighieri esculpíra magistralmente no seu quadro das almas perdidas e condemnadas ás penas eternas do inferno. Saltavam-lhe das faces queimadas pelas intemperies

do tempo abonos evidentes de odio entranhado que ancía por explosão. Brotavam-lhe dos olhos chammas coruscantes como do feroz jaguára dos desertos americanos.

Estremeceu instintivamente Cortereal, e posto apparentasse serenidade enganadora, respondeu-lhe com fingido socego:

— Não de certo. Tenho já presenciado muitas tormentas, e são afamadas as do Cabo, que logrou-lhes o nome pelo repetido dos furacões que reinam em seus mares. Não lhes é esta inferior, se bem me lembro; não me assombra ella todavia. Mas... — mudando logo de som de voz, acrescentou-lhe, — não é terra aquella escuridão que avistamos pela prôa, e que nos deixa aperceber ás vezes o lume do corisco? A agulha marca o rumo de léste. Pela altura em que nos devemos achar, não será o cabo de Espartel? Tomai sentido, capitão Perez, que se

não mudais de rumo, naufragamos de certo.

— Que duvida! — replicou-lhe Manoel Perez.

— Tende-vos prompto para isso.

Rebenta n'este momento pela prôa um raio, lançando após de si claridade bastante para que se divise existencia proxima de terra, levantando-se em fórma de penedia immensa que se sumia nas nuvens.

— Capitão, por piedade! — grita-lhe Cortereal, — virai de rumo, que se perde o galeão, e nos matais a todos!

Sorrio-se de novo Perez, mostrando ancias de hyena que abre os dentes agudos, e arregala os olhos furiosos, medindo o espaço que a separa do homem imprudente que lhe falla á cobiça.

— Capitão Perez — exclama ainda Cortereal, — que pretendeis commetter?

— Não sei — respondeu-lhe o capitão — mas parece infallivel o naufragio.

— E porque o não evitais, empregando os meios, e dirigindo melhor o galeão? — disse-lhe desasosegadamente Cortereal.

— Porque? — respondeu-lhe Perez — sei-o eu mesmo? Posso-o acaso?

— Recae sobre vós toda a responsabilidade e todo o crime! — clamou-lhe Cortereal. — Qual é vosso dever? Não passais de um assassino, de um monstro!

— Ha mysterios aqui — replicou-lhe Perez um tanto amedrontado por estas expressões incisivas, e apontando para o seu peito.

— Que importam semelhantes mysterios? — continuou-lhe Cortereal. — Sois responsavel por todas as vidas que tendes a bordo, vidas innocentes, e que nem-um agravo vos fizeram; e que vos fizessem! Olhai que ha um Deos, capitão Perez! Não vo-lo denuncia esta desordem dos elementos, esta horrivel tormenta, esta vastidão e

fúria dos mares? Que monstro se igualará a vós nos castigos da vida eterna?

— Si ha Deos, para que reunio tantas cousas, e agglomerou-me no peito paixões tumultuarias? — exclamou Perez. — Vida já não quero, que a não posso gozar, tendo perdido todas as esperanças, toda a paz, toda a innocencia, todas as virtudes...

Estremeceu de subito Cortereal, e cravou n'este homem damnado os seus olhos chammejantes. Que mysterios o tinham allucinado e arrasado para feitos tão hediondos? Não lhe deu a occasião apertada tempo para mais ponderações. Um abalo geral sentio-se no galeão. Tocára no rochedo!

Quem não supportou ainda esse transe doloroso, não póde ao justo imagina-lo. Gelado frio traspassa as veias; pára o sangue; some-se a voz na garganta; cessa o coração de mover-se; desaparece a vida.

Não ha valentia e coragem de homem que afrente a situação, e a possa encarar com alguns visos de luz. Não ha espectaculo de mais horror no mundo. Nem os terremotos, que desmoronam cidades, e nos quaes se ouvem os gritos, os gemidos e os suspiros das victimas, se podem comparar com as scenas mudas que assaltam os navegantes ao repentino choque de navio que se esbroa na pedra atirada nos mares, e em convulsões ferozes e doridas dá signal de alerta.

Passado o primeiro momento solemne, agarrou-se Cortereal ao braço do capitão, e disse-lhe com voz e gesto de desesperado :

— Livrai-nos, salvai-nos como puderdes !
Senão, morreréis aqui já ás minhas mãos !

O proprio capitão havia tido medo, e parecia não dar indicio de vida.

Saltára do porão ao convez toda a gente que se achava no galeão. Soaram gritos após do

silencio que primeiro assoberbára a todos.

Pela segunda vez encontrou-se o navio com o rochedo, e pela segunda vez pareceu despedaçar-se. O mastro de ré não pôde resistir ao abalo, e arrebitou pela raiz, precipitando-se pela pôpa, que o acompanhou em pedaços, carregando para o mar muitas pessoas que ali se haviam agglomerado, e que as ondas engoliram de prompto. Correu o sangue dos feridos, e alastrou-se o convez com os corpos dos que não forão lançados fóra do galeão.

— Lanchas ao mar ! Lanchas ao mar ! gritou Cortereal. Dir-se-hia volver então á vida o capitão Perez. Correu a ajudar a manobra, e a cortar as amarras que seguravam as lanchas. Reganhou forças áquella voz poderosa, e diante da gravidade do evento pareceu pretendêr expiar os seus remorsos com extremas diligencias, salvando ainda as pessoas que existiam. Cobra-

ram os marinheiros animo, prestaram-se muitos dos passageiros a coadjuva-los, e um instincto mais que outro motivo compellio todos a obedecerem intelligentemente ás ordens de Cortereal e do capitão Perez.

Ao atirarem-se ás lanchas, e por mais ordem que seguiram, cahiram alguns no mar, e se afogaram. Conseguiu todavia a maior parte largar o navio, que apenas abandonado recebeu terceiro choque do rochedo, e se afundou no seio das ondas.

A BATALHA DE ALCACER-QUIBIR

S' ode á destra uno squillo di tromba ;
A' sinistra risponde uno squillo :
Di ambo i lati calpesto rimbomba
Da cavalli e da fanti il terren.

MANZONI. — *Carmagnola.*

Chegára por fim a Alzira el-rei D. Sebastião, e reuníra o seu exercito expedicionario. Alguns dos navios da frota haviam desaparecido na tormenta que a assaltára, e nem mais d'elles e nem dos homens que levavam a seu bordo logrou noticia o soberano.

Salvaram-se felizmente no cabo de Espartel as lanchas destacadas do galeão commandado por Manoel Perez. Vingou o capitão com a bravura e pericia, que manifestou no momento do naufragio, as faltas e tentações do crime que parecia desejar commetter de caso pensado. Soffreram fomes e abandonos, seguindo por terra para Alzira, que era o destino final da expedição, e praça dominada pelas forças portuguezas.

Ligou-se o capitão Perez a Cortereal, e prometteu-lhe guerrear os mouros em expiação dos seus feitos, tomando praça no corpo dos voluntários, a que se achava addido o seu companheiro no posto de official.

Confessára-lhe o estado de allucinação em que havia cahido, divisando entre os passageiros uma mulher que elle amára como louco, e que o desprezára por outro homem, que por

acaso se achava igualmente a bordo do seu navio. As reminiscencias que lhe levantára a sua presença; as paixões vingativas que lhe incitára a felicidade do seu rival; a ideia de que os podia submergir no seio das ondas furiosas; a falta completa de principios moraes, e de dogmas religiosos, que lhe amaciassem o espirito, e lhe contivessem os impetos desordenados; atribularam-lhe o animo feroz, e aguçaram-lhe os instinctos perversos, que depozera a natureza no seu peito, e que sopitavam quaesquer aspirações nobres e virtuosas.

Convocou D. Sebastião os seus generaes a conselho. Opinaram os guerreiros mais avisados que era indispensavel toda a prudencia na guerra que se encetava. Não passava o seu exercito de vinte e oito mil soldados, portuguezes, allemães, hespanhiões, e italianos assalariados. Posto se lhes appreciasse a bravura e disciplina, e fossem

commandados por cabos destemidos e amestrados nas guerras, escorados só na tactica, na paciencia e no tempo, lograriam affrontar e vencer as tropas copiosas de Muley Molucco, rei de Fez, Marrocos e Trudante, que organisára exercitos compostos de mais de cem mil homens, e apoiava-se em terrenos por demais favoraveis e defensivos dos seus dominios africanos? Faltára o Xarife Mohamed, desthronisado pelo Molucco, ás promessas que em Portugal fizera a D. Sebastião, afiançando-lhe reforços possantes de seus partidarios, que se uniriam a el-rei logo que pisasse as terras agarenas. Poucos se lhe haviam ajuntado, e preferio a maior parte entregar-se ao serviço de Muley, que representava o odio tradicional dos musulmanos contra os christãos, e a independencia dos Estados berberescos ameaçados pelos seus inimigos da peninsula europeá.

Enquanto constituíra a luta uma guerra civil, fallavam e preponderavam as sympathias do coração em pró de Muley Molucco, ou do Xarife Mohamed. Nas divisões interiores decidiam os partidos, e destroçavam-se mutuamente. Procurára porém Mohamed o soccorro de christãos. Ao lado d'elles saltára nas plagas africanas, e pisava o solo, esquecendo os deveres da sua crença, constituindo-se vassallo d'el-rei de Portugal, e combatendo com os christãos, que eram reprobos na opinião geral da raça arabiga, e a haviam expellido das Hespanhas, e de Granada particularmente, que consideravam os agarenos sua patria natural, seu berço dourado, e sua propriedade legitima, guardando sempre nos peitos desejos ardentes de recupera-la, e odios e vinganças exterminadoras e eternas contra os seus dominadores.

Desprezaram assim o mouro que se destacava

da sua grei, e recorria a estranhos inimigos no só intuito de saciar sua ambição de dominio. Reuniram-se os partidos todos em torno de Muley Molucco, reservando a liquidação das suas contas para depois de exterminados os christãos invasores.

Não ouvio porém el-rei D. Sebastião o conselho dos experimentados. Ardia seu animo por pelear, e logo. Demorar a guerra, prolongar a luta, e voltar para o seu reino sem ganhar uma victoria, e nem cingir uma corôa de louros, parecia-lhe uma vergonha superior a uma derrota, depois que publicára ao mundo inteiro os seus intentos, e alardeára tantas ufantias, a que o só esplendido triumpho poderia corresponder dignamente.

Deliberou-se imprudentemente a não esperar ataques do Molucco, e a sair-lhe ao encontro, offerecendo batallia campal na primeira occasião e sitio em que lograsse pillha-lo. Tachou de covardes os pareceres de alguns dos chefes portu-

guezes mais abalisados. Preparou o seu exercito, e pártio com elle de Alzira, confiando na sua estrella, que lhe sorria, e nos agouros, que adivinhos impostores e eiganos refalsados lhe tinham prognosticado no reino, e que lhe fallavam ao animo juvenil e por demais eobiçoso de gloria.

À duas leguas distante de Alzira pereebeu-se a approximação do inimigo, que contando com a sua força superior proeurava igualmente o exercito portuguez, cujo pequeno numero soubera o Molveo pelos espias que entornára em todo e paiz, e no proprio campo de D. Sebastião. Fizeram alto as tropas portuguezas nos areaes de Aleacer-Quibir, posto lembrassem de novo alguns conselheiros d'el-rei, que mais lhe convinha regressar para os muros de Alzira, e eseorar nas fortalezas e defensas da sua praça a quantia inferior do sen exercito.

Raiou o dia 4 de Agosto de 1578. Avistaram-

se e acharam-se em frente os dous exercitos contendores. Guiado por sua cabeça insensata,`decidio logo D. Sebastião que lhe devia caber a honra de primeiro accometter o inimigo, e ataca-lo nos reductos com que se circumdára Muley Molucco apenas descobrio a presença d'el-rei de Portugal.

Collocaram-se os christãos em ordem de combate, ao romper da alvorada, estendendo-se pela planicie em tres linhas, commandada a primeira de voluntarios pelo coronel Amberg, pelo capitão hespanhol Aldaña, e pelo cavalleiro Stukley; e as duas outras de tropas disciplinadas de regimentos lusitanos obedecendo ás vozes e direcção suprema de D. Sebastião. Dous esquadrões de cavallaria contavam por capitães o duque de Aveiro e o Prior do Crato. A' frente de um reforço de cerca de mil e quinhentos agarenos collocou-se o Xarife Mohamed.

Era o campo de Alcacer-Quibir cortado pelo rio Luceo, que o dividia em zigzags pittorescos, deixando de um e de outro lado areas que desapareciam á vista pela sua extensão e falta completa de vegetação. Não se lhe descobria uma arvore, um monticulo, um serro, que variasse e alegrasse o horizonte. Tristes as margens do rio, merencoria a terra, lugubre o sitio e deserto, dir-se-hia o logar preparado adrede pela natureza para uma vasta necropole mais que para habitação de homens.

Descortinava-se do outro lado do rio, e pela largueza toda do terreno, o exercito copioso dos mouros, montando a mais de cem mil homens, e que se devia considerar tanto mais poderoso quanto contava numerosa cavallaria, que só por si excedia a quantia inteira das tropas portuguezas. Habeis generaes o commandavam, e tomou elle posições em fórma de uma meia lua,

guarnecida nos extremos e no centro pela cavallaria, e apoiada nas ribanceiras do rio.

A's dez horas da manhã mandou D. Sebastião soar o toque da avançada, e começar a batalha. Vibrava já o sol raios abrazadores, que esparziam calor desusado e fatigante, que era mais um elemento contrario aos Portuguezes, não acostumados ao clima quentissimo da Africa, e ao fogo que brotava das areias do chão, e subia a requeimar-lhes os rostos, suffocar-lhês a respiração, e vedar-lhes os olhos com os atomos imperceptiveis do pó que d'elle se destacava finamente.

Ao lado do estandarte real, que sustentava o joven duque de Barcellos, achava-se el-rei D. Sebastião montado em um ginete rosilho, arcairelado magestosamente, e cercado por quatro palafreiros, que seguravam outros cavallos promptos para o seu serviço.

Trazia um capacete de aço fino, ornado de duas bellissimas plumas pretas com que o presenteára o duque de Alba, e que lhe cobria o rosto, e se lhe fixava ao pescoço com escamas de ouro. Cerrava-lhe o corpo um saio de malhas prateadas, que pertencêra ao imperador Carlos V°, e com o qual se revestira este aventureiro monarcha na occasião de conquistar ao mauritano Barbaroxa a praça importante de Tunes. Pendia-lhe ao lado esquerdo a propria espada de D. João I° de Portugal, rei justamente celebrizado por haver sabido levantar á gloria das artes, posto envolvido nas lidas e guerras sangrentas do seu tempo, o pomposo monumento da batalha.

Ainda que enfraquecido pelos annos e quebrantado pelas molestias, quiz o Molucco assistir em pessoa á batalha cujo exito lhe não parecia duvidoso, e posto confiasse nos generaes que escolhêra, entendeu que a sua presença incitaria

melhor os brios das suas tropas, e seguraria mais facilmente a victoria. Mandou vir um cavallo, e descendo do seu palanquim habitual, montou-o garbosamente, levantando sempre com o braço um alfange ricamente esmaltado com o crescente de Mafoma, e atirando-se á primeira investida no seio do certame por onde lhe pareceu mais perigoso o lance.

Principiou o combate por um fogo de mosquearia, que estrugio como estrondo de raios e coriscos, e enlutou a atmosphaera, cobrindo-a com nuvens de pó e fumo.

Levaram de cima a victoria os Portuguezes n'este primeiro conflicto. Arremetteram com os mouros fogosa e rijamente. Mostraram-se dignos descendentes dos Albuquerque e Pachecos. Vadejaram os voluntarios o rio, e corpo a corpo atacaram os infieis e romperam-lhes as linhas dianteiras. Notavam-se no meio d'aquelles bra-

vos, dous guerreiros denodados, Cortereal e o capitão Perez, postados ao lado um do outro, commettendo prodigios de valor e obrando faganhas de temerarios.

— Avante! capitão Perez, — disse-lhe sorrindo Cortereal. — Patria e religião! El-rei e a cruz! Avante!

A' proporção porém que a força portugueza avançava contra os mouros, parecia que o numero d'elles progredia e crescia. A cavallaria agarena desgarrrou-se da infantaria, e seguio direcção de quem queria tomar a retaguarda do exercito de D. Sebastião, e cerra-lo entre o fogo dos infantiles e o numero copioso de cavalleiros, acabando de um golpe com tão diminuta quantia de christãos, que ousavam medir-se em batalha campal. Percebeu-lhe o Xarife o movimento, e tratou com o seu terço de transpôr o rio, e avisar os cabos portuguezes. Ao passar por uns queimados

sicomoros, deu com uma porção de infieis que lhe cahiram subitamente em cima, e destroçaram-no de todo em um instante, ficando mortos uns pelo campo, outros afogados no rio, e o resto prisioneiros logo, e carregados como trophéos da victoria, que se annunciava já em favor dos agarenos.

No centro entretanto é que mais se azedava a peleja. Cahia um soldado ferido por uma bala ou traspassado por uma estocada, passava-lhe outro por cima do cadaver, tingindo os pés com o seu sangue, mas tomando-lhe o lugar, e substituindo-o na fileira. Aos pelouros, ás balas, ás bombardas, aos tiros da artilharia e mosquetaria, succederam os golpes frios das cimitarras, espadas, lanças e punhaes, e cosendo-se corpos com corpos, lutando braços com braços, encontrando-se armas com armas, mortaes eram os golpes e inevitaveis, e o valor pessoal substitua

á applicação da sciencia e ao acerto dos planos e manobras estrategicas.

Não pôde sustentar-se o Molucco por muito tempo a cavallo e no seio do combate. Faltaram-lhe as forças, e, cahindo ao chão, foi em uma liteira levado pelos seus para fóra do campo da batalha. Suppria D. Sebastião a verdura dos annos com a valentia do punho e coragem do espirito. Tinha o corpo crivado já de feridas, mas nunca o atrahiçoaram os brios. Corria-lhe o sangue das veias, e via estrebuxar e fenecer nas ancias da morte, e cortados pelo ferro inimigo, guerreiros valentes, a flôr da sua fidalguia e dos seus favoritos: aqui Silva, Aldaña, Aguilar, Chacon, Vimioso; ali D. Luiz Coutinho, Vasco da Gama, Noronha, D. Jaime, Nuno Pereira, Vidigueira e Freire; mais adiante pagavam os bispos do Porto e de Coimbra a temeridade de abandonar o serviço espiritual da igreja pelo jogo

sangrento das armas, que empunharam como soldados valerosos. Não mingoavam porém as forças d'el-rei de Portugal, e nem se lhe quebravam os brios. Batia-se como leão raivoso, e seus golpes de ensaio contavam-se já como golpes de mestre.

Eis que um mouro enfurecido, percebendo recuar os seus numerosos companheiros diante de um troço de Portuguezes, quando já nas extremidades do campo andavam desbaratados os christãos, feridos na retaguarda pelos cavalleiros agarenos, que conseguiram cercar o exercito contrario, gritou aos seus soldados : « Allah! Allah! Victoria! » e lançou contra D. Sebastião pesado golpe de cimitarra, que, vibrando-lhe na cabeça com extraordinaria força, tonteou el-rei, e precipitou-o abaixo do cavallo.

— Allah! Allah! Victoria! — exclamaram a um tempo os mouros, e redobram de esforços.

Apenas cahio el-rei no chão, o mouro sacou da cinta um punhal, e avançou sobre o infeliz soberano para traspassar-lhe o peito. No momento em que o tocava quasi, uma forte espada dada lhe roçou pela cabeça, e ferio-o tão gravemente que o estirou morto immediatamente.

— Assim, capitão Perez — gritou Cortereal, transportado de jubilo pela façanha do companheiro, que não era outro o que salvára a vida d'el-rei n'aquelle transe arriscado.

Appropinquaram-se de D. Sebastião muitos valentes guerreiros portuguezes, resistindo á multidão de mouros que se agglomeravam n'aquelle sitio. Ajudado por Jorge de Albuquerque Coelho, recobrou el-rei alento, e tornou a montar em um novo cavallo, que este Brasileiro lhe offerecêra, e que era o seu, conservando-se elle de pé, e aconselliando a el-rei que se não expuzesse

a maiores desgraças, e cuidasse em salvar a sua vida preciosa.

« Allah ! Allah ! Victoria ! Gloria ao propheta ! »
Cortavam a miudo os ares estas vozes unisonas, e que partiam de todos os lados.

Restavam já poucos Portuguezes no centro do combate ; as extremidades das suas linhas tinham sido rotas e debandadas. Cercava-os a cavallaria musulmana, e recursos não sobravam mais talvez a quem se não houvesse já evadido.

Precipita-se um mouro sobre o duque de Barcellos, que sustentava ainda o estandarte das cinco chagas e das quinas portuguezas. Não pôde o joven fidalgo resistir com proveito aos golpes do agareno, e escapou-lhe das mãos a bandeira, arrastando-se por terra. Voam infieis para apanha-la. Não o pôde soffrer Luiz de Brito, e agarrando-se ao estandarte, defendia-o com o maior denodo, pretendendo morrer en-

rolado na gloriosa flammula. Correram em seu soccorro Perez, Cortereal e varios guerreiros. Travou-se em torno de Brito e do estandarte uma luta agra e porfiada. Cahio mortalmente ferido o capitão Perez. Tomou-o Cortereal nos braços, pensando restituir-lhe as forças. Disse-lhe porém elle, com voz interrompida já pelos soluços derradeiros da vida :

— É escusado todo o soccorro, amigo. Sinto que a morte me fecha os olhos. É expiação dos meus delictos. Perdoai-me, meu Deus, tamanhos peccados ! Rogai por mim !

E estorcendo-se em convulsões horriveis, apagou-se-lhe a vida como a um bravo, correndo-lhe dos olhos, já sem lume e nem fogo, uma grossa lagrima, que se confundio com o sangue que se lhe escoava a jorros pela face enfumaçada.

Foi talvez a unica lagrima que derramou o capitão Perez durante toda a sua existencia na

terra. Assistíra a eventos contrariados e a inauditos perigos. Víra mugir o oceano como o tigre dos desertos, que ancía escalar os céos á semelhança dos Titans antigos, e recúa espavorido como a criança diante do perigo. Perdêra as crenças e a fé, com o correr dos desastres que presenciára, sem que um amigo se empenhasse em arrancar-lhe do espirito o vicio do atheismo que o minára, e o precipitava sem remorsos na carreira dos crimes. Destinára-o a Providencia para deixar a vida n'esta batalha sangrenta e tresloucada, em que raros escaparam á morte, e grande parte passou para os ferros do captiveiro. Veio-lhe então uma lagrima aos olhos; sorriu-lhe á mente uma ideia nobre; pediu-lhe o coração a misericordia divina; abriu-se-lhe a alma, implorando o perdão!

Quando Cortereal largou o cadaver do capitão Perez estava prisioneiro dos mouros.

Terminou a batalha de Alcaacer-Quibir. Morreram n'ella tres soberanos, D. Sebastião de Portugal, Muley Molucco de Fez, Trudante e Marrocos, e Mohamed, xarife desthronisado.

Inundaram-se os campos de sangue; misturou o rio Lucco as suas aguas com sangue; alastraram-se os areaes com cadaveres; e converteu-se o sitio em tumulo de Portugal, soando ainda hoje doridamente em todos os peitos a reminiscencia cruel e desastrada d'esse dia infausto que deu o signal da decadencia da poderosa monarchia que fundára D. Affonso Henriques nas planicies celebradas de Ourique, e firmára e robustecêra D. João I° nas terras de Aljubarrota.

O CAPTIVEIRO

Cum repeto noctem, qua tot mihi cara reliqui,
Labitur oculis tunc quoque gutta meis.

OVIDIUS. — *Tristium*, etc.

Extrema e estrepitosa alegria arrebatou os mouros de Fez, ao regressar aos muros da sua cidade o exercito agareno victorioso. Posto lhes houvesse faltado o Molucco, que expirára no campo da batalha, satisfeito já com ter triumphado, tomou conta logo das redeas do governo,

e empossou-se do solio como successor outro irmão mais moço que lhe sobrava, e se chamava Muley, e acompanhára o rei finado á batalha de Alcacer-Quibir. Cópia enorme de captivos trazia o exercito, que recolhêra no campo e na fuga, e não eram menos de dez mil, que deviam produzir lucros proveitosos, já com os trabalhos a que deviam ser obrigados, já com as vendas a que ficariam expostos, já com o preço da redempção de que tratariam sem duvida os Portuguezes e o governo que ficára no reino, para os arrancar aos ferros e restitui-los á patria; e já enfim com as renegações que alguns commetteriam da sua fé e das suas crenças religiosas para como mouros gozarem de vantagens e não soffrerem padecimentos.

Escolheu o novo rei para o seu serviço particular os captivos que lhe pareceram de melhor linhagem e fidalguia. Repartio com os seus

principaes cabos de guerra e officiaes do exercito grande parte d'elles em premio dos seus feitos. Concedeu aos soldados os que em combate haviam desarmado e apprehendido. Remetteu para as casas publicas de venda de escravos o resto, que fôra desprezado por menos valioso e habilitado.

Uniram-se assim as vendas dos captivos da guerra com os demais christãos apanhados em piratarias no mar, ou em correrias em terras despercebidas das costas de Hespanha, Portugal e Italia, que continuamente assaltavam os Berbêrescos, causando devastações em seus inimigos, roubando-lhes as suas propriedades, e aprisionando os infelizes que lhes cahiam nas mãos, e se transportavam para os ferros e escravidão da Africa.

Eram horrorosas as scenas que se passavam nos mercados de captivos. Mulheres, crianças,

homens de todas as idades, mãis, filhos, pais e irmãos, amontoavam-se nas casas, e offereciam-se á venda. Familias juntas comprava ás vezes um só individuo. Destacavam-se a miudo os filhinhos dos braços maternos, a consorte do marido, e seguia cada um o seu dono, separando-se para sempre, no meio de lagrimas, de gritos de desesperação, e de crueis soluços. Cortava-se o coração de dôr, assistindo-se a semelhante espectáculo, de que se riam e mofavam os barbaros, que pagavam por maior preço os meninos, por mais susceptiveis de reduzir-se á sua fé, vestindo-os folgadoamente á moura, e pervertendo-lhes o animo juvenil e innocente.

— Meu filho! meu filho! — exclama ali a mãe, apertando nos braços o infeliz que lhe arrancavam á força...

— Abandonas-me, minha mãe, a estes malvados que me carregam? — perguntava o infante.

— Oh ! dôr ! esquecer-te-lhas do teu Deos, da tua mãi, de ti mesmo n'essa idade tão tenra, e te perderás para sempre com o contacto e influxo dos barbaros ! — gritava a desditosa como louca.

Não menos angustiado dava-se mais adiante outro successo. Comprava o Arabico uma mulher, que se desata em pranto abandonando seu marido, e partindo para o serralho do damnado agareno. Quebravam-se os laços religiosos, e desmoralisava-se á face de todos e diante do publico a honestidade e a pudicicia.

Achava-se Jeronymo Cortereal n'este mercado infando de captivos, presenciando scenas tão horrorosas, e anciando que á sua vez apparecesse igualmente algum musulmano que o comprasse e carregasse para longe de sitios tão reprobos.

Não tardou em agradecer a um velho mascate

renegado, que com outros á feição destinou para trabalhos agricolas de seus jardins e pomares.

Possuia Assan, dono de Cortereal, vastas e proveitosas herdades, e contava mais de cinquenta escravos christãos que empregava em beneficia-las. Ligava dous a dous, presos por ferros aos pés, e que viviam, trabalhavam, comiam e dormiam juntos sobre o chão duro, e em senzalas fechadas, para se não poderem evadir e escapar ao captiveiro.

Deram-lhe por companheiro de ferros um velho quasi decrepito e despido de forças, de cabeça calva inteiramente, barba longa e branca como a neve, olhos porém vibrantes ainda de togo e de espirito, posto manifestando a quebra dos annos e as fadigas do corpo.

Ao toque da alvorada acordavam-se os captivos, e guiados pelo empregado principal, armado de azorrague, que lhes não poupava á

menor falta ou capricho, applicavam-se aos trabalhos ruraes, descansando apenas durante todo o dia o tempo sufficiente para comerem o duro e mal amassado pão de milho, e o caldo negro de hervas, que se lhes dava por alimento unico. Restavam-lhes as noites para o repouso necessario, e esse mesmo perturbava-se muitas vezes com visitas e buscas que se commettiam nos seus escondrijos para vigia-los e fiscalisal-os, e com extraordinarios serões, a que eram compellidos quando se augmentavam as exigencias do serviço do dono.

Não tardou Cortereal em conhecer o seu companheiro de ferros. Pertencia á fidalguia pequena da provincia do Alemtejo em Portugal, e calíra prisioneiro dos agarenos nos encontros eternos que sustentavam contra os Portuguezes conquistadores de Tangere e Alzira. Muitissimos annos militára na Africa, e ha mais de tres fôra

aprisionado pelos mouros em um assalto que commetteram os seus chefes contra Alzira.

Em tão avançada idade fôra desprezado pelos cadis e principaes da terra, por lhes parecer de mesquinho preço. Vendido nos mercados publicos, passára depois por varias mãos, e supportára diversos donos, como de prestimo inutil já pelo definhado das forças phisicas, até que o renegado quasi de graça o reuníra aos seus outros escravos.

Feliz se considerava o velho infortunado por lhe conceder emfim a sorte um companheiro caritativo, que tomava parte nas suas dôres, ajudava-o nos seus trabalhos, e empenhava-se em alliviar-lhe as angustias que lhe curtiam no peito, e as saudades da patria que lhe sangravam o animo.

Fôra casado e tivera um filho. Nos assomos da sua alegria indefinivel, e durante uma curta

ausencia da sua quinta, uma quadrilha de ladrões e malfeitores lhe assaltaram a propriedade, mataram-lhe a esposa e dous criados que lhes resistiram, afugentaram-lhe outros que lhes escaparam, e carregaram-lhe o filhinho na mais tenra idade da vida, do qual não teve noticias mais para o lograr colhêr ás mãos, constando-lhe apenas no fim de espantosas diligencias que fôra abandonado, e fencêra sem duvida á penuria.

Deixára a patria que amava tanto ; a casa que lhe lembrava scenas tão doridas ; a herdade em que nascêra ; as arvores á cuja sombra descansava ; o ribeiro que o alimentava com as suas aguas deliciosas ; a capellinha aonde se baptisára e entrára para o gremio da verdadeira Igreja e da fé legitima ; e os amigos e parentes, cuja presença lhe avivava cada vez mais as amarguras do coração. Transportára-se para Ceuta ;

reuníra-se aos exercitos portuguezes, e dedicára-se aos misteres da guerra contra os Agarenos no intuito de sopitar as saudades do tempo feliz, e de morrer quanto antes no serviço de uma causa patriotica e gloriosa.

Em vez da morte nos combates encontrára o captiveiro, que fechava a carreira da sua existencia, como provança que lhe destinava ainda a Providencia divina antes que se dignasse de chama-lo á sua presença, e abrir-lhe as portas da vida eterna.

Confiára-lhe um amigo ao expirar em Alzira um menino de dez annos. Parecia tão bem dotado pela natureza; de indole tão propicia e virtuosa, que o tratava o velho como seu filho, e forcejava por desenvolver-lhe primorosamente as qualidades do coração e do espirito. No assalto que commetteram os mouros contra Alzira, com o velho aprisionaram ao menino, e posto

rechaçados, conseguiram voltar para Fez levando os despojos que haviam roubado.

Assistira á venda do menino em um dos mercados publicos, sem que lhe podesse valer, e do qual o separaram inteiramente. Víra-o depois vestido á turca, de turbante e roupagens mourescas.

— Que vestes são estas, ó Fernando?— perguntou-lhe o martyr ancião. — Que é dos outros trajos por onde te reconheceriam como seu irmão os filhos de Nosso Senhor Jesus-Christo?

— Não te afflijas, pai, — respondêra-lhe o menino. — Compelliram-me a isto, mas eu guardo a nossa crença e a nossa religião, e nunca a deixarei. Não mudam as vestes o que o coração conserva.

— Desgraçado! desgraçado! — foram as únicas palavras que pôde proferir o velho amargurado.

— Tens pão para me dar e que me sacie a fome? — continuou o filho. — Si eu o não fizera assim estaria já morto. Não te arreceis porém, olha para esta cruz que me gravaste no peito, — abrindo as roupas, mostrou-lh'a, — e aqui nos dous braços. São symbolos da garantia da minha fé, e lembram-me sempre minha religião

— Deixai esse velho... vinde — disse-lhe o musulmano que conduzia o menino.

— Pai, — retorquiu Fernando — chamo-me Fernando, e não Ali, como elles o dizem. Sou e serei christão sempre.

Carregou-o o mouro quasi á força, deixando o velho guerreiro prostrado e humilhado.

Soube depois que apouquentando-o o dono, e atormentando-o para que abjurasse a sua religião, e recusando-se com força Fernando ás suas exhortações e resistindo aos castigos que lhe infligiram, havia sido amarrado a um poste publico,

surrado ignominiosa e cruelmente, e maltratado por tal feitto, que se finou por fim em dôres moraes e em ancias atrozes, mas christão sempre, fiel á Igreja a que pertencia, e verdadeiro martyr.

Produzio impressão no espirito de Cortereal a historia do velho Portuguez, particularmente na parte que se referia ás cruces gravadas nos braços e no peito da criança.

Que significava este signal? Para que este symbolo religioso e christão? De onde lhe proviera a sua ideia?

Narrou então igualmente ao velho a sua propria historia. Fôra abandonado joven, e trazia tambem no peito e nos braços o mesmo distinctivo.

— Em que logar vos acharam? — perguntou-lhe o velho assombrado. — Deixai-me ver essas cruces, mostrai-me vosso corpo...

Abriu as roupas Cortereal. Patenteou ao velho os tres symbolos sagrados.

— Entre Evora e Montemor, á beira do rio, e no centro de um bosque copado de olmos, — respondeu-lhe Cortereal. — Ahi é que me encontrou o aldeão Pero, segundo m'o disse. Trazia pendurado ao pescoço este rosario de ouro com contas esmaltadas, e figurando uma firma ou distinctivo. Guardo-o sempre comigo, que me parece legado de quem m'ê deu a vida.

Ao entregar o rosario, e ao fitar n'elle os olhos curiosos e apressados, não pôde o velho suster um grito que lhe escapou dos labios, e conter uma lagrima que lhe saltou inopinada, e que lhe correu pela face enrugada.

— Jeronymo !... E's meu filho, o filho querido das minhas entranhas! — gritou-lhe convulsivo.

Perplexo e attonito lançou-se-lhe aos braços Cortereal, duvidando ainda da realidade, e

parecendo-lhe um sonho o que se passava.

Abatido pelo golpe, perdeu o velho os sentidos, e cahio por terra. Acudio-lhe Cortereal com os cuidados de que necessitava, e deitou-se ao lado d'elle, procurando aquecê-lo e chama-lo á vida. Não se desapegára o velho do rosario, que prendia ás mãos. A custo e paulatinamente se foi reanimando e cobrandô alento, empenhando-se Cortereal em não lhe aguçar a memoria com perguntas imprudentes, e dar-lhe folga para as suas cogitações e reminiscencias espontaneas.

Anciava o peito ao velho, e arquejava doridamente. A pouco e pouco voltou ao seu estado normal, e apertando as mãos, e beijando as faces de Cortereal, disse-lhe com um sorriso divino :

— Não ha duvida... E's meu filho. Essas cruces, gravei-as eu, que meu pai m'as havia

imprimidó igualmente, e as tenho nos mesmos logares do corpo. Esse rosario lancei-t'ó eu ao pescoço apenas sahiste do seio da tua mãi, soltaste o primeiro vagido, e abriste os olhos pequeninos á luz do dia e á claridade do céo. Reconheço-o, é elle mesmo. Eu o trazia, que me confiára meu pai e teu avô. Está nas suas contas gravada uma lettra, que é um symbolo que se não esquece... Meu filho!... Meu querido filho!... Concedeu-me o Deus misericordioso que eu deparasse no fim da vida com aquelle por quem chorára durante grande parte d'ella, e que me haviam roubado facinoras e salteadores, que não pouparam a existencia de tua mãi, da minha companheira adorada e fiel, da sempre lembrada Brites de Mendonça... E em que sitios, ó Senhor poderoso dos céos! encontro, descubro o filho?... No captiveiro juntos, presos pelos mesmos ferros que nos opprimem e

ligam a ambos os pés e reúnem os corpos!...O' favor da Providencia! Como és grande, meu Deus, unico e exclusivo autor e dono dos mundos! Agradeço a tua infinita piedade, posto nos não raiem agora esperanças de escapar aos barbaros cujos escravos somos!

Passaram-se os dias, correram os mezes, e demoraram-se os annos, considerando-se felizes o pai e o filho no meio do captiveiro, sem que aos seus algozes denunciasses as suas alegrias internas, e a sua reciproca intimidade, para não levantarem n'elles os instinctos malevolos de aparta-los e augmentarem-lhes os soffrimentos.

Sobresaltou-se no fim de dez annos a população de Fez com a noticia de haverem chegado da peninsula iberica alguns padres da redempção, trazendo quantias pecuniarias copiosas para remir captivos christãos, que jaziam em

poder dos musulmanos. Encheram-se os escravos de jubilo, e pensaram na sua prompta liberdade e no regresso á patria, aos lares e á familia, para onde os attrahiam constantemente os pensamentos e as saudades.

Por um pacto assentado com os principaes conselheiros do rei de Fez, estipulou-se que quatro mil dos captivos recuperariam as liberdades, mediante preços fixados, devendo sahir dous mil do poder do soberano e das autoridades superiores, e o resto dos particulares que se quizessem desfazer dos seus escravos.

Traziam os padres da redempção uma lista de alguns apontados que deviam entrar no numero dos que se arrancassem ao captiveiro. Figurava n'ella o nome de Manoel de Mendonça, pai de Cortereal, conhecido não só pela sua valentia e façanhas em Ceuta, Tangere e Alzira, aonde servira como official em um terço de soldados vo-

funta-rios, como tambem pelos seus antecedentes e postos que occupára no tempo de D. João IIIº na qualidade de donatario das ilhas Terceira e de São Jorge.

Exigio o velho que seu filho e companheiro se contasse no numero dos remidos, e por este pagaram os encarregados da negociação preço extraordinario ao dono renegado, que lhe apreciava os serviços e prestimo, e custava de dar-lhe a liberdade.

Partiram enfim das terras agarenas. Propicios lhes correram os mares, e á feição os ventos. Destinára-se o navio em que se embarcaram para Lisboa, que só Portuguezes carregava a seu bordo, e Portuguezes restituia á patria querida.

AS ILLUSÕES E SONHOS

Onde estou? Estes sitios desconheço!
 Quem fez tão differente aquelle prado?
 Tudo outra natura tem tomado;
 E em' contempla-lo timido esmoreço.

Uma fonte aqui houve... Eu não me esqueço
 De estar a ella um dia inclinado.
 Ali em valle o monte está mudado:
 Quanto póde dos annos o progresso!

CLAUDIO MANOEL. — *Sonetos.*

Corria o anno de 1589 quando o galeão carregado de Portuguezes remidos do captiveiro da Mourama avistou a barra do Tejo, rasgada pelo lado do sul por costas baixas, que quasi se con-

fundem com o mar, e pelo lado do norte pelas alcantiladas montanhas de Cintra, em cujos picos principaes demoravam o convento dos Jeronymos, fundado por el-rei D. Manoel, e a cerca dos mouros em ruinas já, que mal se descobria. Como estão mudados actualmente estes sitios? Sobre os alicerces do convento mourisco levantou el-rei Fernando um maravilhoso castello de fórmias semi-gothicas, assemelhando-se ao mais formoso que orna as margens do Rheno Germanico, affrontando as nuvens com suas agulhas esbeltas e finas, e seus torreões rendados e pittorescos, e assoberbando-se a miudo com a altura d'ellas, que logram encobrir-lhes ás vezes as bellezas, e escondê-las aos olhos humanos. Nos destroços da cerca mourisca assentou igualmente o artista consorte de D. Maria II umas linhas de fortificações do genero arabico, apparentando um campo de defensas agarenas,

para lembrar aos Portuguezes que ali dominaram mouros, que os seus antepassados gloriosos tinham expellido do solo, á custa de esforços inauditos e de famosas lutas, para recuperarem e legarem aos seus vindouros uma patria livre e independente. Não se divisava ainda em 1589 o altivo e monotono claustro de Mafra, situado como um monumento de luxo mais adiante no estender dos picos, porque só no seculo XVIII° o ergueu D. João V° de Bragança, caricatura de Luiz XIV° de França, supersticioso como um frade ignorante, e devoto como uma mulher penitente.

Ao deslumbrar no horizonte as terras de Portugal, soltaram alarido estrondoso os infelizes escapos dos ferros da Africa, reconhecendo e saudando a patria, e misturando gritos de prazer com prantos que sóe a alegria criar tambem em peitos nobres e entusiasticos.

Aura suave bafejava a atmospherá, e asso-prava favoravelmente as velas largas do galeão que brincava por sobre as vagas amigas e riso-nhías, encaminhando-se contente por entre os canaes da barra que lhe prestavam facil nave-gação até topar com as aguas do rio decantado por tantos vates primorosos que deixaram im-morredoura nomeada.

Ao appropinquar-se da Torre de Belem dentro já do rio, e que embelleza artisticamente a mar-gem direita, logo abaixo da cidade de Lisboa, deu fundo o galeão, e communicou-se com a terra.

Que jubilo o dos navegantes e do povo? Cor-riam os mcrradores da cidade para ver-lhes as feições, reconhecer os amigos e parentes, dar-lhes os emboras pelo seu regresso á patria, e congratular-se todos mutuamente pela boa vinda e salvação de guerreiros que a sorte infausta das armas havia lançado nas galés mouriscas.

Cortou-se o coração de muitos dos antigos captivos vendo alçados nos monumentos, fortalezas e edificios publicos, os estandartes de Castella e côres de Hespanha em vez das bandeiras das cinco chagas de Christo.

Tudo se havia mudado em Portugal depois da infausta derrota de Alcacer-Quibir. A D. Sebastião morto no campo da batalha succedêra no throno seu tio, o decrepito cardeal D. Henrique. Um anno e alguns mezes durou apenas este reinado ecclesiastico mais que civil. Seguiram-se desordens, commoções e partidos. Queriam uns a casa de Parma, outros a de Bragança, para formar a nova dynastia de reis. Pretenderam muitos que á imitação de D. João I° cingisse a corôa D. Antonio, prior do Crato. Apareceu porém Felippe II°, senhor das Hespanhas, pretextando direitos por ascendencia feminina, escorando-os porém particularmente nos seus nu-

merosos e robustos exercitos, geralmente temidos na Europa toda.

Não lhes poderam resistir os Portuguezes, posto por algum tempo lutassem valentemente. Conquistou o duque de Alba o reino inteiro, e apoderou-se Felippe IIº das terras de Portugal, acclamou-se seu rei, e reunio-as ás Hespanhas, como uma das suas novas provincias.

Nos carceres, nos exilios, no cadafalso, finaram-se os mais illustres Portuguezes. Em França acabou seus dias de vida o prior do Crato, esmolando para viver, e recebendo o pão duro e amargo do estrangeiro. A' grandeza, á magnificencia, á gloria de Portugal, succedeu o captivo com a perda da autonomia e da independencia do solo, das liberdades e franquezas dos subditos, e da influencia e importancia das suas antigas e celebrisadas côrtes. Aos progressos da

industria, ao desenvolvimento do commercio, ao brilho da agricultura, seguiu-se a prostração de todas as forças e recursos do paiz, a decadencia das riquezas e da prosperidade que possuia. A um rei nacional limitado nas suas attribuições pela existencia de assembléas das tres classes do Estado substituiu o feroz despotismo tyrannico e inquisitorial do monarcha castelhano, que não poupou meios de terror e de devastação para segurar seu dominio e posse violenta. Deixaram de obedecer os mares aos impetos e denodo dos Portuguezes. Quebraram seu jugo muitas das suas conquistas asiaticas. Arrancaram-lhes inimigos as melhores colonias nas varias partes do mundo. Na Asia, na Africa, na propria America, em Pernambuco e norte do Brazil, estabeleceram-se Hollandezes, e em diversos povos e paizes, que reconheciam até então o senhorio de Portugal, impozeram e fundaram o seu regi-

men, as suas bandeiras, as suas leis e a sua obediencia.

Profanára-se tudo e metamorphoseára-se como por encanto sob a mão de ferro do terrivel Nero moderno. Sumia-se a substancia da terra portugueza para alimentar os reinos de Hespanha, e nem a propria Lisboa ousava disputar primazia mais a Cadix, em cujo porto se concentrava e attrahia o melhor dos fructos do commercio e da navegação portugueza, que ignorava já o caminho do Tejo.

Cortereal e seu pai, desembarcando e pisando terras da patria, sentiram sangrar-se-lhes o coração de dôr funda e intensa. Não quiz o velho demorar-se em Lisboa, que lhe attrahia a compaixão, e decidio-se a partir logo para a sua quinta e morgadio de Palma, perto da cidade de Evora.

Emquanto se preparavam para a solidão,

deu-se pressa Cortereal em saber noticias de Lianor de Vasconcellos. Descobrio o claustro a que se recolhêra. Constou-lhe que vivia ainda, e em conceito de santidade pelas suas virtudes exquisitas e religioso procedimento. Quantas vezes vagueou em derredor dos muros da Ajuda, mirando-os de alto abaixo, demorando-se horas inteiras a espreitar para dentro! Quantas vezes penetrou na igreja, ajoelhou-se perante os altares, entoou orações ao Criador do mundo e ao Pai universal dos homens, correu com os olhos todas as partes, e se chegou cuidadosamente para a unica porta engradada e escura por onde se communicavam as monjas com a sociedade de fóra!

Foram infructiferas todas as suas diligencias para descobrir e ver aquelle semblante, cujos traços delicados lhe guardava fielmente a memoria, e aquella doua adorada, por quem

lhes não haviam apagado os amores sinceros e ardentes, nem a ausência, nem os acontecimentos, nem o tempo, nem os ferros do cativeiro.

Vegetava Lianor no convento, apparentando resignação evangelica, e dedicação inteira ao serviço do Deus com que celebrára desposorios espirituaes, e logrando esconder aos mais perspicazes olhares os soffrimentos do coração partido, e as angustias reconditas da alma.

Cumpria escrupulosamente com todos os seus deveres religiosos. Exhortava suas companheiras para os santos misteres que tinham abraçado. Alliviava-lhes as mágoas com conselhos assisados e ineffaveis carinhos. Consolava-as nas amarguras do animo, nos transe da vida. Merecêra a estima geral, e fôra elevada por eleição unanime ao cargo de abadessa, que era o primeiro do claustro.

Pelos jardins da cerca do claustro passava ella descuidosamente em uma tarde. Nuvens de ouro navegavam pelo horizonte, fundindo-se ao reflexo da claridade ainda deslumbrante do sol, e aos arrebóes que annunciavam a partida do dia e o apparecimento da noite. Folgava vi-
ração suave e perfumada pelas folhas das pe-
reiras, dos pcegueiros, das macieiras e das ce-
rejeiras que ornavam o jardim fechado por
todos os lados com muralhas elevadas de pedra
de cantaria.

Não era já viçosa a sua physiouomia. Tinham-
lle as lagrimas e a solidão mudado as côres ro-
seas e delicadas, e traçado no semblante abonos
patentes do estrago das dôres e dos tempos, que
não passam impunementê. Haviam os olhos per-
dido aquelle brilho e vigor que espargiam en-
cantos e deleites, e feriam e assoberbavam os
corações menos susceptiveis de inflammam-se.

Cortára os longos e negros cabellos, que lhe cahiam em tranças arrebatadoras, e cobríra os seus restos escapos da tesoura fatal com uma touca branca e azul de burel desprezível.

Olhando em torno de si, e percebendo que nenhuma companheira a observava e nem a poderia ouvir, sentou-se ao pé de um jorro d'agua pittoresco, que saltava de conchinhas artisticamente formadas á feição de rochedo. Arquejando de reminiscencias e saudades, começou a recitar branda e pausadamente uns versos que lhe dirigíra Cortereal nos tempos felizes, pensando mitigar assim as amarguras que lhe avexavam o peito. Era uma canção delicada que respirava amor e ternura, e partia de vera e profunda paixão.

Si um brando e amoroso pensamento,
Que não se occupa mais que em contemplar-vos,
Lográra sempre tal contentamento :

Si tivera de só imaginar-vos
O gosto, e só podéra merecer-vos
Amor por galardão de tanto amar-vos !

Sem sobresalto e medo de perder-vos,
Não quizera outro bem, outra ventura,
Nem outra gloria mais que sempre ver-vos.

Parou um momento. Enxugou uma lagrima que lhe correu dos olhos amortecidos. Ia entregar-se a cogitações, illusões e sonhos do espirito, quando soou-lhe ao ouvido uma voz que lhe não era desconhecida, e que, acompanhando-a ternamente, continuou a canção em termos melancholicos que se diriam escriptos pelo proprio amante.

Mas isto me atalhou a desventura,
Tudo se me desfez quando cuidava
Que vos tinha obrigada, e mais segura.

Ah! quanto... ah! quanto triste me enganava,
Com muito que este amor vos merecia!
Quão depressa cheguei ao que receiava!

Mil vezes a causada fantasia
Seguir deixava um vão contentamento,
Após o qual sem tento me subia.

Mostrava-me o ligeiro pensamento
Mil fantásticos bens... Oh! sorte dura!
Que cuidando ser bens tudo era vento!

— É elle! é elle! É a sua voz!... — gritou Lia-
nor tremula e enternecida.

Sabia-o partido para Africa com el-rei D. Se-
bastião. Chegára-lhe a noticia de que comba-
têra em Alacer-Quibir, e se achára ao lado do
seu soberano na occasião em que cortára os fios
preciosos da vida d'el-rei o ferro dos barbaros
musulmanos. Anunciaram-lhe igualmente que

morrêra na batalha traspassado de golpes e commettendo prodigios de valentia.

Como se achava agora em Portugal, e vivo, — vivo, e fiel amante, e tão ao pé d'ella, sem que a visse, e respondendo-lhe ás suas vozes e tristes cantares? Como finalisava uma canção de amores com funebre e melancholica toada, que exprimia a situação de ambos e a sua separação eterna?

— Jeronymo! Jeronymo! — echoou a monja instinctivamente.

— Oh! Lianor! Lianor minha! Sempre adorada dona! — respondeu-lhe Cortereal de fóra do muro. Ella o ouviu distinctamente, e essas palavras fenderam-lhe o peito, rasgaram-lhe o coração, atordoaram-lhe o espirito, reviveram-lhe as paixões tumultuosas, commoveram-na profunda e intimamente.

Teve medo. Sentio que as forças lhe faltavam.

Ganhou a razão, que lhe parecia sumir-se e abandoná-la. Sopitou os impetos do amor lembrando-se do seu estado, da sua profissão, dos seus deveres santos...

— Adeus! — Foi a unica expressão que proferio, deixando precipitadamente os jardins do claustro, e recolhendo-se para a sua cella, traspasada por mil sentimentos contrariados, que a opprimiam em extremo.

Sobrava-lhe um só pensamento. Sorria-lhe uma unica ideia. Elle ainda vivia!

A NOVA PERIPECIA

Sou tronco, e rocha, ó bella!
 Que agouta o sul que brama,
 E o mar que se encapella:
 Não temas que do rosto a côr se mude.
 • Vence as rochas e os troncos
 A sólida virtude.
 TH. A. GONZAGA.— *Márlia de Dirceu.*

Não lograra vê-la, mas conseguíra ouvir-lhe a voz melodiosa, que o impressionára profundamente. Quando não sentio mais rumor, e nem se lhe repetio aquelle adeus dorido que se ar-
 vancava de entranhas opprimidas, conheceu

Cortereal que já se não conservava nos jardins do claustro a sua Lianor de Vasconcellos. Cahindo as sombras da noite, e nodoando-se o firmamento, abandonou aquelles sitios que lhe recordaram ao vivo os seus desditosos amores.

Retirado á sua casa, nem pôde prestar attenção ao que lhe dizia seu pai; e apparentando soffrimentos physicos repentinos, beijou-lhe a mão respeitavel, fechou-se no seu quarto, para dar expansão e liberdade aos seus pensamentos attribulados.

Agitava-lhe o corpo uma commoção febril. Não se podia deitar no leito e conciliar o somno. Não lhe agradava sentar-se na cadeira. Fallecia-lhe o ar no quarto, apesar de ter abertas as janellas.

Acompanhava-lhe a flagiciosa situação do corpo um estado moral indefinivel. Vagueiavam-lhe em torbillhão as ideias. Perturbavam-lhe o

espírito cogitações estranhas, extravagantes, desordenadas. Subiam-lhe á mente pensamentos lugubres, e ao mesmo tempo sensações inopinadas de jubilo fugaz, que desapareciam logo como oasis que se descortinam no deserto, e que as areias levantadas pelo furacão encobrem immediatamente, e somem aos olhos em um momento.

Toda a historia da sua vida e dos seus amores raiou-lhe em quadros claros e assustadores. Sussurravam-lhe as praticas finas e amorosos colloquios dos primeiros tempos. Via Affonso de Vasconcellos ferido pela sua espada, carregado ás suas costas, depositado nas portas do convento nos arquejos finaes da vida. Lembrava-se do velho Bartholomeu quebrantado pela presença do cadaver do filho querido, e estorcendo-se em ancias amarguradas diante do sangue que brotava ainda d'aquellas veias rasgadas do

valeroso e altivo mancebo. Soavam-lhe aos ouvidos as imprecações do pai extremoso, a quem se finára o ultimo arrimo da velhice, e a derradeira e unica esperança de reviver no mundo pela sua estirpe e pelo seu nome glorioso.

Curvavam-no multiplicados remorsos, que lhe fallavam como entes vivos, ou como a voz do anjo do juizo implacavel e eterno, perante quem devia prestar contas dos seus feitos no mundo. Mas Lianor! Lianor vivia ainda! Parecia alegrar-se a esta ideia, que se lhe atravessava como um corisco, aclarando o caminho do viandante perdido nas solidões e bosques, e ancioso de adivinhar sahida e espaço.

De que lhe aproveitava porém a existencia de Lianor? Como abrir aquellas portas do claustro, como rasgar-lhe as janellas de ferro, como escalar-lhe os muros altanados, para revê-la, mira-la ainda uma vez, saciar os olhos contem-

plando o objecto amado, e dizer-lhe o ultimo adeus ao menos?

Sabê-la viva, e não poder encara-la com os seus olhos avidos da realidade, posto estivesse gravada perfeitamente na sua memoria a imagem encantadora de toda a sua figura, traços, physionomia, labios, e perfeições artisticas e inimitaveis!

Para que lhe servia a vida mais? De que lhe valiam forças, pensamento, desejos ardentes, suspiros e aspirações de fogo? Sonho, mas sonho de quem soffre vigílias, de quem está acordado, e que martyrisa mais que os ferros que sangram os pés do captivo, as algemas que lhe roxêam os pulsos, as calamidades, sêdes, fomes e torturas que supporta o escravo de mouros, apouquentado a todo o momento pelo azorrague do seu carcereiro; mais que as dôres e angustias moraes do infeliz exilado, longe da

patria, na mais desprezível miseria, mas a quem não deixa nunca de sorrir um atomo de esperança e salvamento!

Raiou o dia novo, e já por ordem de seu pai batia á porta do seu quarto um criado, que procurava saber noticias do estado de Cortereal.

Não fechára os olhos durante toda a noite, e offerecia o seu rosto os mais convincentes estragos da enfermidade moral que o ralava.

Desceu á sala, e esperou pelo velho guerreiro.

Annunciou-lhe logo o criado que um joven bem trajado lhe desejava fallar a sós, sobre negocio importante, urgente e reservado.

Entrou, de feito, logo depois, um cavalleiro gentil, aprimorado com todos os dotes da mocidade e de semblante sympathico. Trazia vestes curtas, saios de seda azul, e espada á banda.

Saudando-o cortezmente, perguntou-lhe si

estava em presença de Jeronymo Cortereal.

A' resposta affirmativa, e não aceitando um banco que se lhe offereceu para sentar-se, observou perspicazmente a sala, e vendo-se a sós com aquelle a quem procurava, disse-lhe :

— Não me deveis conhecer. Preciso declarar-vos meu nome. Chamo-me Antonio de Souza. Sou sobrinho de Bartholomeu de Vasconcellos, que ha alguns annos baixou á sepultura, e foi um bravo guerreiro, um excellente servidor do seu rei, um soldado valente de Portugal. Assassinastes seu filho, Affonso de Vasconcellos. Eu jurei vingar-lhe a morte. Tenho-vos dito bastante para que comprehendais o motivo que aqui me trouxe a fallar-vos.

Mirou-o attentamente Cortereal, attonito com o desembaraço e brios que manifestava o joven, e magoado pela fatalidade inexoravel que parecia persegui-lo permanentemente, lançando

adiante ainda do seu caminho novos e inesperados estorvos e perigos.

— Antonio de Souza... — disse-lhe Cortereal depois de pequena pausa — pensastes no que me propondes? Sabeis quem sou? Estais convencido ao serio de que eu assassinei vosso primo, o nobre, o valeroso Affonso de Vasconcellos?

— Pela minha salvação! — gritou-lhe Antonio de Souza — disse-m'ò meu tio Bartholomen de Vasconcellos.

— Mancebo — continuou tranquillamente Cortereal—não me assustais como me não assustou Affonso de Vasconcellos. Mas vosso tio enganou-se. Exige minha consciencia que vos desengane, e vos chame á razão, antes que o erro vos traga remorso, ou a mim novas dôres para mais curtir-me o coração, que já o tenho sangrado bastante.

— Pretendeis evitar o desafio que vos dirijo?

— retorquio-lhe Antonio de Souza. — Dizeis que não vos assustais, e porque fugis?

— Mancebo — respondeu Cortereal — mais valentes que vós me não amedrontaram, e fui um louco quando lhes ouvi as vozes, e accedi a insensatos desafios... Esta alma peja de remorsos... Estes olhos estão seccos já pelo demasiado das lagrimas que derramaram.... Este braço dóe-me por não ter combatido só como devia os inimigos da patria... Esta espada banhou-se de sangue precioso que gotteja ainda e de que me arrependo... Sois moço...

— Moço..... sim — atalhou - o Antonio de Souza — mas em estirpe nobre não esperam os brios que os annos amadureçam. Deveis-me satisfações... Eu jurei alcança-las.

— Louvo-vos os brios — disse-lhe ainda Cortereal — mas não devo precipitar-vos em um crime... Sim... crime... Ouvi-me até o fim. Fui

como vós moço, ardente, brioso, impaciente... A idade, os eventos da vida, meus propios erros... ensinaram-me com duras lições e cruéis experimentos. É uma verdade que não soube eu como devia recusar-me a um desafio... igual ao vosso... que me propôz Affonso de Vasconcellos. São passados onze annos já... e parece-me vê-lo e ouvi-lo ainda... e esses onze annos trouxeram-me provanças, calamidades e remorsos sem conto. Empenhei-me em defender-me só, e desarma-lo apenas, esperando que sem sangue se concluísse a luta. Sabia-o cavalleiro digno e honrado. Não fui eu quem o matou... Elle proprio precipitou-se sobre minha espada... e apesar d'isso, e apesar de que elle o reconheceu, e perdoou-me ao expirar... falla-me aqui dentro... uma voz eterna no peito... e accusa-me... condemna-me...

Era impossivel não apreciar a verdade que

lhe escapava dos labios, attendendo-se ao accento, ao gesto, á emoção profunda que assaltou Cortereal, e se apoderou de toda a sua pessoa.

Não impressionou ella, porém, Antonio de Souza. No verdor da idade prevalecem sempre as paixões sobre a razão.

— Confessais e recusais-me pagar uma divida de honra? — exprobrou-lhe o mancebo, aproximando-se para mais perto d'elle, e manifestando impetos desordenados e tumultuosos.

Cortereal estremeceu com o movimento rapido e ameaçador de Affonso de Souza. Pegou-lhe na mão rijamente, e disse-lhe com decisão :

— Aprendei a respeitar os mais velhos, e a não dar interpretações falsas ás suas palavras.

Retirou-lhe Antonio a mão com força, e enfurecido puxou a espada.

Abriu-se de repente uma porta e entrou uma

donzella, linda como as virgens de Raphael de Urbino, e viçosa como os botões de rosa ao primeiro orvalho da madrugada.

Teria dezoito annos de idade. Negros cabellos ondeavam-lhe soltos sobre os hombros, e cahiam-lhe preguiçosamente pelas costas. Olhos negros, rasgados e resplendentes; fronte altiva e vistosa; traços formosos e delicadamente desenhados pela natureza; labios de purpura; physionomia doce e suave; porte gentil, delgado, airoso; vestes simples e apertadas que mais concorriam para denunciar-lhe os encantos e primores.

Correu para Cortereal, e abraçou-o estreitamente, sem que houvesse reparado para Antonio de Souza. Virou-se depois para elle, e soltou um grito.

Sobresaltou-se o mancebo. A apparição d'esse anjo afigurou-se-lhe uma visão do céu. Preten-

deu chegar-se para ella, e um tremor convulso lhe embargou os passos. Quiz fallar-lhe, e morreu-lhe a voz nos labios.

— Meu pai! — disse innocentemente a donzella a Cortereal. — Conheceis já a Antonio de Souza, quanto o estimo!

Foi um raio de luz para Cortereal esta palavra de sua filha. Explicou-lhe mais a realidade das cousas que uma longa conversação. Percebeu instinctivamente que os dous entes que se achavam em sua presença conheciam-se e amavam-se.

— Antonio de Souza — virando-se para o joven, disse-lhe sorrindo-se — tendes aqui uma razão de mais para me acreditarde.

É impossivel descrever a situação do mancebo. Ainda ha pouco tão arrogante, destemido e temerario, e prostrado, abatido já, profundamente perturbado.

— É meu pai, Antonio — dirigio-se-lhe a donzella. — E porque me não fallais? Perdestes a voz?

Chegou-se para elle e empallideceu repentinamente. — Que tendes, ó céos! Pareceis solfrer! — continuou ella.

Demudára-se toda a physionomia de Antonio de Souza. Apoderára-se de todo o seu corpo uma emoção intensa, e quebrantára-lhe as forças. Assomára-lhe ao espirito como uma densa nuvem, que lhe sopitou os vãos, e vergou-lhe os impetos.

Mostrou-se na sala uma quarta personagem. Entrou o pai de Cortereal, e, avistando o mancebo, apressou-se em pegar-lhe na mão com amigavel carinho, e a aperta-la como amigo.

— Procurais-me, Antonio de Souza, — disse-lhe o velho. — Agradeço-vos muito. É esta já a segunda vez que me cabe o gosto de ver-vos de-

pois da minha volta da Africa, ó filho do mais querido dos meus amigos! O' rosto adorado d'aquelle meu companheiro da infancia, da mocidade, das guerras, dos perigos que passámos e affrontámos juntos!

Dir-se-hia que Antonio de Souza perdêra a razão. Não dirigíra uma palavra á donzella, não respondêra a Manoel de Mendonça, não olbára mais para Cortereal. Tremulo, sobresaltado, commovido, deixou repentinamente a sala, e sahio da casa como um louco.

A CONCILIAÇÃO

Nos olhos Caitutú não soffre o pranto,
E rompe em profundissimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mão já tremula gravado
O alheio crime e a voluntaria morte!

BASILIO DA GAMA. — *Uruguay.*

Attonitos miraram-se os tres. Ignoravam o velho e a donzella as scenas que se haviam passado. Espantava-se Cortereal com a intimidade que sua filha e seu pai mostraram a Antonio de Souza.

Tornou-se urgente uma explicação dos acontecimentos. Era compellido Cortereal a rasgar as feridas do coração, e a renovar mágoas que mysteriosamente sopeava e escondia no peito anciado e revoltó.

Affrontava-o porém a presença da filha, da qual tomára conta desde que chegára a Lisboa, e a quem se empenhava em transferir todo o seu amor e affectos, pensando embalde que lograria esquecer com carinhos de pai aquella que lhe dominára o coração, e que lhe fôra para sempre roubada pelo destino infausto.

Pedio a Mathilde, que assim se chamava a donzella, que se retirasse para o seu quarto, enquanto fallava a sós com Manoel de Mendonça, desejando que não chegasse ao conhecimento de uma filha segredos intimos que comprehende o só coração de um pai e o peito de um homem amigo.

Ao sahir Mathilde da sala, lançou-se Cortereal aos braços paternos, debulhado em pranto copioso e em agitação extraordinaria.

— Pai — disse-lhe — pensei que só a Deus teria a dizer cousas que guardo ha muito tempo aqui dentro, e me despedaçam a alma. Ouvi-me, attendei-me e tende compaixão de mim!

Sentaram-se, e preparou-se Cortereal para a narração.

Expôz miudamente os successos da sua vida. Summariou a historia dos seus amores infelizes. Descreveu o desafio, o duello, a morte infausta de Affonso de Vasconcellos. Repetio as palavras e exprobrações do velho Bartholomeu em face de Lianor e do cadaver do filho. Não olvidou a scena do claustro da Ajuda, os versos trocados, e o adeus final que ouvira na vespera. Pintou-lhe a noite desassocegada que passára. Abrio-lhe de todo os arcanos do coração.

Tentou Manoel de Mendonça mitigar-lhe as angustias, fallando-lhe na misericordia divina e nas provanças que ella impõe no mundo aos seus dilectos, para melhor os acolher nos céos, e assegurar-lhes a bemaventurança eterna.

— Quem mais soffre no mundo, filho, — disse-lhe o velho --- mais certo conta na outra vida com o perdão e a graça infinita de Deus! Tem sido em extremo attribulada a tua existencia, mas não se nodôa com um crime, porque esse mede-se mais pela intenção e perversos instinctos que pelo acaso e occurrencias accidentaes, inopinadas e involuntarias. Tratemos quanto antes de deixar Lisboa, que te lembra dôres profundas, e te aguça cobiças de rever quem mais não debes procurar. Seja nosso retiro aquella quinta da Palma, que foi theatro igualmente de scenas que me torturam o aninio, mas que me não arrancam a resignação e a

fé em um Deus que se fez homem para morrer por nós crucificado, e salvar-nos por este feitiço.

Correu aziago e triste o dia no seio da familia. Nem a donzella, folgazona e alegre, risonha e descuidada, como soía mostrar-se sempre, ousava romper o silencio, perturbar as agitações em que pareciam submersos o pai e o avô, e adivinhar esses segredos e mysterios que tanto a haviam surprehendido.

Ao desdobrar-se a tarde sobre o firmamento, Cortereal deliberou-se a passear um pouco, e communicou-o a seu pai. Acreditou-o o velho e partio Cortereal. Ou de caso pensado, ou indistinctamente se encaminharam os seus passos para o convento da Ajuda. Contornou-lhe os muros, e vagueiou-lhes á roda mais de uma hora. A cada movimento que sentia, a cada folha que se precipitava das arvores, a cada assobio que

soltava o vento por entre os galhos das pereiras, a cada palavra ou som que lhe chegava aos ouvidos, estremecia e prestava a mais acurada atenção. Nem-um indício percebeu porém do que procurava. Cansado, abatido e anciado, recitou tristemente os versos da vespera, e esperou ainda a resposta. Reinou silencio sepulcral. Encostou os ouvidos aos muros do jardim, empenhando-se em descobrir o que elles escondiam. Nem-uma voz humana resouu por entre as flôres, transpôz a atmosphera e sorrio-lhe aos sentidos.

Deixou o largo e os muros, e penetrou por uma das portas da igreja, que se tinha aberto.

Era já noite fechada. Pendia do centro uma grande lampada acesa, que desenhava convulsiva e debil claridade, e deixava quasi a igreja em meia escuridão. Encostadas ao fundo ardiam quatro tochas collocadas sobre um pequeno altar

consagrado á Senhora da Ajuda, e dir-se-hia que a vida do templo se concentrava n'aquelle só ponto allumiado.

Ajoelhou-se Cortereal devotamente. Começava a serie de suas orações, quando rompeu o silencio geral, que reinava na igreja, um choro de virgens, entoando canticos harmoniosos ao Deus omnipotente, e assemelhando as suas vozes entusiasticas aos sons das harpas divinas.

Aonde estavam as monjas que assim cantavam? De onde partiam essas doces melodias? Não se via pessoa alguma no templo, posto franqueada se achasse a sua entrada. Escura e negra mostrava-se a parede que tapava o fundo da igreja, e por todos os outros lados se descortinavam apenas altares de santos.

A pouco e pouco conheceu que de dentro do claustro repercutiam as vozes para o templo. Quem sabe si de lá o estavam¹ as monjas

observando, sem que elle as lograsse divisar!

Desenganado de que lhe não era possível avistar aquella por quem seu coração com tanto fervor palpitava, sahio da igreja, e seguiu pelas ruellas estreitas que cortam a declividade da eminencia aonde pairava o claustro.

A cem passos de distancia e ao transpôr a rua dos Santos Martyres, ouviu um ruido de armas e echos de palavras desencontradas. Um grito de soccorro ferio-lhe os ouvidos. Tanto mais fortes se tornavam os rumores, que partiam de um sitio proximo, quanto mais escura estava a noite, nem-uma luz allumiava as ruas, e nem-uma figura humana se divisava.

Desembainhou Cortereal a sua espada, e correu para o logar da luta, certo de que lhe cumpria salvar alguma creatura infeliz, assaltada por malfeitores. Ao dobrar um canto, ouviu perfeitamente o estrepito das armas, e deslumbrou um

homem defendendo-se contra tres vultos que o cercavam e apertavam ardentemente.

Não lhe fallou outra voz mais que a dos brios. Arremetteu com os tres assaltantes, e mudou immediatamente a face da peleja.

Surprehendidos tão inopinadamente abandonaram logo os tres vultos o campo do combate, e desapareceram, cosendo-se com as ruellas estreitas, tortuosas e escuras, a que pareciam habituados, e deixando Cortereal em frente d'aquelle que se empenhára em soccorrer, e nobremente o conseguíra.

— Obrigado! — disse-lhe o vulto. — Pretendiam assassinar-mê. Devo-vos a vida que me salvastes. Vosso nome?

— Para que? — respondeu-lhe Cortereal. — Não fiz mais que cumprir com o meu dever de homem, que de certo praticaríeis igualmente. Que Deus vos ajude!

Ia-se partindo sem mais praticas, quando o vulto se lançou adiante d'elle, e lhe disse :

— Não me quereis dizer quem sois. Urge-me declarar-vos quem acabais de salvar. Sou Antonio de Souza...

— Antonio de Souza! — exclamou Cortereal, e com o movimento e gesto que commetteu foi conhecido logo pelo vulto.

— Jeronymo Cortereal! — gritou por sua vez Antonio de Souza.

Nem mais uma palavra desejou ouvir Cortereal. Deixou-o incontinente, e seguiu com toda a rapidez o caminho de sua casa.

Ao amanhecer do dia immediato levantou-se Antonio de Souza, e dirigio-se para o convento de S. Domingos de Bemfica, logo ás portas de Lisboa. Perguntou pelo reverendo Padre Frey Luiz de Souza, e pediu-lhe o ouvisse de confissão.

Ajoelhado diante do confessorio, expôz-lhe o juramento que havia feito de vingar a morte de um parente, e os factos que se tinham dado posteriormente, devendo a salvação da sua vida ao homem contra quem se compromettêra a desembainhar a espada. Era um caso de consciencia, e desejava ouvir o parecer de um varão tão santo quanto illustrado e profundo nas sciencias moraes e theologicas.

Não hesitou Luiz de Souza em opinar e aconselhar-lhe que aquelle juramento não tinha valor perante a igreja e perante Deus; e que os eventos supervenientes lhe tinham rompido as obrigações que preconceitos, prejuizos e brios particulares soão ligar-lhe.

Tranquillisou-se Antonio de Souza com as palavras convincentes do digno sacerdote. Sentio alliviar-se-lhe o animo de um peso que o soço-brava, e recuperar-lhe o espirito paz e socego

indefinível. Despedio-se do confessor, agradecendo-lhe o favor e admoestações paternas que lhe dirigira, e partio em direitura para a casa de Manoel de Mendonça.

Encontrou toda a familia reunida na sala, occupada nos aprestos da viagem para Evora. Admittido á presença de Cortereal, dirigio-se resolutamente para elle, comprimentando respeitosa-mente o pai e a filha.

— Devo-vos a vida — disse-lhe folgadamente. — Estão liquidadas as nossas contas. Fazeis-me o favor de dar a mão?

Ficou Cortereal commovido. Estendeu-lhe a mão, e apertou com ella forte e amigavelmente a de Antonio de Souza.

Contou este então a Manoel de Mendonça e a Mathilde os successos da noite antecedente. Seus inimigos o haviam espreitado ao sahir da casa de um amigo, e ao recolher-se para a sua.

Arremetteram com elle no intuito de mata-lo. Eram sabidos os perigos a que se arriscavam de noite nas ruas solitarias de Lisboa os que n'essa epocha ousavam andar desacompanhados de famulos e criados armados. Cobriam as densas trevas crimes repetidos. Não existia policia e nem vigilancia de autoridades. Rodavam malfeitores pelos beccos e praças, esperando presas desgarradas e desapercebidas para rouba-las impunemente. Trazia morte infallivel a resistencia. Aproveitavam-se igualmente do terror e da solidão desamparada da cidade, os odios e vinganças particulares, e saciavam-se com feroz crueldade no sangue dos seus desaffectedos.

Foi intenso e sincero o jubilo produzido pela conciliação dos dous cavalleiros, e ninguem mais o apreciou que o velho, que conhecia por experiencia os impetos temerarios e tenazes de animos juvenis, e quanto n'elles imperam as

paixões sobre a razão e a prudencia humana.

Passaram juntos um dia alegre. Estava firmada a conciliação, e salva a honra mutua das familias. Fixára-se a partida para o dia seguinte, e considerou-se de despedida esta entrevista.

Decidio-se Cortereal a rever ainda, e pela ultima vez, o sitio aonde lhe demorava a alma, e lhe ficava o coração angustiado.

Ao chegar á praça do claustro da Ajuda, appropinquou-se mysteriosamente d'elle uma velha mendiga, occulta sob um vasto capote negro, á guiza de pedir esmola. Roçando-lhe pelo braço, introduzio-lhe na mão um bilhete, e sem esperar resposta, e nem pretender adivinhar-lhe intenções, deixou-o e sumio-se inopinadamente.

Chegou Cortereal aos olhos este bilhete estranho, e procurou um sitio mais claro para poder lê-lo e comprehendê-lo.

Abrindo-o, conheceu-lhe a lettra. Era de Lia-

nor, não lhe restava duvida. O que lhe dizia este bilhete? O que significava esta carta de quem se lhe escondia tão cuidadosamente? Sorrir-lhe-hia alguma esperança de torna-la a ver, e fallar-lhe?

Sonhos, sonhos de imaginação, que lhe estalaran na mente, e que o atiraram immerso em profundas cogitações antes que ousasse decidir-se a ler o bilhete mysterioso, que lhe fallava ás paixões agitadas e tumultuosas, e ás saudades doces e suaves, e ao mesmo tempo tristes e assombradas, que lhe perturbaram extraordinariamente o espirito!

Forcejou por passar os olhos pela escriptura da carta. Dir-se-hia que se haviam elles ennevoadado e perdido os raios que descortinam a vista.

—Meu Deus! meu Deus! — fallou consigo mesmo. — Tende piedade de mim. Não bastam

tantos soffrimentos já, e crucis calamidades, com que me tendes provado?

Conseguiu a custo ler a carta. Expressia-se nos seguintes termos :

« Sabeis que morri para o mundo e para vós. A Deus pertença só. Para que ultrajar este claustro sagrado, apparecendo n'elle de continuo, rodando em torno dos seus muros, e levantando suspeitas contra as pobres e santas monjas, que são os seus unicos habitantes? Não soffreis mais que eu as dôres amarguradas da separação eterna. Amo-vos sempre, e amar-vos-hei até o derradeiro extremo da vida. Segue-me os passos vossa imagem, acompanha-me os pensamentos, falla-me nas orações e preces, priva comigo no interior da cella, deita-se comigo no leito, vela-me ao lado durante as noites solitarias e tristonhas, apparece nos sonhos que me sobresaltam... Que mais quereis? Não foi a existencia

no mundo feita para nós. Assim o determinou a Providencia divina em seus arcanos mysterios. Assim o executou a infausta sorte na sua obediencia inexoravel. Guardai sempre minha memoria e minhas saudades gravadas no coração e no espirito. Lembrem-vos sempre os nossos desditosos amores. E basta, que Deus é grande e misericordioso, e nos levará em conta os padecimentos azedos da terra, e a resignação moral do animo. E' impossivel ver-nos, e fallarmos mais. Dediquei-me aos meus novos e religiosos deveres, e não lhes faltarei jámais. Deixai-me tranquilla e que em paz acabe os meus dias. Parti, parti de uma vez, si prezais os meus sentimentos, respeitais a minha condição e me amais verdadeiramente. Adeus para sempre n'este mundo, esperando rever-nos na eternidade. »

— Adeus... adeus para sempre — re-

petio comsigo Corteral ao terminar sua leitura.

Olhou para o claustro que tinha em frente. Soaram os sinos as horas respectivas do crepusculo da noite que começava. Eram dobres funebres e sepulcraes, que lhe echoaram pela mente como suspiros ultimos e soluços despicdados.

No dia immediato partio a familia toda para a quinta da Palma.

A AGONIA DO POETA.

No mundo poucos annos e cansados
Vivi, cheios de vil miseria dura :
Foi-me tão cedo a luz da vida escura
Que não vi cinco lustros acabados.

CAMÕES. — *Luziadas.*

Decorrêra apenas um anno depois que á quinta da Palma se haviam recolhido Manoel de Mendonça, Cortereal e Mathilde, quando perigou o estado valetudinario do velho, e ameaçou-lhe seriamente os dias de vida a parca cruel

e inexoravel. Nos braços do filho e da neta despedio-se do mundo, e partio-lhe do corpo a alma nobre e virtuosa com que o havia a Providencia divina mimoseado na terra.

Seis mezes depois feriram os ouvidos de Cortereal noticias que lhe accresceram as mágoas, e lhe encurtaram o termo da existencia. Finára-se a soror Lianor da Madre de Deus, abadessa do convento de Nossa Senhora da Ajuda.

Vergado por golpes tão doridos e successivos, preparou-se Cortereal para acompanhar os dous entes amados á morada celeste. Divisava-se-lhe ás claras a decadencia precipitada das forças phisicas, e as tendencias do espirito que se definhava igualmente, e procurava alçar-se aos sós assumptos mysticos e religiosos. Viviam solitarios o pai e a filha, recebendo apenas alguns vizinhos, e Antonio de Souza, que aproveitava os momentos livres de Lisboa para visitar seus ami-

gos e passar algumas horas em companhia d'elles.

Em um dia do anno de 1591 acordou Cortereal sobresaltado e convulso. Sonhos horribeis lhe haviam attribulado o animo. Ordenou a Mathilde que escrevesse a Frey Luiz de Souza, do convento de São Domingos de Bemfica, pedindo-lhe que com urgencia se dirigisse a Evora, e procurasse a sua quinta

Não tardou ao convite o frade piedoso. Chegando á quinta da Palma, foi acolhido carinhosamente por Mathilde, que, percebendo-lhe os habitos ensopados d'agua pelas chuvas copiosas que o assaltaram no caminho, e beijando-lh'os religiosamente, disse-lhe : — Como vos molhastes, meu Deus! Approximai-vos do fogo para vos aquecerdes um pouco.

Fechou a porta, enquanto o monge se appropinquava de um brazeiro que ardia em um canto

da sala. Logo que o religioso enxugou os seus habitos e as suas sandalhas o melhor que pôde, e recobrou um pouco de calor, deu a benção á donzella, e exprimio-lhe o seu agradecimento.

Encaminhado depois para um aposento interno da casa, achou-se em frente de um leito assentado a uma das paredes, coberto com cortinas rôxas, e cercado de bancos e de uma mesa carregada de papeis, pennas e tinta. Abertas estavam duas janellas, e offereciam á vista uma admiravel perspectiva de arvores e campinas cortadas desordenadamente por um ribeiro de preguiçosas aguas.

Recostado no leito mostrava-se Cortereal quebrantado de todo pelos successos da vida. Não se moveu, ao entrar no quarto Frey Luiz de Souza, e pareceu adormecido. Tinha a cabeça deitada sobre a mesa, e conservava apertada nos dedos da mão direita a penna com que acabava de

escrever. Folhas de papel soltas e esparsas na mesa e nos bancos proximos manifestavam as criações do espirito litterario traduzidas em linguagem intelligivel para os homens.

Quem olhasse para ellas encontraria gravados os seguintes versos, que escaparam n'aquelle momento mesmo á inspiração do vate ardente e melancolico :

Aos que nas procellosas, bravas ondas,
Com tempestuosos ventos já se viram
Mil vezes submergidos, grande allivio
E descanso lhes é porto seguro ;
E aos que na temporal vida padecem
Trabalhos, afflicções, males e angustias,
A morte lhes é descanso, pois se acabam
Misérias, a que estão sempre sujeitos.
Fenecem com morrer grandes injurias
Do fugitivo tempo, em tudo avaro ;
Fenecem sem razões da incerta e varia,
Inconstante, cruel, impia fortuna.

Parou o religioso para observar attentamente o seu amigo Cortereal. Davam-lhe ao semblante respeitosos traços as proprias rugas cavadas com que os trabalhos da vida e as dôres d'alma o haviam marcado. Tinham-se tornado brancos e nevados os seus cabellos, depois que partíra pela ultima vez de Lisboa, fazendo-o desconhecido quasi pela rapidez da mudança, que de pardos os convertêra para laminas de fina prata, entalhadas e bordadas por cinzel de habil artista.

Para formar-se o quadro e offerecer-se o espectáculo variado da vida, appareciam ali ao pé do leito e ao lado de Cortereal as physionomias juvenis de Malhilde e de Antonio de Souza, cujo aspecto exprimia a primavera da existencia em contraste com o inverno triste e merencorio que afigurava a situação moribunda de Cortereal.

Abrio Cortereal os olhos serena e socegradamente, e sem reparar nas pessoas que estavam

no aposento, resplendeu-os sobre as folhas de papel escriptas e entornadas sobre a mesa. Passou a mão pela cabeça, como para chamar as chammas da poesia. Puxou para perto de si o papel, e foi n'elle imprimindo com a penna versos que lhe assomavam ao espirito e recitava á voz alta:

Aquella encarecida formosura,
Aquelle preço e graça desusada,
Tão formosa quão falta de ventura,
Ingrata sempre tauto quanto amada,
Uma pequena e triste sepultura
Em remoto logar tem-na encerrada!
Fique de tão cruel e fera historia
Para sempre no mundo esta memoria!

— Está emfim acabado o poema — disse consigo, largando o papel e a penna, e procurando descansar, estendendo-se no leito. — Posso agora

morrer. Venha a parca amiga arrancar-me do mundo, e reunir-me a Lianor: querida lá em céos mais puros e mais ditosos ares. Deixo sua lembrança, lego traços da nossa vida, gravo testemunhos de nossos amores e de nossas desventuras n'este poema, que com o titulo de *Naufragio de Sepulveda* pinta os casos miserandos e as paixões desgraçadas do capitão Manoel de Sepulveda e de Lianor de Sá. Ah! Lianor minha!

Que caso aborrecido, que fortuna
Tão cruel te apartou d'estes meus olhos?
Que nebrina mortífera, ou que vento
Murchou a fresca flôr de tua idade?
Qual odioso rigor, qual parca injusta,
De tal vida cortou o doce fio?

— Jeronymo Cortereal — interrompen-o o religioso, assentande-se ao pé do leito, e pe-

gando-lhe na mão — que dôr te opprime, amigo? São os da patria ou teus proprios pezares?

— Manoel de Souza Coutinho! — respondeu-lhe Cortereal reconhecendo-o e puxando-o a si para o apertar amigavelmente nos braços. — Não me faltaste, agradeço-te! Mandei-te chamar porque assaltou-me o presentimento de que tinha de morrer apenas terminasse esta obra. Ah! só lograrei glorias depois de morto! *O Cerco de Diu* que primeiro escrevi, e que ha seis mezes publiquei, trouxe-me indisposições e odios de Castelhanos, insultos e perseguições de perros que não querem soffrer que se elogiem e se cantem os feitos honrosos da patria, quando livre e independente. Jaz Portugal sepultado, e dominam hoje sobre o seu cadaver aquelles que elle com sua poderosa espada sabia tão facilmente vencer e vergar outr'ora. Morreram quasi todos os bons Portuguezes. Chega a minha

vez; antes dedicará porêm aos posteros poemás, que sem igualar os *Luziadas*, recordar-lhes-hão igualmente façanhas dos nossos bravos e briosos maiores, que se não curvavam ao jugo de Felippe e de Castella.

— Porque has de morrer tão cedo? — perguntou-lhe suavemente o monge. — Completaste apenas os teus oito lustros! Vive para a gloria.

— A gloria — replicou Cortereal — a gloria é o sol d'alma que allumia o corpo depois só do seu acabamento. É quiçá uma verdadeira vaidade! De que servio ella ao grande Luiz de Camões, que se finou miseravelmente em um hospital? Para mim é a morte seguro porto, aonde se acoutam os bateis enxovalhados pela tormenta. Açoutaram-me já as ondas furiosas, e torna-se urgente recolher-me ao porto, para não naufragar no mar alto e encapellado. Que

novas me dás da patria? Conta-m'as antes que eu a deixe para sempre.

— Os nobres do reino — respondeu-lhe o religioso — compraram a el-rei Felippe os rendimentos das alfandegas de Portugal. Para os trahidores portuguezes é o monarcha de Castella prodigo de honrarias e mercês.

— Portuguezes! Portuguezes! — exclamou Cortereal. — Que contas dareis aos vindouros? Sofregos ferros de Castelhanos descosem todos os dias em carnes de Lusos, sem que Lusos se vinguem!

— Hontem — continuou o religioso — apanharam-se no Tejo oito cadaveres, que os pescadores curiosos tiraram do seio das aguas, e eram pela maior parte de Portuguezes, e alguns conhecidos por seus sentimentos contrarios aos dominadores.

— É a justiça de Felippe II! — gritou Cor-

tercal. — Já não bastam forcas nas praças, carceres nas Hespanhas, ainda o nosso Tejo ha de ser o sorvedouro de Portuguezes!

— Frey Heitor Pinto — proseguio o frade na sua narração— o nosso escriptor primoroso, foi envenenado na sua prisão em Castella` por ordem do cardeal Alberto, vice-rei de Portugal. Luiz Pereira Brandão, o cantor da elegiada de Alcaccer-Quibir, morreu ha quatro dias assassinado nas ruas de Lisboa pelos espiões de Felippe II, e o papa absolverá el-rei de Castella, como o absolveu já por outros crimes iguaes que commetteu contra os infelizes dos Paizes Baixos e contra o proprio filho D. Carlos.

— Heitor, Brandão!... — proferio melancolicamente Cortereal. — Eu vos conheci a ambos, almas nobres e sublimes! A' batalha de Alcaccer-Quibir e ao captiveiro de Fez acompanhou-me Brandão. Fôra meu amigo na mocidade,

brincámos ambos alegremente; mais moço que eu precedeu-me já na sepultura!...

Parou aqui Cortereal, que a voz se lhe embargou com os soluços que lhe cortaram o peito. De quantas decepções não está cheia a vida humana! Destróe um sopro todas as illusões; umas após outras evaporam-se como o fumo. De que servem as saudades de alguns momentos felizes, que como relampagos raiam apenas no seio das trevas? Para mais agudas tornarem as dôres azedas do presente. Assemelham-se ás folhas pallidas e descoradas que por um resto de vegetação fugaz crescem languidamente sobre ramos de arvores já cahidas, ou em troncos sem raizes e tostados pela labareda que consumio a floresta!

Cahio de cansado sobre o leito. O alento que empregára para reanimar a vida, e as noticias infaustas que recebêra, foram superiores ás suas quebradas forças. Desprenderam-se os fios

da cadeia que o ligavam ainda á existencia. Tocava ao extremo e ao termo da vida, que lhe devia desaparecer como a estrella da manhã, que a pouco e pouco diminue diante do crepusculo, até que se some na sua immensidade.

— Approximai-vos, Antonio de Souza — disse já com amortecida voz Cortereal ao joven, que debulhado em lagrimas e guardando rigoroso silencio assistia á scena enternecedora. — Vou morrer, e com minha morte ficam applicados os manes de Affonso de Vasconcellos. Entregovos, confio-vos agora essa filha, esse thesouro de formosura e de bondade.

Com um gesto chamou para perto de si Mathilde e Antonio, e pegando-lhes nas mãos, e unindo-as ternamente, continuou :

— Tomai conta d'ella, que a amais e sois correspondido na vossa affeição. Fazei a sua felicidade na terra. Vivei ditosos, meus filhos!

Os dous jovens lançaram-se a seus pés, e os banharam com seu pranto innocente e sincero.

Levantou-os Cortereal, e abraçando-os apertadamente, disse-lhes :

— Agora, meus queridos filhos, retirai-vos por um pouco. Sinto a morte que me abraza as entranhas e me tolda as ideias. Deixai-me um momento em presença do homem de Deus!

— Que dizeis? — clamou Antonio de Souza.

Com um gesto decidido obrigou-os Cortereal a sahir immediatamente do aposento.

O religioso, achando-se a sós com o peccador na extrema angustia, tomou a attitude que lhe convinha, e perguntou-lhe, olhando-o attentamente :

— Crês em Deus?

— Creio, e creio firmemente — disse-lhe Cortereal, levantando mais forte a voz, como sóe

annunciar-se o momento fatal por uma reacção subita da natureza, a qual mais derriba e apressa depois o extremo arquejo da vida. — Creio em um Deus todo poderoso que nos fez á sua imagem. Creio em seu filho, que pelos homens soffreu na cruz morte affrontosa. Creio no Espirito Santo, symbolo sagrado da igreja catholica. Creio na santissima Virgem, mãi dos desgraçados, allivio dos afflictos, soccorro dos indigentes. É pura e sincera esta fé, que m'a deu Pero o aldeão, que me criou. Fortaleceram-m'a os trabalhos e calamidades da existencia attribulada que passei. No seio dos combates lembrava-me de Deus. No jogo das vagas e nos perigos dos naufragios reconhecia a sua omnipotencia e grandeza. Nos desertos e na bonança cõmprehendia a sua justiça infinita e a sua immensa misericordia!

Approximou-se o religioso, unvio-o intima,

mysteriosa e attentamente em sua confissão. Lançou-lhe a benção em nome de Deus.

Ouvia-se n'esse momento solemne o rumorio da chuva, que cahia fortemente sobre os telhados da casa, e o sussurro palpitante do vento, que soprava como em tespestade.

Acabada porém a missão do religioso, chegou-se este á porta, e chamou os dous jovens, que se tinham retirado para fóra do aposento.

Voltou o religioso para o leito, e pareceu-lhe que partia a alma tranquillamente do corpo de Cortereal. Pegou-lhe nas mãos; estavam frias. Approximou os ouvidos aos seus labios, e percebeu apenas o murmurio de um nome profano que lhe escapava, e com esse murmurio esvaio-se-lhe o ultimo sopro da vida.

Quando se approximaram Mathilde e Antonio de Souza, descobriram apenas um cadaver nos braços do religioso.

Era esse cadaver de Jeronymo Cortereal, poeta afamado da lingua portugueza, autor immortal do *Cerco de Diu* e do *Naufragio de Sepulveda*.

Era esse religioso frey Luiz de Souza, conhecido no mundo pelo nome de Manoel de Souza Coutinho, escriptor primoroso da *Vida de São Frey Bartholomeu dos Martyres* e da *Chronica de São Domingos de Bemfica*.

FIM

INDICE

PREFACIO. .	1
I. — O desafio.	5
II. — A desesperação.	25
III. — O conselho.	47
IV. — A resignação. .	65
V. — Os aprestos da partida.	87
VI. — A viagem.	111

VII. — A batalha de Alcaccer-Quibir.	129
VIII. — O captiveiro.	151
IX. — As illusões e sonhos.	171
X. — A nova peripecia.	187
XI. — A conciliação.	203
XII. — A agonia do poeta.	221

NAS MESMAS LIVRARIAS

Romances, Novellas, etc.

- † **A MORTE MORAL**. Novella dividida em quatro partes :
1ª Cesar; 2ª Antonieta; 5ª Hannibal; 4ª Almerinda; Epilogo.
Um livro preto, por A. D. DE PASCUAL. 4 vol. br. 8\$ 000
Encadernado. 12\$ 000
- ANECDOTAS E HISTORIETAS**, ou escolha de 650 tiradas de
varios autores, que até ao presente muitas não sahirão á luz.
1 vol. brochado. 500
- A QUANTO SE EXPÕE QUEM AMA**, novella que em todo
o seu coutexto não admitte a lettra A, composta por José Joaquim
BORDALO. 1 vol. brochado. 320
- ARMINDA E THEOTONIO**, ou a consorte fiel, historia por-
tugueza verdadeira. 1 vol. brochado. 4\$ 000
- ARTE DE AMAR**, dedicada ás damas. 1 vol. brochado. 200
- BARBEIRO (O) GASCÃO e o toureador castelhano**, factio
historico. 1 vol. brochado. 200
- BRAVO (O)**, romance de Fenimore Cooper. 1 vol. brochado. 1\$ 000
- CAMILLA**, ou o subterraneo. 1 vol. brochado. 500
- CARTAS DE ECHO E NARCISO**, por ANTONIO FELICIANO DE
CASTILHO. 1 vol. brochado. 500

- CASTELLO-BRANCO (Camillo)**. **Anathema**, romance. 1 vol. in-4 encadernado. 2 \$ 500
- **A filha do arcediogo**. 1 vol. in-4 encadernado. 2 \$ 500
- CINCO MINUTOS, A Viuvinha**, romances brasileiros por JOSÉ DE ALENCAR, segunda edição correcta. 1 vol. in-8 brochado nitidamente impresso em Paris. 1 \$ 500
- D. NARCISA DE VILLAR**, legenda do tempo colonial, pela indigena do Ypiranga. 1 vol. brochado. 2 \$ 000
- NOTE (O) DE SUZANINHA**, ou o poder de si mesmo, por J. FIÉVÉE. 1 vol. brochado. 500
- DOUS (Os) MATRIMONIOS** mallogrados, ou as duas victimias do crime, romance historico tirado da viagem do Cusco ao Pará, pelo Dr. JOSÉ MANOEL VALDEZ, da qual é um episodio. 1 vol. brochado. 2 \$ 000
- DRAMA NAS MONTANHAS (Um)**, por X. DE MONTÉPIN. 1 vol. in-8. 1 \$ 000
- DUMAS (Alex.)**. — **Aventuras de Lyderico**. 1 vol. br. 500
- **A Casa Phenicia**, ou Memorias de um edificio. 1 volume brochado. 500
- **Os Estudantes**. 1 vol. brochado. 500
- **Historia de um morto**. 1 vol. brochado. 500
- DUMAS (Alex., filho)** — **Sophia Printemps**. 2 vol. br. 2 \$ 000
- Encadernados. 3 \$ 000
- ELISA**, ou a virtuosa Castro, romance original portuguez. 1 vol. brochado. 500
- FORÇA (A) de uma paixão**, historia verdadeira de dous amantes, succedida em Lisboa. 1 vol. brochado. 500
- GALATÉA**, egloga. 1 vol. brochado. 500
- HISTORIA DA DONZELLA THEODORA**, em que se trata da sua grande formosura e sabedoria, traduzida do castelhana em portuguez por CARLOS FERREIRA LISBOENSE 1 vol. br. 500

HISTORIA DA IMPERATRIZ PORCINA, mulher do imperador Lodonio de Roma, em a qual se trata como o imperador mandou matar a esta senhora por um testemunho que lhe levantou o irmão de Lodonio, como escapou da morte, e dos nuitos trabalhos e fortunas que passou, como por sua bondade e muita honestidade tornou a cobrar seu estado com mais honra que de primeiro. 1 vol. brochado. 300

HISTORIA DE D. IGNEZ DE CASTRO, traduzida do francez. 1 vol. brochado. 400

HISTORIA DE NAPOLEÃO, traduzida em portuguez sobre a 21ª edição de Paris. 1 vol. brochado. 400

INFORTUNIOS (Os) e os amores de Luiz de Camões. 1 vol. brochado. 400

ISABEL, ou os desterrados de Siberia, por M^{me} Cottin. 1 volume encadernado. 1 \$ 600

JORNAL DAS FAMILIAS, publicação mensal, illustrada, litteraria, artistica, recreativa, etc., ornado de figurinos, vinhetas, gravuras sobre aço, aquarellas, sepias, peças de musica, desenhos de trabalhos sobre talagarsa, de crochet, de ponto de meia, lã e bordados, moldes de vestidos, capas, e em geral de tudo o que é concernente a trabalhos de senhoras. — A redacção d'esta linda publicação, unica no seu genero em portuguez, é a mesma que a da *Revista Popular*, já conhecida de ha quatro annos pelo seu talento e pela moralidade que preside aos seus escriptos, que serão sempre variados, instructivos e amenos. A confecção material tambem nada deixa a desejar; a impressão é feita com muito esmero, e das gravuras, musicas, etc., estão encarregados os melhores artistas de Paris.

AS ASSIGNATURAS SÃO ANNUAES :

Para a côrte e Nitherohy. 10 \$ 000

Para as provincias. 12 \$ 000

KOCK (Paulo de). — **Carotin**. 1 vol. in-8 brochado. 3 \$ 000

Encadernado. 5 \$ 000

- KOCK (Paulo de).—Um Galucho.** 4 vol. in-8 brochados. 4\$ 000
Encadernados. 6\$ 000
- LISARDA**, ou a dama infeliz, novella portugueza, por ELIANO AONIO. 1 vol. brochado. 320
- LIVRO (O) DAS PENSIONISTAS**, ou escolha de historietas traduzidas do francez por meninas estudiosas, offercidas a suas camaradinhos. 1 vol. brochado. 520
- LIVRO DO INFANTE D. PEDRO de Portugal**, o qual andou as sete partidas do mundo, feito por GOMES DE SANTO ESTEVÃO, um dos doze que forão em sua companhia. 1 vol. br. 500
- MARQUEZ (O) de Pombal**, por CLÉMENCE ROBERT. 1 volume in-8 brochado. 1\$ 000
Encadernado. 1\$ 500
- MARTHA**, romance, por MAX VALREY. 3 vol. brochados. 5\$ 000
Encadernados. 4\$ 500
- METUSKO**, ou os Polacos, por PIGAULT-LEBRUN. 1 volume in-4 brochado. 1\$ 000
- NOVAS CARTAS AMOROSAS**, por uma apaixonada, edição mui augmentada. 1 vol. brochado. 200
- † **O GUARANY.** Romance brasileiro por J. DE ALENCAR. 2ª edição correcta. 2 vol. in-4 nitidamente impressos e encadernados. 10\$ 000
- OITO DIAS NO CASTELLO.** Romance por F. SOULIÉ. 1 grosso vol. in-4 brochado. 5\$ 000
Encadernado. 4\$ 000
- OURIKA**, ou historia de uma negra, historia verdadeira. 1 volume brochado. 320
- PERIGO (O) DAS PAIXÕES**, conto muito moral, seguido de uma analyse sobre as paixões. 1 vol. brochado. 500

- RAPHAEL E A FORNARINA**, linda novella, por MÉR.V. 1 vol. in-4 brochado. 800
Encadernado. 1\$ 500
- ROLDÃO AMOROSO**, ou aventuras d'este famoso paladino. 2 vol. in-12 encadernados. 3\$ 200
- ROMANCES E NOVELLAS**, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 vol. in-4 brochado.
Encadernado.
- SIMPLICIDADES DE BERTOLDINHO**, filho do sublime e astuto Bertoldo, e das agudas respostas de Marcolfa, sua mãe. 1 vol. brochado. 400
- SUE (Eugenio). A Inveja**. 1 vol. in-folio brochado. . . 4\$ 000
Encadernado. 5\$ 000
- **A Ira**. 1 vol. in-folio brochado. 2\$ 000
Encadernado. 3\$ 000
- **A Salamandra**, romance maritimo. 3 vol. in-8 br. . 3\$ 000
Encadernados. 5\$ 000
- **A Soberba**. 1 vol. in-folio brochado. 6\$ 000
Encadernado. 8\$ 000
- TESTAMENTO que fez Manoel Braz**, mestre sapateiro, morador em Malhorca, estando em seu perfeito juizo, approved pelos senhores deputados da casa dos vinte e quatro, registrado pela casa do café da rua Nova, e visto por todos os curiosos. 1 vol. brochado. 200
- TRIFEIROS (Os)**, romance chronica do seculo XIV, por A. C. LOUSADA. 1 vol. brochado. 1\$ 000
Encadernado. 1\$ 600
- ULTIMA (A) HORA** de uma sepultada. 1 vol. brochado. . . 320
- ULTIMA MARQUEZA (A)**, por E. DE MIRECOURT. 1 vol. in-4 brochado. 1\$ 000
Encadernado. 1\$ 600

VIDA E ACÇÕES do celebre **Cosme Manhoso**, com os logros em que cahio por causa da sua ambição, seus trabalhos e suas miserias. 1 vol. brochado. 520

Poesias, Litteratura.

ASSUMPCÃO (A), poema composto em honra da Santa Virgem, por FR. FRANCISCO DE S. CARLOS; nova edição precedida da biographia do autor e de um juizo critico sobre a obra pelo conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 1 vol. in-8 encad. 3 \$ 000

CHRYSALIDAS, poesias de MACHADO DE ASSIS, com um prefacio do Dr. CAETANO FILGUEIRAS. 1 vol. in-8. 2 \$ 000

CINZAS DE UM LIVRO, fragmentos de um livro inedito, por BRUNO SEABRA. 1 vol. in-8. 500

DORES E FLORES, poesias de AUGUSTO EMILIO ZALUAR. 1 vol. in-4, brochado. 2 \$ 000
Encadernado. 3 \$ 000

† **FLORES E FRUCTOS**, poesias de BRUNO SEABRA. 2 \$ 000

† **FLORES ENTRE ESPINHOS**. Contos poeticos por J. NORBERTO DE S. S. 1 vol. in-8, encadern. 2 \$ 000

FLORES SYLVESTRES, poesias, por F. L. BITTENCOURT SAMPAIO. 1 vol. in-8, brochado. 2 \$ 000
Encadernado. 2 \$ 500

FOLHAS CAHIDAS apanhadas na lama, por um antigo juiz das almas de Campanhan, e socio actual da assembléa portuense com exercicio no Palheiro. 1 vol. brochado. 500

† **GONZAGA**, poema por *** , com uma introdução por J. M. PEREIRA DA SILVA. 1 vol. in-8. 3 \$ 000

HARMONIAS BRASILEIRAS, cantos nacionaes, colligidos e

- publicados por ANTONIO JOAQUIM DE MACEDO SOARES. 1 vol. in-4, brochado. 3 \$ 000
Encadernado. 4 \$ 000
- † **LIVRO (O) DE MEUS AMORES**, poesias eroticas de J. NORBERTO DE SOUZA SILVA. 1 vol. in-4, brochado.
Encadernado.
- MAGALHÃES** (DR. J. G. DE). **Factos do espirito humano**, philosophia. 1 vol. in-4. 6 \$ 000
- **Suspiros poeticos e Saudades**, segunda edição correcta e augmentada. 1 vol. in-4 nitidamente impresso e encadernado em Paris. 5 \$ 000
- MARILIA DE DIRCEU**, por THOMAZ ANTONIO GONZAGA, nova edição dada pelo Sr. J. NORBERTO DE SOUZA SILVA. 2 vol. in-8, com estampas.
- † **MEANDRO POETICO**, coordenado e enriquecido com esboços biographicos e numerosas notas historicas, mythologicas e geographicas, pelo conego Dr. JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO. 1 vol. 2 \$ 000
- NOVAES** (Faustino Xavier de). **Poesias**, segunda edição. 1 vol. in-4 encadernado.
- **Novas Poesias** acompanhadas de um juizo critico de CAMILLO CASTELLO-BRANCO, 1 vol. in-4 encadernado.
- OBRAS DO BACHAREL M. A. ALVARES DE AZEVEDO**, precedidas de um discurso biographico, e acompanhadas de notas, pelo Dr. D. JACY MONTEIRO, terceira edição correcta e augmentada com as **Obras Ineditas**, e um appendice contendo discursos e artigos feitos por occasião da morte do autor. 3 vol. in-8 primorosamente impressos e encadernados em Paris. 9 \$ 000
- OBRAS POETICAS DE IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO**, colligidas, annotadas, precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros e de uma noticia sobre o autor e suas obras, com documentos historicos por J. NORBERTO

DE SOUZA SILVA. 1 vol. in-8 nitidamente impresso e elegantemente encadernado. 3\$ 000

OBRAS POETICAS DE MANOEL IGNACIO DA SILVA

ALVARENGA (Alcindo Palmireno), colligidas, annotadas e precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor, e acompanhada de documentos historicos, por J. NORBERTO DE SOUZA SILVA. 2 vol. in-8.

† **O OUTONO.** Collecção de poesias de ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO. 1 vol. in-4 brochado. 3\$ 000
Encadernado. 4\$ 000

PEREGRINAÇÃO PELA PROVINCIA DE S. PAULO —
1860-1861, — por AUGUSTO EMILIO ZALUAR. 1 vol. in-4. 7\$ 000

POESIAS SELECTAS DOS AUTORES MAIS ILLUSTRADOS ANTIGOS E MODERNOS. 1 vol. in-4 encad.. 2\$ 500

REVELAÇÕES. Poesias de AUGUSTO EMILIO ZALUAR. Esta edição, ornada do retrato do autor gravado em aço, é das mais nitidas e primorosas que têm apparecido entre nós. O preço de cada exemplar encadernado é. 5\$ 000

ROMANCEIRO (O), por A. GARRETT. 3 vol. in-8 encad.. 9\$ 000

POESIAS TERNAS E AMOROSAS. 1 vol. in-8 br.. . . . 640

SOMBRAS E SONHOS, poesias de JOSÉ ALEXANDRE TEIXEIRA DE MELLO. 1 vol. in-4 encadernado.. . . . 4\$ 000

URANIA, canticos, 1 vol. nitidamente impresso e encad. 5\$ 000

URANIA. Collecção de cem poesias ineditas, por D. J. G. DE MACHALHÃES. 1 vol. in-8, nitidamente impresso sob a vista do autor e elegantemente encadernado. 4\$ 000

CATALOGO

DA LIVRARIA

DE B. L. GARNIER

RIO DE JANEIRO

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIS, MESMA CASA, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6, E PALAIS-ROYAL, 215

Todos os livros mencionados neste catalogo poderão tambem ser mandados pelo correio mediante o augmento de 15 % sobre o preço dos mesmos

Nº 23

OBRAS PRINCIPAES

JORNAL DAS FAMILIAS

PUBLICAÇÃO MENSAL, ILLUSTRADA, LITTERARIA, ARTISTICA, RECREATIVA, ETC.

ORNADO DE FIGURINOS, VINHETAS, GRAVURAS SOBRE AÇO,
AQUARELLAS, SEPIAS, PEÇAS DE MUSICA, DESENHOS DE TRABALHOS SOBRE TALAGARSA,
DE CROCHET, DE PONTO DE MEIA, LÃA E BORDADOS,
MOLDES DE VESTIDOS, CAPAS, E EM GERAL DE TUDO O QUE É CONCERNENTE
A TRABALHOS DE SENHORAS.

A redacção d'esta linda publicação, unica no seu genero em portuguez, é a mesma que a da *Revista Popular*, já conhecida de ha quatro annos pelo seu talento e pela moralidade que preside aos seus escriptos, que serão sempre variados, instructivos e amenos. A confecção material tambem nada deixa a desejar; a impressão é feita com muito esmero, e das gravuras musicaes, etc., estão encarregados os melhores artistas de Paris.

AS ASSIGNATURAS SÃO ANNUAES :

Para a côrte e Nitherohy. 10 \$ 000
Para as provincias 12 \$ 000

A BIBLIA SAGRADA

TRADUZIDA EM PORTUGUEZ SEGUNDO A VULGATA LATINA

ILLUSTRADA COM PREFAÇÕES

POR ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO

OFFICIAL QUE FOI DAS CARTAS LATINAS DE SECRETARIA D'ESTADO
E DEPUTADO DA REAL MESA DA COMMISSÃO GERAL SOBRE O EXAME E CENSURA DOS LIVROS

SEGUIDA

DE NOTAS PELO REV.^o. CONEGO DELAUNAY

CURA DE SAINT-ETIENNE-DU-MONT, EM PARIS

D'UM DICIONARIO EXPLICATIVO DOS NOMES HEBRAICOS, CHALDAICOS, SYRIACOS E GREGOS
E D'UM DICIONARIO GEOGRAPHICO E HISTORICO

E APPROVADA

POR MANDAMENTO DE S.^a. EXC.^a. REV.^{ma}. O ARCEBISPO DA BAHIA

EDIÇÃO ILLUSTRADA COM GRAVURAS SOBRE AÇO

ABERTAS POR ED. WILMANN

SEGUNDO

**RAPHAEL, LEONARDO DE VINCI, O TICIANO, POUSSIN
HORACIO VERNET, MURILLO, VANLOO, ETC.**

2 bellos volumes ricamente encadernados em Paris.

HISTORIA DO BRASIL

TRADUZIDA DO INGLEZ DO ROBERTO SOUTHEY

PELO

D.^o. LUIZ JOAQUIM DE OLIVEIRA DE CASTRO

E ANNOTADA PELO CONEGO

D.^o. J. C. FERNANDES PINHEIRO

6 magnificos volumes primorosamente impressos e encadernados em Pariz. .36 \$ 000

LIVRO DE LEMBRANÇAS

Ou memento diário, dando por cada dia do anno meia folha de papel em branco para fazer qualquer assento ou lembrança, e contendo : Uma lista dos principaes habitantes da côrte com suas moradas e profissões, um calendario, os ministerios, os dias de gala e feriados, todos os detalhes relativos á partida dos correios, com a tabella do porte para fóra do imperio, segundo a convenção feita com o governo francez, a taxa dos preços dos carros publicos, as horas de sahida dos vapores tanto do exterior como da côrte, a taxa do sello das lettras, um quadro do anno civil para facilidade de calcular-se os dias entre duas datas, e um de redução dos pesos e medidas, uma taboa do cambio da moeda ingleza em reis, um quadro de juros de qualquer somma de 1 a 24 0/0, etc., etc.

Todos reconhecem a utilidade d'este livro. Como memorial, tem-se sempre á vista, *dia por dia*, qualquer assento ou lembrança de qualquer cousa que se tenha de fazer ou que esteja feita; e assim é o unico meio de evitar esquecimentos muitas vezes prejudiciaes, tornando-se por isso indispensavel a todos os particulares, casas de commercio, escriptorios, administrações, etc., etc.

1 volume elegantemente encadernado.. . 2 \$ 000



RELIGIÃO

CASTIGÔ DE DEOS. 1 vol. brochado. 5 \$ 000

DEVERES DOS HOMENS, ou Moral do christianismo explicada por SILVIO PELLICO.

1 vol. brochado. 1 \$ 000

Encadernado. 1 \$ 500

† **LIÇÕES SOBRE A INFALLIBILIDADE** e o poder temporal dos papas, pelo

Dr. APRIGIO JUSTINIANO DA SILVA GUIMARÃES. 1 vol. brochado. 2 \$ 000

MEMORIA IMPROVISADA, recitada e offerecida a SS. MM. o Imperador e a Impe-

ratriz do Brasil por occasião de celebrar-se a missa pelo anniversario do passa-

mento da Senhora D. Maria II, pelo Dr. JOSÉ THOMAZ D'AQUINO. 1 vol. br. 2 \$ 000

NOVISSIMAS ORAÇÕES SACRAS e panegyricas, por um Benedictino. 2 vol.

brochados. 2 \$ 000

Encadernados 5 \$ 000

- RESPOSTA DE UM CHRISTÃO ÁS PALAVRAS D'UM CRENTE**, pelo padre
Bautain. 1 vol. brochado. 5 \$ 000
- SERMÕES DO PADRE JOAQUIM DA SOLEDADE PEREIRA.** 2 vol. in-4
brochados. 5 \$ 000
- TENTATIVA DE PONTIFICIDIO**, ou o attentado dos Jesuitas contra a vida do
papa Pio IX, opusculo manuscripto expedido de Roma para todas as cidades ca-
tholicas, relatando todos os precedentes e circumstancias que attingirão a este dolo-
roso e horrivel acontecimento. 1 vol. brochado. 4 \$ 000

LIVROS DE EDUCAÇÃO, CLASSICOS DE INSTRUÇÃO, ETC.

- ADAPTAÇÃO DO NOVO CURSO PRATICO, ANALYTICO, THEORICO E
SYNTHETICO DA LINGUA INGLEZA**, de T. ROBERTSON, ao ensino da mocidade
brasileira e portugueza, por JOAQUIM RUSSELL. 3 vol. in-4. . . 10 \$ 000
Cada volume contendo 20 lições vende-se separadamente ao preço de. . . 4 \$ 000

- ADAPTAÇÃO** do novo curso pratico, analytico, theorico e synthetico da lingua
ingleza, de T. ROBERTSON, ao ensino da mocidade brasileira e portugueza, por
JOAQUIM RUSSELL, obra adoptada pelo conselho de instrucção publica para uso do
Imperial Collegio de Pedro II, 3ª edição, 3 vol. in-4 encadernados. 15 \$ 000
Cada volume vende-se em separado. 5 \$ 000

Inutil seria fazer a apologia do methodo de Robertson, hoje quasi que geralmente adoptado para o ensino das linguas vivas, e ainda para o das mortas; convinha porém que accommodado fosse elle á mocidade que falla o idioma portuguez, e para esse fim importava que houvesse quem, possuindo amplo conhecimento das duas linguas, mostrasse as relações que entre ellas existem, e quaes as suas differenças caracteristicas. D'esse trabalho incumbio-se o Sr. Dr. Joaquim Russell, a quem longa pratica do magisterio habilitára para introduzir entre nós um systema cuja proficuidade é reconhecida por todo o mundo civilisado. Desapparecerão as difficuldades, outr'ora quasi que insuperaveis, que se oppunhão ao estudo do inglez, e hoje qualquer pessoa, ainda sem o soccorro de mestre, poderá, graças a Robertson e ás judiciosas applicações que do seu methodo fez o Sr. Dr. Russell, aprender com perfeição e em muito pouco tempo uma das mais necessarias linguas que se fallão nas cinco partes do mundo.

- A LINGUA FRANCEZA ENSINADA PELO SYSTEMA OLLENDORFF.** Novo
methodo pratico e theorico confeccionado para os Brasileiros pelos professores
CARLOS JANSEN e FRANCISCO POLLY. 1 vol. in-4º encadernado.

Este Methodo, o mais seguido hoje na Europa, recommenda-se á primeira vista pela singularidade da forma, e pelo desenvolvimento facil, mas constante, de seu abundante material.

Diz o Sr. Ollendorff no prefacio de suas obras :

« Meu systema de ensinar uma lingua moderna tem por base o principio que quasi toda a

pergunta encerra o material da resposta que se deve ou póde dar. A pequena differença entre a pergunta e a resposta explica-se previamente de maneira que o alumno nenhuma dificuldade encontrará em responder ou mesmo em formar outras semelhantes phrases. Como pergunta e resposta são analogas, o alumno, ouvindo proferir a primeira, facilmente saberá pronunciar a segunda. Este principio é tão evidente, que salta á vista ao abrir este methodo. »

AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOÉ, traduzidas do original inglez por **Nº FOÉ**. 5 \$ 000

Robinson Crusoé é uma d'essas obras primas que chegarão ás extremidades do mundo conhecido e foram traduzidas em todas as linguas. A obra de Daniel de Foé é, na verdade, uma das mais interessantes e uteis que se possa offerecer á mocidade. « E' impossivel, disse um critico judicioso, achar uma ficção mais seguida, um interesse mais vivo, lições mais aproveitaveis. » Uma boa traducção d'esta obra prima não póde portanto deixar de ser bemvinda. A que acabou de dar á luz os Srs. Garnier irmãos merece a todos os respeitoes ser bem acolhida pelo publico. Consta de dous volumes nitidamente impressos, e illustrados com 24 lindas gravuras.

AVILA (JOSÉ JOAQUIM DE). Elementos de Algebra. 1 vol. in-4. 2 \$ 600

— **Elementos de Algebra** para uso dos collegios de instrucção secundaria. 1 vol. in-4. 3 \$ 000

— **Elementos de Arithmetica.** Compendio approved pelo conselho de Instrucção Publica, e adoptado pelo Imperial Collegio de Pedro II, pelas escolas publicas, e por muitos collegios da côrte e do interior. 1 vol. in-4.

— **Elementos de Arithmetica (Resumo),** Compendio adoptado pelo conselho director da Instrucção Publica, com approvação do governo, para uso dos collegios de instrucção primaria. 1 vol. in-4.

Sendo as sciencias mathematicas um dos ramos de conhecimentos mais necessarios para o uso da vida, indubitavel é que presta relevante serviço quem põe-nas ao alcance das juvenis intelligencias. E' por certo um d'esses felizes iniciadores o Sr. major do corpo d'engenheiros e lente jubilado da escola de marinha José Joaquim d'Avila, autor da obra supramencionada. Conforme o juizo de pessoas competentes, consultadas officialmente, as obras do Sr. major Avila que de preferencia deve consultar a juventude para a boa comprehensão d'estas materias, servindo de prova d'esta apercção o benigno acolhimento com que foi recebido, e a sua adopção não só para o Collegio de Pedro II e Escolas militares, como ainda para as classes d'instrucção primaria ao municipio da côrte e da provincia ao Rodiziano.

† **BARKER (ANTONIO MARIA). Compendio da doutrina christã**, que, para se salvar, deve cada um saber, crer e entender. 1 vol. brochado 2 \$ 000

— **Compendio de civilidade christã**, para se ensinar praticamente aos meninos. 1 vol. brochado 2 \$ 000

— **Rudimentos arithmeticos**, ou taboadas de sommar, diminuir, multiplicar e dividir, para por ellas se ensinarem aos meninos pratica e especulativamente as quatro operações dos numeros inteiros, com as principaes regras dos quebrados e decimaes. 1 vol. brochado 2 \$ 000

— **Syllabario portuguez**, ou Arte completa de ensinar a ler por methodo novo e facil, 2 partes. 4 \$ 000
Cada parte vende-se em separado. 2 \$ 000

— **Bibliotheca juvenil**, ou Fragmentos moraes, historicos, politicos, litterarios e dogmaticos extrahidos de diversos autores e offerecidos á mocidade brasileira. 1 vol. in-8 encadernado. 2 \$ 000

CATECHISMO DE NOÇÕES GERAES explicadas á primeira infancia, publicado para uso das crianças em Portugal, nas provincias ultramarinas e no Brasil, pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis. 1 vol. brochado. . . 1 \$ 000

COMPENDIO DA GRAMMATICA DA LINGUA PORTUGUEZA, da primeira idade, por CYRILLO DILERMANDO DA SILVEIRA, obra adoptada pelo conselho de instrucção publica. 1 vol. in-8 encadernado 2 \$ 000

D'entre as numerosas grammaticas que se tem escripto para o ensino da lingua portugueza, nem uma póde competir em clareza, methodo e concisão com a que ora annunciamos. Nesta verdade convencerão-se o Conselho director da instrucção primaria e secundaria do municipio da corte e a Directoria geral da instrucção publica da provincia do Rio de Janeiro, adoptando-a para o uso das escolas primarias. Pondo em contrihuição as doutrinas dos melhoeres grammaticos, soube o Sr. Cyrillo Dilermando extrahir d'ellas o que era absolutamente indispensavel e comprehensivel á primeira infancia, a quem particularmente consagra o seu livro. Enumerando com rara precisão as regras, colloca embaixo de cada pagina, com as respectivas referencias, um questionario; satistito o qual, fica o alumno por si mesmo convencido de saber a sua lição sem que necessite recorrer a outro. Numa palavra o *Compendio de Grammatica portugueza* do S. Cyrillo é uma das obras mais elementares que possuímos, e cujo merito abona não só as approvações que acima citámos, como o favoravel acolhimento que tem recebido tanto nesta como nas demais provincias do imperio.

DICCIONARIO ITALIANO-PORTUGUEZ E PORTUGUEZ-ITALIANO, por ANTONIO BURDO. 2 fortes vol. in-8 grande, bem encadernados. . . . 14 \$ 000

Ficou por muitos annos esquecido entre nós o estudo da lingua italiana, apesar de sua reconhecida utilidade, da sua nomecada belleza, e da facilidade com que, em raz' o da sua analogia com o idioma brasileiro, podia ser adoptada pelos litteratos de nossa terra: não faltão recommendações de homens illustrados, que, compenetrados da necessidade de popularisar no Brasil a litteratura classica italiana, a mais rica talvez entre todas, para desenvolver no paiz o genio litterario e apurar o nosso gosto, conseguirão por fim que fosse ensinada em cadeiras publicas; hoje portanto tornou-se a lingua italiana de uso geral, e necessaria entre pessoas illustradas; nenhuma das senhoras brasileiras de delicada educação póde ignorar um idioma que alquire, fallado por ellas, ainda maior graça e suavidade. O Diccionario do Sr. Burdo, composto á vista dos mais distinctos escriptores da Italia, e em conformidade com o grande Diccionario *della Crusca*, offerce não sómente o mais rico the-ouro de vocabulos exactamente traduzidos, como as regras de sua verdadeira pronuncia, e torna-se sufficiente para perfeita intelligencia de qualquer obra italiana, sendo, além d'isso, o primeiro e unico auxilio para a traducção da lingua italiana em portuguez ou da portugueza em italiano.

DICCIONARIO DAS PALAVRAS DE CORNELIO NEPOS, pelo Dr. JOAQUIM MARCOS DE ALMEIDA REGO, obra approvada pelo conselho de instrucção publica e adoptada no Imperial Collegio de Pedro II. 1 vol. in-12 encadernado. 1 \$ 500
A mesma obra com o Cornelio. 1 vol. encadernado. 2 \$ 000

ELEMENTOS DE ARITHMETICA para instrucção primaria, por JOAQUIM ROMÃO LOBATO PIRES. 1 vol. encadernado. 1 \$ 500

ELEMENTOS DE GEOMETRIA, Trigonometria rectilinea e espherica, por BEZOUT. 1 vol. in-8 com estampas, encadernado. 3 \$ 000

ELEMENTOS DE PHILOSOPHIA, compendio apropriado á nova forma de exames da escola de medicina do Rio de Janeiro, por MORAES E VALLE. 2 tomos encadernados em 1 vol. in-4. 6 \$ 000

ENCYCLOPEDIA DA INFANCIA, ou primeiros conhecimentos para uso dos meninos, 1 v. in-12, illustrado com muitas lindas gravuras.

Esta pequena obra é uma d'aquellas cuja leitura pôde ser de mais proveito para os meninos. É illustrada com lindas gravuras, e contém, sob uma forma agradável, os elementos dos primeiros conhecimentos. Pelos titulos de alguns capitulos d'este livro poder-se-ha apreciar a sua utilidade: Aos meninos que começam a ler. — Heos creador de todas as cousas. — O universo. — O sol. — As estrellas. — Os planetas. — A terra. — A lua. — Eclipses da lua e do sol. — O homem. — Homens de diferentes côres. — Os animaes. — Os quadrupeds. — As aves. — Principaes povos e cidades da Europa. — Principaes povos e cidades da Africa. — Principaes povos e cidades da America. — Principaes povos e cidades da Oceania. — Povos mais celebres da antiguidade. — Religião dos Gregos e dos Romanos ou a Mythologia. — Divisão do tempo. — Principaes linguas antigas.

ENSAIO SOBRE ALGUNS SYNONYMS da lingua portugueza, por D. FR. F. DE S. LUIZ, 2 tomos encadernados em 1 vol. 4 \$ 00

† **ESTUDOS SOBRE O ENSINO PUBLICO**, pelo Dr. APRIGIO JUSTINIANO DA SILVA GUIMARÃES. 2 vol. brochados. 7 \$ 00

GRAMMATICA DA LINGUA ITALIANA, seguida de algumas observações por ordem alphabetica, por FALLETTI. 1 vol. brochado 2 \$ 00

LIÇÕES MORAES E RELIGIOSAS, para uso das escolas de instrucção primaria, com approvação do Ex^{mo} Bispo CAPELLÃO-Mór conde de Irajá, e do conselho e directoria da instrucção da provincia do Rio de Janeiro, por JOSÉ RUFINO RODRIGUES VASCONCELLOS, chefe de secção da 4^a directoria geral da secretaria de estado dos negocios da guerra, cavalleiro da ordem de Christo, membro fundador e ex 1^o secretario do Conservatorio Dramatico Brasileiro. 1 vol. in-8. 2 \$ 00

LIVRARIA CLASSICA PORTUGUEZA. Excerptos dos principaes autores portuguezes de boa nota, assim prosadores como poetas; obra collaborada por muitos dos primeiros escriptores actuaes da lingua portugueza, e dirigida por ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO e JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO; 2^a edição publicada sob os auspicios de S. M. F. el-rei D. Fernando, de Portugal.

MANUAL DA CONVERSAÇÃO E DO ESTYLO EPISTOLAR para o uso dos viajantes e da mocidade das escolas; **Portuguez-francez**; por CAROLINO DUARTE. 1 vol. elegantemente cartonado. 1 \$ 00

— **Portuguez-inglez**, por CAROLINO DUARTE e CLIFTON. 1 vol. elegantemente cartonado. 1 \$ 00

MANUEL DE LA CONVERSATION et du style épistolaire à l'usage des voyageurs et de la jeunesse des écoles; en six langues: **Français-Anglais-Allemand-Italien-Espagnol-Portugais**, por CLIFTON, VITALI, EBELING, BUSTAMANTE e DUARTE. 1 vol. relié 3 \$ 00

‡ **METHODO FACIL PARA APRENDER A LER**. 1 vol. encadernado. 500

NOÇÕES PRATICAS E THEORICAS DA LINGUA ALLEMÃA, compostas para servirem de compendio no Imperial Collegio de Pedro II, por **BERTHOLD GOLDSCHMIDT**, professor no mesmo collegio. 2 vol. in-8 brochados. . . . 7 \$ 000
Encadernados 8 \$ 000

Em duas partes divide-se esta interessante obra : na primeira busca o autor familiarisar o alumno com a lingua allemãa por meio de dialogos, exercicios e trechos litterarios. Buscando de preferencia para as-umpito d'esses dialogos objectos triviaes, chama d'esta arte sobre elles a attenção, ao passo que fixa-os na memoria fazendo-os decorar e copiar repetidas vezes. Consagra a segunda parte ao estudo das regras, acompanhando-as logo da necessaria applicação. O emprego dos exames, ou questionarios, collocados no fim de cada regra, tem a summa vantagem d'adestrar os alumnos na conversação, obrigando-os a estudarem e repetirem essas mesmas regras. O methodo do Sr. professor Goldschmidt tem todas as vantagens do ensino pratico sem participar de nenhum dos seus vicios, habilitando o alumno desde a primeira lição a construir orações semelhantes ás que são dadas para modelo.

Importante é a segunda parte d'estas *Noções*; porquanto nellas encontrar-se-hão com a maior simplicidade as regras fundamentais da grammatica, com a mais completa maneira de declinar os substantivos, assim como de conjugar os verbos regulares e irregulares, que, como é geralmente sabido, constituem a maxima difficuldade no estudo de qualquer lingua.

Reconhecida, como está, a vantagem de cultivar-se o idioma de Goethe e de Schiller, nem um methodo nos parece para isso mais azado do que o do esclarecido professor do Imperial Collegio de Pedro II.

NOVA GRAMMATICA PORTUGUEZA-FRANCEZA, ou Methodo pratico para aprender a lingua franceza, seguida de um Tratado dos verbos irregulares e de exercicios progressivos para as differentes forças dos discipulos, por **EDOUARD DE MONTAIGU**. 2 nitidos vol. in-8 encadernados. 4 \$ 000

Esta grammatica, fructo de muitos annos de pratica e experiencia, foi acolhida com applauso á sua apparição, não só pela imprensa brasileira, como tambem pelos professores.

Muito longo seria enumerar tudo quanto se disse a seu respeito; limitar-nos-hemos pois a transcrever aqui a opinião do *Jornal do Commercio* do 21 de novembro de 1861.

« O Sr. Garnier acaba de prestar mais um serviço ao ensino publico, imprimindo um d'esses livros uteis que nunca serão de mais, por maior que possa ser o seu numero. E' uma *nova grammatica franceza* escripta em portuguez pelo Sr. Eduardo de Montaignu, cuja longa pratica do magisterio o habilitava a conhecer a fundo as necessidades d'esta especie de ensino. Já tínhamos, é verdade, alguns bons trabalhos nesta especialidade; mas como nunca será possível attingar a perfeição, sempre ha de ser um verdadeiro serviço apresentar outros novos, que, aproveitando o que nos anteriores houver aproveitavel, lhes vão pouco a pouco corrigindo os defeitos.

« A obra que temos presente recommenda-se pela clareza da exposição, e sobretudo pelo desenvolvimento dado a todas as partes do discurso, e especialmente aos verbos, que, como diz o autor, são a chave da lingua. Encontramos tambem a conjugação completa de todos os verbos irregulares simplicies, com a indicação dos compostos que por elles se conjugão, o que é sem duvida um grande auxilio para os principiantes, e mesmo para os que já sabem alguma cousa.

« O methodo seguido é o que tão geralmente vai sendo adoptado, e que consiste em logo em seguida ás regras offerecer exercicios, por meio dos quaes o discipulo, applicando-as, fique insensivelmente com ellas gravadas na memoria, sem o alhorrecido e enfadonho trabalho de decora-las, que é o que tantas vezes faz esmorecer o alumno.

« A obra divide-se em dois volumes, dos quaes o primeiro contém o que em rigor compõe uma grammatica, comprehendida a syntaxe, assaz minuciosamente explicada, afóra um vocabulario das palavras mais usa las nas duas linguas, emquanto o segundo é exclusivamente dedicado a progressivos exercicios praticos, que, ao passo que vão gradualmente iniciando os discipulos nas especialidades e finuras da lingua, o familiarisáo com o estilo e os nomes dos mestres da litteratura. de cujas obras são tirados os differentes modelos que se apresentam.

« Obras como esta com prazer as registramos, abstendo-nos todavia de fazer comparações e estabelecer preferencias, que só podem ser dictadas pela pratica e exercicio do professorado.»

NOVA RHETORICA BRASILEIRA, pelo Dr. ANTONIO MARCIANO DA SILVA PONTES, obra approvada pelo conselho director e adoptada para o Imperial Collegio de Pedro II. 1 vol. in-4 brochado. 5 \$ 000
 Encadernado. 6 \$ 000

NOVO SYSTEMA PARA ESTUDAR A LINGUA LATINA, por ANTONIO DE CASTRO LOPES. 2 edição melhorada. Autorisado pelo Conselho de Instrucção Publica, adoptado no Imperial Collegio de Pedro II, e em muitos outros da côrte e das provincias. 1 vol. in-8. 5 \$ 000

PINHEIRO (CONEGO DR. J. C. FERNANDES). **Catechismo da Doutrina Christãa**, composto para o ensino dos alumnos do Instituto dos Meninos Cegos; obra adoptada pelo Conselho de Instrucção publica para as escolas primarias da côrte, pelo Imperial Collegio de Pedro II, e muitos outros da côrte e do interior, approvada pelo Ex^{mo}. e REV^{mo}. SR. BISPO DO RIO DE JANEIRO. 1 vol. in-8 grande. 1 \$ 000

Bem ardua é a missão do que tem d'explicar ás entantis intelligencias os sublimes mysterios da religião do Christo; e por isso, apezar da grande abundancia de catechismos e cartilhas poucos ha que preenchão o seu fim. Neste ultimo caso está incontestavelmente o que para uso dos jovens cegos compoz o Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro, quando foi pelo governo imperial incumbido de lecciona-los. Espargindo o perfume da elegancia e das graças do estylo, plantou a lé nesses corações que só á descreuça parecião condemnados, e por veredas semeadas de flores conduziu seus neophyts ao redil da Igreja. Numa mui li-segeira carta que lhe dirigio, e da qual por modestia apenas dá-nos um extracto, reconhece sabio bispo do Rio de Janeiro a excellencia do methodo do douto ecclesiastico, e recommenda seu catechismo, cuja orthodoxia solememente proclama. Accedendo ao convite do santo prelad fluminense, apressou-se o Conselho da instrucção publica do municipio da côrte, e a Directoria das aulas da provincia do Rio de Janeiro, d'adopto-lo para o uso das classes primarias, exempl este seguido por grande numero de collegios e casas d'educação. A terceira edição, que ora annunciamos, foi consideravelmente melhorada pelo autor, refundindo o seu plano em ordem torna-lo cada vez mais apropriado ao seu fim, e annexando ao catechismo um appendice com orações mais necessarias á vida d'um verdadeiro christão.

Curso elementar de litteratura nacional. 1 vol. in-4 nitidamente impresso e encadernado em Paris. 7 \$ 00

De ha muito que sentia-se a necessidade d'um livro destinado á analyse das obras que no idioma de Camoës e de Caldas se tem escripto.

Incompletos, e pela mior parte compostos em linguas estranhas, erão os trabalhos até agora entregues ao dominio publico, e vergonhoso era que, possuindo a niciedade brasileira e portugeza noções mais ou menos completas das litteraturas antigas e modernas, ignorasse qua que completamente o que de bom possuia na sua. Para encher esse vazio, que por experienci conheceo no magisterio exercido no Imperial Collegio de Pedro II, emprehendeo o Sr. Conego J. C. Fernandes Pinheiro a confecção d'um *Curso elementar de litteratura nacional*. Descjosos de comprehender em limitado espaço abundancia de materia, incluiu o illustre professor no seu trabalho a historia litteraria portugueza e brasileira, a bibliographia e a analyse summaria de obras de maior vulto escriptas num ou noutro lado do Atlantico. A maior imparcialidade dicta os seus juizos, e nem uma animosidade, nem um falso patriotismo envenena suas apreciações. Compоста para o uso dos alumnos do ultimo anno do Imperial Collegio de Pedro II tem a obra o cunho didactico, reunindo em si todas as vantagens de semelhantes escripto.

Episodios da historia patria contados á infancia, obra adoptada pelo conselho director da instrucção publica. 1 vol. in-8 encadernado. 2 \$ 00

Derramar os conhecimentos uteis por todas as classes da população é por certo tarefa digna de encomios; muito maior porém é o serviço ao paiz prestado, quando, deixando a sua cade

academica, vem sentar-se um litterato no banco das escolas, ensinando aos meninos, os primeiros rudimentos da historia patria. Neste ultimo caso acha-se o Sr. Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, que, na phrase do S. Norberto, *ao passo que escreve para os sabios, com elles repartindo suas lucubr. ções. não se esquece da infancia, esboçando-lhe sem apparato d'erudição, ou alarde d'historiador, esses quadros da historia patria que tao facilmente se prestão á comprehensão facilit pelo seu colorido tao natural e tao cheio de novidade.*

Em trinta capitulos dividem-se a obra em os, e nelles se enumera o que ha de mais notavel nos annaes brasileiros, expostos com a maior simplicidade, e destinados a serem lidos com prazer, e, se possível fór, decorados pela infancia d'ambos os sexos. *h'um admiravel diorama, que, variando sem cessar de vistas, recreia a imaginação e fortalece o espirito.*

RECREAÇÃO BRASILEIRA, scientifica e moral, dedicada á mocidade de ambos os sexos, por SEBASTIÃO FABREGAS SURIGUÉ. 1 vol. brochado. 320

RESOUREO JUVENIL, ou noções geraes de conhecimentos uteis para uso das escolas, por LUIZ FRANCISCO MIDOSI. 1 vol. brochado 6 \$ 000

RINOCQ (CAMILLO). CURSO DE ESTUDOS ELEMENTARES. Collecção de Tratadinhos separados, contendo as mais uteis noções ácerca dos principaes ramos de conhecimentos, comprehendendo :

- **Primeiro Livro de Leitura**, contendo : Syllabario, Orações, Historietas, Noções de Arithmetica, Modelos de Lettra manuscripta. 1 vol. in-8. 1 \$ 000

- **Resumo da Geographia Geral**, antiga e moderna, 1 vol. in-8. 1 \$ 000

- **Mythologia**. 1 vol. in-8. 1 \$ 000

- **Resumo da Historia Santa**, contendo o Antigo e o Novo Testamento. 1 vol. in-8. 1 \$ 000

- **Resumo da Historia da Europa Antiga**. 1 vol. in-8. 1 \$ 000

- **Resumo da Historia da Europa**, durante a Idade Media. 1 vol. in-8. 1 \$ 000

- **Resumo da Historia da Europa Moderna**. 1 vol. in-8. 1 \$ 000

- **Resumo da Historia da America**. 1 vol. in-8. 1 \$ 000

- **Elementos de Algebra**. 1 vol. in-8. 1 \$ 000

- **Elementos de Geometria**. 1 vol. in-8, comestampas. 1 \$ 000

- **Elementos de Astronomia**, seguidos de uma noticia ácerca do Calendario. 1 vol. in-8, com um Planisphero celeste. 1 \$ 000

Resumir em estreito quadro os factos que mais convem ao joven conhecer; coordenar o todo de maneira a ter entre suas partes relação e nova; pôr estes conhecimentos ao alcance de todas as intelligencias pela simplicidade e concisão da redacção, eis o trabalho que o Sr. Camillo Rinocq empreheo. A experiencia do autor durante os muitos annos que se dedicou ao ensino tem-lhe provado que o melhor modo de apresentar á mocidade os elementos da sciencia era de tornar-lhe interessantes as noções, muitas vezes fastidiosas, por conterem desenvolvimentos fora de seu alcance. Afim de exercer a memoria e a intelligencia dos alumnos sem cansaço, cada obra que compõe esta collecção achase dividida em capitulos, os capitulos em secções ou paragraphos de poucas paginas, e cada uma das divisões é seguida de um questionario por onde o pai de familia, o mestre ou mestra, podem conhecer se o discipulo tem comprehendido o conteúdo de suas lições. Ora essa interrogação frequentemente repetida, e feita com desvelo, tem a vantagem de habituar cedo o alumno a exprimir-se com facilidade, de gravar em esforço os factos em seu espirito, e, devendo elle dar conta da lição, de volte-lo mais atento, e por consequencia de abrir-lhe assim melhor as ideias : a reflexão é o ponto capital

de um bom methodo. Posto em pratica nas escolas, este modo de ensino, tão simples quanto facil, ha de amenisar a tarefa do professor, ao mesmo tempo que ha de tornar mais proveitosos os estudos do alumno. Pois os Srs. directores de estabelecimentos de educação, e os pais de familia, não podem escolher obras mais apropriadas para um bom ensino elementar, porque na realidade não ha ainda um curso tão methodico e tão claro e que offereça num quadro tão limitado uma reunião de conhecimentos e de factos tão variados.

VOCABULARIO BRASILEIRO para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza, por BRAZ DA COSTA RUBIM. 1 vol. brochado. . . 1 \$ 000

HISTORIA, GEOGRAPHIA, ETC.

ATLAS DE GÉOGRAPHIE ANCIENNE ET MODERNE à l'usage des collèges et de toutes les maisons d'éducation, dressé par C. V. MONIM ET A. VUILLEMIN. 1 vol. in-fol. relié. 8 \$ 000

BRASILEIRAS CELEBRES, pelo Sr. J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 vol. encadernado. 2 \$ 000

Forma esta galeria de quadros historicos consagrada ao sexo feminino a primeira parte d'uma monumental obra que com o accordo e collaboração do Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro vai ser publicada com o titulo de PANTHEON BRASILEIRO, na qualserao admittidos todos os que pelo seu saber, serviços e virtudes, tornário-se credores da gratidão naco nal. O livro do Sr. Norberto, de que fazemos menção, forma o proscenio d'esse magestoso templo da gloria patria.

CASTRIOTO LUSITANO, ou Historia da guerra entre o Brasil e a Hollanda durante os annos de 1624 a 1654, terminada pela gloriosa restauração de Pernambuco e das capitancias confinantes : obra em que se descrevem os heroicos feitos do illustre João Fernandes Vieira, e dos valorosos capitães que com elle conquistarão a independencia nacional; por FR. RAPHAEL DE JESUS. 1 vol. in-4 ornado com o retrato de João Fernandes Vieira e duas estampas historicas. 5 \$ 000

COMPENDIO DE GEOGRAPHIA offerecido ao governo de S. M. I., e por elle aceito, para o estudo dos alumnos do Imperial Collegio de Pedro II, pelo Dr JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA. 1 vol. in-8. encadernado 2 \$ 500

COMPENDIO DA HISTORIA ANTIGA, adoptado no Imperial Collegio de Pedro II pelo Dr. JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA. 1 vol. in-4, encadernado. 2 \$ 400

COMPENDIO DA HISTORIA DA IDADE MEDIA, adoptado no Imperial Collegio de Pedro II, pelo mesmo. 1 vol in-4, encadernado. 2 \$ 400

O pensamento que levou este distincto publicista a escrever um curso d' historia universal, cujas duas primeiras partes ora annunciamos, foi por certo mui louvavel e digno d' incitacão. Quiz o Sr. Dr. Rocha subtrahir seus jovens compatriotas à exclusiva influencia dos livros francezes, que, além de corromperem a linguagem vernacula pela falta que tem a mocidade do necessario antidoto, apresentão desfigurados os factos historicos quando a gloria ou o interesse do seu paiz a isso os convida. Acresce que nos compendios francezes occupa a historia de França um lugar tão saliente, tão grande desenvolvimento se lhe dá, que quasi desaparece a dos outros povos. Para sanar este inconveniente, compoz o autor a que nos referimos um resumo historico dos tempos antigos e medios, abrangendo os factos de maior magnitude, e que por isso mais facilmente se guardão na memoria da mocidade. Realçando a lucida exposiçào do seu assumpto com graças do estylo, conseguiu fazer uma obra que não só se torna de absoluta necessidade nas aulas, como ainda deve ornar todas as livrarias.

COMPENDIO DA HISTORIA DA IDADE MEDIA, ornado de um grande e mag-nifico mappa da invasão dos barbaros, e de quadros synchronicos, por J. B. CALOGERAS, obra adoptada pelo conselho de instrucção publica, com approvaçào do Governo Imperial. 2 vol. in-8, encadernados. 6 \$ 000
O mappa vende-se em separado, preço. 2 \$ 000

É o periodo da idade media o mais importante da historia por ser nelle que apparecerão os povos que po lemos considerar como progenitores dos que hoje capitaneão a civilisaçào. Distinctos escriptores hão consagrado suas pennas em diffundir luzes sobre o chaos que occulta a embryologia da moderna civilisaçào, e obras verdadeiramente monumentaes hão apparecido, principalmente em nosso seculo, quando os estudos d'erudiçào historica começãrão a ser cultivados com ardor. Difficil porém sendo a acquisiçào de semelhantes obras, escriptas todas em linguas estranhas, ficava a juventude privada do fio conductor para penetrar em tal labyrintho. Conhecendo essa deficiencia, incumbio-se o Sr. J. B. Calogeras de suppri-la, organizando um compendio, onde, a par de solida erudiçào espargida em paginas de brilhante colorido, depara-se com a clareza e ordem indispensaveis nos livros elementares. Para que melhor comprehendida fosse a exposiçào que fazia, enriqueceo o seu compendio com quadros synopticos que num relance d'olhos despertão as reminiscencias e fortificão a memoria. Recommendamos esta obra aos estudiosos da historia.

COMPENDIO DA HISTORIA ANTIGA, e particularmente da Historia Grega, seguido d'um compendio de Mythologia. 1 vol. in-8, encadernado. 2 \$ 000

COMPENDIO DA HISTORIA ROMANA. 1 vol. in-8, encadernado. 2 \$ 000

COMPENDIO DA HISTORIA SAGRADA, com as provas da religiào por perguntas e respostas, para o uso das escolas. 1 vol. in-12, encadernado. 1 \$ 000

COMPENDIO DA HISTORIA UNIVERSAL, por VICTOR DURUY, ministro da Instrucção Publica de França e ex-Professor de Historia no Lyceo Napoleão; traduzido pelo padre FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA, Professor no Imperial Collegio de Pedro II. 1 vol. in 8.

CHO DA GUERRA (O) : Báltico, Danubio, Mar Negro, por LÉOUZON LE DUC; traduzido por D. P. E SILVA, ornado de 4 retratos. 1 vol. in-8 brochado. 2 \$ 000
Encadernado. 2 \$ 500

PITOME CHRONOLOGICO DA HISTORIA DO BRASIL, para o uso da mocidade brasileira, composto pelo Dr. CAETANO LOPES DE MOURA, dedicado (com per-

missão especial) pelos editores a Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil, ornado do seu retrato e d'um mappa do Brasil. 1 vol. in-8 encadernado. 3 \$ 000

HISTORIA DA FUNDAÇÃO DO IMPERIO BRASILEIRO, por J. M. PEREIRA DA SILVA. Esta obra formar-se-á de 4 a 5 volumes, ao preço cada um de 5 \$ 000

HISTORIA DO BRASIL, traduzida do inglez de ROBERTO SOUTHEY pelo Dr. LUIZ JOAQUIM DE OLIVEIRA E CASTRO, e annotada pelo Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 6 magnificos volumes primorosamente impressos e encadernados em Paris 36 \$ 000

A obra de Southey sobre o Brasil é um monumento historico de que se deve ufanar a terra de Santa-Cruz. O autor é um dos escriptores mais distinctos da soberba Inglaterra, e gozou dos fôros de poeta laureado. A sua historia, escripta imparcialmente e á vista de numerosos documentos ineditos que seu tio obtivera em Portugal, além das melhoeres obras dos autores portuguezes e brasileiros, vem preencher uma falta sensivel, e que descuido fóra deixar existir por mais tempo.

A traducção, devida á penna do Sr. Dr. Luiz de Castro, é digna de ser apreciada pelos puristas da lingua portugueza.

Apezar de ter bebido as suas informações em fontes puras, a obra de Roberto Southey reente-se de alguns erros devidos á falta de informações que forão reveladas posteriormente. Esses pequenos senões desapparecem ante as elucidações do Sr. J. C. Fernandes Pinheiro, abalizado archeologo brasileiro.

A imprensa da capital e das provincias do imperio recebeu com applauso a noticia da publicação d'esta obra, e a transmittio d'este modo a seus leitores:

« O livro que o Sr. Garnier vai publicar brevemente é uma traducção da *Historia do Brasil* de Roberto Southey.

« De tudo quanto se tem escripto sobre o Brasil, a obra de Southey é talvez a unica digna de attenção; dista tanto dos panegyricos de Reybaud como das petas aleivosas que á nossa custa o pintor Biard impinge aos Parisienses.

« Southey observou com criterio e escreveu quasi sempre com imparcialidade; apreciou justamente os factos, fallou com independencia. A edição ingleza da *Historia do Brasil*, hoje quasi esgotada, encontra-se difficilmente, e só póde adquirir-se por um preço fabuloso. Vertendo-a para o portuguez, não sei se o Sr. Garnier faz bom ou máo negocio, mas incontestavelmente presta um serviço aos Brasileiros.

« O Sr. conejo Fernandes Pinheiro incumbio-se de rectificar em algumas notas uma ou outra apreciação menos exacta do escriptor inglez, corrigindo, em face de documentos posteriormente descobertos, pequenas faltas que se encontrão no livro de Southey. E' mais uma riqueza para a nova edição. Além de tudo isso, teremos a satisfação de ler a historia de Southey na lingua vernacula, que é para nós mais facil do que a ingleza. »

(*Correio Mercantil.*)

« Vamos finalmente ter uma traducção da *Historia do Brasil* de Roberto Southey.

« E' o melhor trabalho que tem sahido de uma penna estranha a respeito da nossa historia patria, e a falta que agora se repara constitua uma vergonha para nós.

« Roberto Southey prestou-nos um serviço, que nunca lhe agradecerão.

« A traducção é feita pelo Sr. Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, e annotada pelo Sr. conejo Dr. Fernandes Pinheiro.

« A edição, nitida e elegante, foi mandada fazer pelo Sr. B. L. Garnier. »

(*Diario do Rio de Janeiro.*)

« Brevemente será publicada pelo Sr. Garnier a excellente *Historia do Brasil* de Roberto Southey, traduzida em portuguez, e annotada pelo Sr. conejo Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, cujo nome é tão vantajosamente conhecido na litteratura do paiz, cuja historia lhe é devedora de uteis e importantes trabalhos. »

(*Correio da Tarde.*)

« Ninguém ha que deixe de ter conhecimento d'este magestoso monumento erguido á gloria nacional por mão estranha: poucos paizes são os que conhecem por propria leitura e que contém esta excellente obra em suas estantes. Para isto concorria não só a sua carestia, por tornar-se cada vez mais rara, como por ella ser escripta em inglez, idioma infelizmente pouco cultivado entre nós.

« Graças, porém, á solicitude do Sr. B. L. Garnier pelo desenvolvimento litterario de nossa patria, vai ser dada ao preço e proxivamente será distribuída aos assignantes uma excellente versão da referida historia devida á classica e elegante penna do Sr. Dr. Luiz de Castro, vantajosamente conhecido pelas suas publicações na *Revista Popular*, assim como pelos versões das obras de Gilbert e Wilson a respeito dos hancos e do credito publico.

« Cremos que, depois d'esta transformação por que vai passar a historia de Southey, será ella mais lida pelos Brasileiros e Portuguezes, e ainda pelos povos que fallão a lingua castellana, por isso que ahí depararão com muitos capitulos relativos aos annaes dos povos hispano-americanos. Ganhando d'esta arte mais um bom livro para a nossa litteratura pelo que diz respeito á linguaem, conseguiremos que lida e estudada seja a nossa historia em uma de suas melhores fontes.

« Como complemento de tão util obra, incumbio-se das notas e esclarecimentos de que carece o texto o Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. O nome de Sr. S. o ardente zelo que tem constantemente mostrado pelas cousas patrias, abonão sufficientemente a perfeição do trabalho que sobre si tomou, e fazem-nos esperar que rectificadas sejam as inexactidões que escapámo ao illustrado litterador inglez, já pela carencia de documentos, já pela sua manifesta antipathia contra a religião catholica, já finalmente pelo resentimento que vota contra as nações rivães da sua, como a hespanhola, a hollandeza e a franceza.

« Dando aos leitores tão agradável noticia, congratulamo-nos com o digno editor pelo pagamento que acaba de levar a effeito. »
(*Correio Paulistano.*)

HISTORIA DO CONSULADO E DO IMPERIO, por A. THIERS. 11 vol. in-4 ornados de numerosas estampas, brochados. 35 \$ 000
Encadernados 44 \$ 000

HISTORIA SAGRADA ILLUSTRADA para o uso da infancia, seguida d'um appendice; contendo: 1º uma relação analytica dos livros do Antigo e Novo Testamento; — 2º uma tabella chronologica dos principaes acontecimentos; — 3º um vocabulario geographico explicativo dos nomes dos povos e paizes mencionados na mesma historia. — Composta pelo Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 1 vol. in-8. 2 \$ 000

MAPPAS DO IMPÉRIO !

- Pará e Alto Amazonas. 2 \$ 500
- Maranhão. 2 \$ 500
- Ceará. 2 \$ 500
- Rio-Grande do Norte e Parahyba. 2 \$ 500
- Pernambuco, Alagoas e Sergipe. 2 \$ 500
- Bahia. 2 \$ 500
- Espirito Santo. 2 \$ 500
- Rio de Janeiro. 2 \$ 500
- S. Paulo. 2 \$ 500
- Santa Catharina. 2 \$ 500
- S. Pedro do Sul. 2 \$ 500

— Minas Geraes (2 folhas)	5 \$ 000
— Goyaz (2 folhas).	5 \$ 000
— Mato-Grosso	5 \$ 000
— Piauhy	2 \$ 500
— Imperio do Brasil (2 folhas).	7 \$ 000
— Planta do Rio de Janeiro , levantada pelo engenheiro inglez da Companhia do Gaz JOHN EDGAR KER, por occasião de fazer as medições para o estabelecimento do gaz na côrte; 1 magnifica e grande folha impressa sobre excellente papel e collada sobre panno, envernizada, com páos, propria para ser dependurada em casas de commercio, escriptorios, gabinetes de estudo, salas, etc.	7 \$ 000

PLANISPHERIO TERRESTRE, indicando as novas descobertas, as Colonias Europeas, e as linhas maritimas dos navios de vapor que fazem escala nos principaes portos de commercio, traçado por A. VUILLEMIN, geographo; traducção e correcção de CAROLINO DUARTE. (1 folha de 1 metro 30 cent. de comprimento sobre 90 cent. de largão). 6 \$ 000

Este plani-pherio. executado com extremo cuidado por M. Vuillemin, facilita particularmente o estudo da geographia, e permite encerrar o todo do mundo em todas as suas partes.

Além de tolas as novas descobertas que nelle figurão, está completamente ao nivel do progresso da sciencia.

Os diversos estados, suas possessões e colonias estão indicados por uma mesma côr, que torna a procura commoda e facil. Está preparado de maneira a poder ser com vantagem collocado em uma sala de jantar, sala de espera, em um vestibulo, etc.

MEMORIAS PARA A HISTORIA DO EXTINGTO ESTADO DO MARANHÃO, cujo territorio comprehende hoje as provincias do Maranhão, Piauhy, Grão-Pará e Amazonas; colligidas e annotadas por CANDIDO MENDES DE ALMEIDA. Tomo 1º: **Historia da Companhia de Jesus** na extincta provincia do Maranhão e Pará, pelo padre JOSÉ DE MORAES, da mesina companhia. 1 vol. in-4 de 554 paginas, brochado 6 \$, bem encadernado. 7 \$ 000

Esta obra constará de quatro volumes de mais de 500 paginas cada um, de que só o primeiro se acha publicado. Os outros sahirão brevemente á luz.

É de muito interesse para as pessoas que cultivão a historia nacional, visto como formará uma collecção de todas as obras ineditas ou raras, de merecimento, que tratão da historia d'aquella parte do imperio.

Todas as obras que fizerem parte d'esta collecção serão acompanhadas de notas, e, sendo preciso, de mappas e plauos indispensavcis á elucidacão do texto, de modo a remover as duvidas e obscuridades acerca da data de algum feito memoravel, do lugar do nascimento de algum Brasileiro illustre, da situacão preciza de estabelecimento colonial ou aldeia hoje não existente, mas de interesse historico; bem como sobre a exactidão de nomes de individuos notaveis, hordas selvagens e povocações antigas, etc.

O primeiro volume publicado, e que se acha á venda na livraria Garnier, contém a primeira parte da obra do padre José de Moraes, da Companhia de Jesus, que trata da historia d'essa celebre corporação no Maranhão e no Pará. Esta parte foi a unica que escapou do confisco feito ha um seculo nos papeis e bens dos Jesuitas.

A par dos feitos notaveis dos lilhos d'esta congregação, vem muitos outros sobre o descobrimento, povocação e progresso d'aquellas provincias do norte, de que não havia noticia nas obras que correm impressas; e bem assim sobre o estado dos indigenas que as habitavão, das missões

que se emprehendêrão para attrabi-los ao gremio do christianismo, e sobre as lutas que jã varão os colonos já com as indigenas, já com os Jesuitas que defendião sna liberdade, sendo muitos factos comprovados com documentos ineditos e importantes.

As pessoas que não quizerem possuir toda a collecção podem comprar qualquer das obras que se colleccionarem, quando a materia comportar um volume ou exceder, tendo nesse caso a obra titulo peculiar que dispense o de *Memorias*, o que já acontece com o primeiro tomo, que pôde ser encadernado sem numeração, com o titulo de *Historia da Companhia de Jesus na extincta provincia de Maranhão e Pará*.

TRATADO DE GEOGRAPHIA ELEMENTAR, physica, historica, ecclesiastica e politica do Imperio do Brasil; obra inteiramente nova, composta pelo Dr. AMEDEO MOURE e pelo lente V. A. MALTEBRUN, dedicado a Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II, imperador do Brasil, e oruado de seu retrato. 1 vol. in-8, encadernado. 3 \$ 000

VARÕES ILLUSTRES (Os) do Brasil durante os tempos coloniaes, por J. M. PEREIRA DA SILVA. 2 vol. in-4, brochados, 8 \$ 000, encadern. . . 10 \$ 000

Esta obra, nitidamente impressa em Paris, mereceo elogios, pela sua materia e linguagem, de muitos jornaes francezes, portuguezes, italianos e alemães; é a historia politica, litteraria e scientifica do Brasil em quanto colonia.

DIREITO, ECONOMIA POLITICA, FINANÇAS

COMMERCIO, ETC.

ANALYSE SOBRE A ESCRIPTURAÇÃO COMMERCIAL. 1 vol. in-4, brochado. 1 \$ 000

ASSESSOR FORENSE (O), ou formulario de todas as acções commerciaes segundo o regulamento commercial de 25 de novembro de 1850, contendo : os modelos de todas as petições, despachos, termos, autos, allegações, embargos, sentenças, e finalmente todos os termos dos processos; seguido do processo das quebras, quer no juizo commercial, quer no juizo criminal, pelo Dr. CARLOS ANTONIO CORDEIRO. 1 vol. in-4, encadernado. 8 \$ 000

Esta obra, elaborada com muito enidado e minuciosidade, é de incalculavel proveito, não só para todas as psssoas do fóro, como mesmo para as que se dão á vida do commercio. É um excellento guia para a propositura de qualquer acção, seu andamento e solução no fóro commercial.

CAPITAL, CIRCULAÇÃO E BANCOS, por JAMES WILSON, traduzido pelo Dr. LEIZ JOAQUIM D'OLIVEIRA CASTRO. 1 vol. in-4, impresso e encadernado em Paris. 6 \$ 000

[¶]Tal é o titulo da obra (complemento quasi indispensavel do Tratado dos Bancos de Gilbert), formada da serie d'artigos que nos annos de 1844-1847 publicou no *Economista* o illustrado James Wilson. Ninguem desconhece a subida importancia dos objectos de que tratou, importancia tanto mais reconhecida no Brasil, onde as questões financeiras prendem-se ao futuro do paiz e constituem o principal embaraço para os estadistas. Assim pensando o Sr. Dr. Luiz Joaquim d'Oliveira e Castro, verteo para a linguagem vulgar a obra do economista inglez, prestando d'esta arte verdadeiro serviço aos que não possuem cabal conhecimento da lingua de Adão Smith para poder comprehender e apreciar o original.

CODIGO CRIMINAL DO IMPERIO DO BRASIL, contendo não só toda a legislação alterante ou modificante de suas disposições publicada até o fim do anno de 1860, como todas as penas de seus differentes artigos calculadas segundo os seus grãos e as diversas qualidades dos criminosos, pelo Dr. CARLOS ANTONIO CORDEIRO. 1 vol. in-4, brochado 4 \$ 000, encadernado. . 5 \$ 000

[¶]Tendo muitas vezes notado que a maneira generica por que foram redigidas as disposições do Código Criminal Brasileiro, subordinadas apenas a regras geraes applicaveis ás suas differentes hypotheses, dava lugar a graves enganos na imposição das penas, importando elles nullidades nos processos com incalculavel prejuizo da justiça, por isso emprehendo o Sr. Dr. Cordeiro a presente edição do mesmo Código, em que, sem alterar nem de leve o seu texto, designa no emtanto as penas em seus differentes grãos, e já proporcionadas á qualidade do criminoso, quer seja autor, quer complice, tentador, e ainda complice da tentativa.

Com elle qualquer pessoa póde de momento saber a pena correspondente ao crime na autoria, na tentativa e complicitade, seja qual for o seu gráo, e isto sem perda de tempo, sem fadiga de calculo, e sem receio de erro.

COLLECÇÃO DE ACORDAOS que contém materia legislativa proferida pelo supremo tribunal de justiça desde a epocha da sua installação, por A. X. DE BARROS CÔRTE REAL e J. M. CASTELLO BRANCO, bachareis em direito. 2 vol. in-4, brochados 8 \$ 000, encadernados. 10 \$ 000

COLLECÇÃO da Legislação Portugueza desde o anno de 1603 até o de 1826, isto é, desde as ordenações philippinas até á carta constitucional, compilada por JOSÉ JUSTINO DE ANDRADE SILVA. A collecção completa é dividida em seis series, e formará 24 a 25 volumes in-folio. A primeira e segunda serie, que comprehendem, aquella a legislação de 1603 a 1640 em 5 vol., e esta a de 1641 a 1683 em 3 vol., estão publicadas; as outras series publicar-se-hão successivamente. Preço da assignatura, cada vol. brochado 6 \$ 000
Encadernação inteira. 8 \$ 000

COMPENDIO DE ECONOMIA POLITICA, precedido de uma introdução historica, e seguido d'uma Biographia dos Economistas, Catalogo e Vocabulario analytico, por BLANQUI. 1 vol. in-8, brochado 1 \$ 000, encadernado. . 1 \$ 500

[†]**CONSULTOR CRIMINAL** ácerca de todas as acções seguidas no fôro criminal, pelo Dr. CARLOS ANTONIO CORDEIRO. 1 vol. in-4 8 \$ 000

† **CONSULTOR COMMERCIAL** acerca de todas as acções seguidas no fóro commercial, pelo Dr. CARLOS ANTONIO CORDEIRO. 1 vol. in-4. 8 \$ 000

† **CONSULTOR CIVIL** acerca de todas as acções seguidas no fóro civil, pelo Dr. CARLOS ANTONIO CORDEIRO. 1 grosso vol. in-4, encadernado. 8 \$ 000

Este interessantissimo trabalho foi feito pelo systema adoptado por Corrêa Telles em sua obra intitulada *Manual do Processo Civil* com as suppressões, alterações e accrescimos exigidos pela legislação, estylos e pratica do fóro brasileiro.

Contendo toda a parte theorica e pratica do processo civil, e formulas de todos os seis incidentes, toroa-se de summa vantagem para todas as pessoas da justiça, já por indicar os melhores meios de propôr-se e seguir qualquer acção, já por se encontrar os exemplos de todos os autos, termos e mais peças do processo.

Contendo, além d'isso, as attribuições de todos os juizes e tribunaes, snas incompatibilidades, e hem assim os deveres dos outros empregados do fóro. dispensa esta obra grande quantidade de praxistas e livros de legislação, por cita-la em todos os casos em que é mister.

CONSULTOR ORPHANOLOGICO acerca de todas as acções seguidas no fóro orphanologico, pelo Dr. CARLOS ANTONIO CORDEIRO. 1 vol. in-4. 8 \$ 000

CORTEZÃOS (Os) e a Viagem do Imperador, ensaio politico sobre a situação, por L. M. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

DICCIONARIO JURIDICO-COMMERCIAL, obra muito util aos que se dedicão ao fóro e ao commercio, por J. FERREIRA BORGES, segunda edição augmentada. 1 vol. in-4, encadernado. 7 \$ 000

ELEMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas, por FELICIANO ANTONIO MARQUES PEREIRA. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

ENSAIO SOBRE A ARTE DE SER FELIZ, por JOSEPH DROZ, da Academia Franceza. 1 vol. brochado 1 \$ 000, encadernado. 1 \$ 500

ESTUDO SOBRE O CREDITO RURAL E HYPOTHECARIO, pelo Dr. L. P. DE LACERDA WERNECK. 1 vol. in-4, bem encadernado. 6 \$ 000

A importancia do credito territorial é conhecida hoje em todos os paizes onde elle tem sido posto em pratica. Ora, o autor d'este livro, reunindo em commodo volume toda a theoria dos bancos territoriaes exposta de uma maneira accessivel a todas as intelligencias, addicionou-lhe uma collecção de estatutos de bancos europeos, e outros documentos que tornão o livro de grande utilidade, não só aos profissionais, como tambem aos lavradores, proprietarios urbanos, banqueiros, e em geral aos homens praticos.

ENSAIO sobre o direito administrativo, com referencia ao estado e instituições peculiares do Brasil, pelo visconde do Uruguay. 2 vol. in-4, brochados. 10 \$ 000
Encadernados. 12 \$ 000

Esta obra, fructo de muitos annos de experiencia, é sem duvida a mais importante que tenha sido publicada aqui sobre semelhante materia, como melhor se poderá julgar pelo indice de alguns capitulos :

Definições, divisões, distincções. — Influencia da divisão territorial, população e riqueza. — Divisão do poder executivo. — Do gracioso e do contencioso. — Da responsabilidade ministerial no contencioso. — Do nosso contencioso administrativo. — Dos tribunaes administrativos.

Do processo e recursos administrativos. — Dos agentes administrativos. — Dos conselhos administrativos. — Do conselho de estado nos diferentes paizes da Europa e no Brazil. — Do Poder moderador. — Da centralisação; suas vantagens e seus inconvenientes. — Applicaçào ao Brazil das instituições administrativas inglezas, americanas e francezas.

ESTUDOS SOBRE COLONISAÇÃO, ou consid'rações sobre a colônia do senador Vergueiro, por C. PERRET GENTIL. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

MANUAL DO EDIFICANTE, DO PROPRIETARIO E DO INQUILINO, ou novo tratado dos direitos e obrigações sobre a edificação de casas, e ácerca do arrendamento ou aluguel das mesmas, conforme o direito romano, patrio e uso das nações; seguido da exposição das acções judicarias que competem ao edificante, ao proprietario e ao inquilino, accomodado ao fóro do Brazil, por ANTONIO RIBEIRO DE MOURA. 1 vol. bem encadernado. 6 \$ 000

MANUAL DOS JUIZES DE DIREITO, ou collecção dos actos, attribuições e deveres d'estas autoridades, por J. M. PEREIRA DE VASCONCELLOS. 1 vol. in-4, encadernado. 4 \$ 000

MANUAL DOS PROMOTORES PUBLICOS, pelo Dr. JOAQUIM MARCELLINO PEREIRA DE VASCONCELLOS. 1 vol. in-4, brochado. 3 \$ 000
encadernado. 4 \$ 000

MANUAL THEORICO-PRATICO DO GUARDA-LIVROS, seguido do roteiro dos correios terrestres entre esta côrte e as provincias do Rio de Janeiro, Espirito Santo, Minas Geraes, S. Paulo, Mato-Grosso e Goyaz, por JOÃO FRANCISCO DE ARAUJO LESSA. 1 vol. in-4 encadernado. 8 \$ 000

O curso theorico-pratico de escripturação mercantil composto pelo Sr. Lessa é assaz conhecido para que necessitemos de preconisa-lo. Todos os que hão lido este importante trabalho são concordes em reconhecer nelle uma clareza e brevidade que muito abonão os conhecimentos de seu autor. Reunindo ao conhecimento profissional da materia longa pratica de suas diversas applicações, conseguiu o Sr. Lessa escrever uma obra que será d'ora avante consultada por todos os que se entregão á contabilidade e escripturação dos livros de commercio.

METHODO FACIL DE ESCRIPTURAR OS LIVROS por partidas simples e dobradas, comprehendendo a maneira de fazer a escripturação por meio de um só registro, por EDMOND DEGRANGES; traduzido em portuguez por MANOEL JOAQUIM DA SILVA PORTO, e offerecido aos Portuguezes e Brasileiros que se dedicao ao commercio. 1 vol. in-4, com mappas. 5 \$ 000

PIMENTA BUENO (Dr. JOSÉ ANTONIO). **Apontamentos sobre o processo civil brasileiro.** 1 vol. in-4 encadernado. 6 \$ 000

— **Apontamentos sobre o processo criminal brasileiro.** 1 vol. in-4 encadernado. 9 \$ 000

— **Direito publico brasileiro e analyse da constituição do Imperio**, 2 tomos encadernados em 1 vol. in-4. 10 \$ 000

- PINHEIRO FERREIRA (SILVESTRE). Indicações de utilidade publica, offerecidas ás assembleias legislativas do imperio do Brasil e do reino de Portugal.**
1 vol. in-8. 500
- **Projecto de um banco de soccorro e seguro mutuo.** 1 vol. in-4. 500
- **Breves observações sobre a constituição politica da monarchia portugueza,** decretada pelas côrtes geraes extraordinarias e constituintes, reunidas em Lisboa no anno de 1821. 1 vol. in-4. 500
- **Manual do cidadão em um governo representativo,** ou principios de direito publico constitucional, administrativo e das gentes. 5 vol. in-4. 6 \$ 000
- **Noções elementares d'ontologia.** 1 vol. in-4. 500
- **Projecto d'um systema de providencias** para a convocação das côrtes geraes e estabelecimento da carta constitucional. 1 vol. in-4. 500
- **Projecto de codigo geral** de leis fundamentaes e constitutivas d'uma monarchia representativa. 1 vol. in-4. 1 \$ 000
- **Observações sobre a carta constitucional** do reino de Portugal e constituição do imperio do Brasil. 1 vol. in-4. 1 \$ 000
- **Projecto de codigo politico** para a nação portugueza. 1 vol. in-4. 2 \$ 000
- **Constituição politica do imperio do Brasil** e carta constitucional do reino de Portugal. 1 vol. in-4. 3 \$ 000
- **Observations sur le guide diplomatique de M. le baron Ch. de Martens.** 1 vol. in-4. 1 \$ 000
- **Essai sur la psychologie,** comprenant la théorie du raisonnement et du langage, l'ontologie, l'esthétique et la dicéosyne. 1 vol. in-4. 2 \$ 000
- **Projet de code général** des lois fondamentales et constitutives d'une monarchie représentative. 1 vol. in-4. 1 \$ 000
- **Précis d'un cours de droit public.** 2 vol. in-8, reliés. 8 \$ 000
- **Qu'est-ce que la pairie?** 1 vol. in-4, broché. 500
- **Essai sur les rudiments de la grammaire allemande.** 1 vol. in-4 broché. 500
- **Principles of political economy,** by M. CULLOCH, abridged for the use of schools, accompanied with notes, and preceded by a preliminary discourse by PINHEIRO FERREIRA. 1 vol. in-8. 1 \$ 000

PRELEÇÕES DE ECONOMIA POLITICA, pelo Dr. PEDRO AUTRAN DA MATTA ALBUQUERQUE, lente da faculdade de direito do Recife, 2ª edição melhorada. 1 vol. in-4 nitidamente impresso e elegantemente encadernado em Paris. . . 6 \$ 000

* Facilitar o conhecimento da sciencia economica aos que o desejarem ter, e mórmente aos alumnos das faculdades de direito do Recife e de S. Paulo, que são obrigados a estudar este ramo da sciencia social, foi o que moveo-me a compôr e publicar estas preleções. Compendio o que

se tem escripto sobre a sciencia, ligar os pensamentos e exprimi-los com clareza e precisão, não é tão facil como talvez pareça a muitos que se não derão a este trabalho. Não é tambem plagio, porque o resumo das doutrinas dos outros, a ordem e ligação das ideias, a clareza e propriedade dos termos, e a construcção regular da phrase, são do compendiador. Nisto esmerei-me, a fim de dar a estas preleções um *feito* meu que lhes desse alguma apparencia de novidade.»

(Do prefacio do autor.)

RAMALHO (DR. JOAQUIM IGNACIO). Elementos do processo criminal para uso das faculdades de direito do imperio. 1 vol. in-4 brochado.	4 \$ 000
Encadernado.	5 \$ 000
— Pratica civil e commercial. 1 nitido vol. in-4 brochado.	10 \$ 000
Encadernado.	11 \$ 000

Esta obra já é bastante recommendavel pelo nome bem conhecido de seu autor sem precisar de outro commentario. Diremos sómente que vem preencher uma grande lacuna na litteratura forense brasileira, pois que não havia para os estudantes um livro que de uma maneira clara e concisa determinasse os principios da competencia segundo a natureza de cada causa; prescrevesse o modo de instaurar o processo e a maneira de defender-se; expozesse as leis da discussão, as regras da prova; determinasse como se dão as sentenças, se reformão e se execução.

Diz o autor no seu prefacio :

« As alterações por que tem passado a legislação civil e commercial depois de nossa emancipação politica, mórmente quanto á organização judiciaria, já requerem um trabalho methodico e systematico, onde os principiantes encontrem facilmente quaes as innovações do direito e das formas de que elle se reveste, dispensando-os do arduo trabalho de estudar, sem um guia, os escriptores de nosso fóro, que escreverão debaixo da influencia de uma legislação em parte abrogada por leis modernas.

« Foi pois nosso fim facilitar á mocidade estudiosa os meios de se habilitar para um dia servir melhor ao paiz. »

REGULAMENTO PARA A CASA DE DEPOSITO DOS CADAVERES que fõrem achados, approvado pelo aviso da secretaria da justiça de 4 de janeiro de 1854. 1 vol. brochado	200
--	-----

REGULAMENTO PARA A COMPANHIA DE PEDESTRES DO MUNICIPIO DA CÔRTE , approvado por aviso de 15 de novembro de 1853, 1 vol. brochado.	200
--	-----

SYSTEMA FINANCIAL DO BRASIL , por CANDIDO BAPTISTA DE OLIVEIRA. 1 vol. brochado.	3 \$ 000
---	----------

SYSTEMA METRICO DECIMAL considerado nas suas applicações, por PEDRO D'ALCANTARA LISBOA. 1 vol. brochado.	4 \$ 000
---	----------

THEORIA DO DIREITO PENAL applicada ao codigo penal portuguez comparado com o codigo do Brasil, leis patrias, codigos e leis criminaes dos povos antigos e modernos, offerecida a S. M. I. o Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil, por F. A. F. DA SILVA FERRÃO, 8 vol. in-4 brochados.	20 \$ 000
Encadernados.	28 \$ 000

TRATADO PRATICO DOS BANCOS , por JAMES WILLIAM GILBART, traduzido	
--	--

pelo Dr. LUIZ JOAQUIM DE OLIVEIRA CASTRO. 3 vol. in-4 impressos e encadernados em Paris. 16 \$ 000

Tanto alcance tem nas modernas sociedades a organização e theoria dos bancos, que pensamos que nem uma pessoa pôde ser estranha a ellas. Acabando-se felizmente o tempo em que guardados erão os peculios em chapeados cofres, e depositando ho e todas as classes da população as suas economias nesses estabelecimentos, fóra é de duvida que legitima seja a curiosidade que a todos instiga de estudar os principios pelos quaes são elle regulados. Se este conhecimento é em todos mui houçavel e necessario, torna-se um dever de consciencia para os que por alguma forma tem a gerencia da fortuna publica, os quaes não podem ignorar as regras por onde se dirigem as opeações de credito, nem desconhecer a historia das causas e consequencias das crises commerciaes. Conscio d'estas verdades, e por outro lado sabendo de quão pouco vulgarizada seja entre nós a lingua ingleza o Sr. Dr. L. J. d'Oliveira e Castro, apressou-se em verter para a portugueza a melhor obra que sobre tal objecto existe em Inglaterra, quicá em toda a Europa e America, cuja apparição n'ho pouco contribuiu para rectificar certos equívocos em que laboravam alguns dos nossos economistas e financeiros, contribuindo para que sob melhor aspecto se encarasse a questão bancaria, ainda ha pouco tão agitada, a qual em nada tem perdido d'interesse e gravidade.

MEDICINA, HOMŒOPATHIA

MAGNETISMO

† **AGENDA MEDICAL**, ou Memorial do medico pratico, que contém : 1º O emprego e dose dos medicamentos energicos e perigosos; 2º Os medicamentos novos e recém-descobertos, as suas propriedades, seu emprego, suas doses; 3º Algumas formulas officinaes e magistraes; 4º A tabella dos venenos e contra-venenos; 5º Conselhos medicos para uso de todos; 6º Indicação dos medicamentos assignalados no Agenda; 7º As molestias em que são empregados; pelo Dr. CHOMET. 1 bonito vol. em forma de carteira, elegantemente encadernado. 2 \$ 000

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CHOLERA-MORBUS, pelo Dr. M. C. PEREIRA DE SÁ. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

GUIA THEORICA E PRATICA DAS MOLESTIAS VENEREAS, pelo Dr. CHOMET. 1 vol. in-8 encadernado. 3 \$ 000

Esta obra é o fructo de muitos annos de pratica e de experiencia. Com ella qualquer pessoa pôde se curar a si mesma sem o auxilio do medico.

HISTORIA E DESCRIÇÃO da febre amarella epidemica que grassou no Rio de Janeiro em 1850, por JOSÉ PEREIRA REGO. 1 vol. brochado. 2 \$ 000

INSTRUÇÕES CONTRA A CHOLERA EPIDEMICA, ou conselhos sobre as medidas geraes que se devem tomar para preveni-la, seguidos do modo de trata-la desde sua invasão, pelo Dr. A. J. PEIXOTO. 1 vol. brochado. . . . 1 \$ 000

MAGNETISMO E MAGNETOTHERAPIA, ou a arte de curar pelo magnetismo segundo a escola moderna, por perguntas e respostas, pelo conde Francisco de Szapary, magnetizador e magnetopatha; traduzido do francez por J. H. T. C. DE MIRANDA, magnetizador e magnetopatha. 1 vol. in-4 encadernado. . . . 4 \$ 000

MANUAL HOMŒOPATHICO, 3ª edição correcta e augmentada com um pequeno trabalho das molestias da pelle, e com a nova materia medica homœopathica; obra util aos medicos, bolicarios, curas, pais de familia, chefes de estabelecimentos, fazendeiros, e a todos os praticos conscienciosos e esclarecidos, pelo Dr. EMILIO GERMON. 1 vol. in-4 brochado. 3 \$ 000
Encadernado. 4 \$ 000

MEMORIA Á CERCA DA LIGADURA da arteria aorta abdominal, precedida de algumas considerações geraes sobre a operação do aneurisma, e seguida de uma estampa lithographada que representa um novo porta-fio e sua posição durante a operação, pelo Dr. CANDIDO BORGES MONTEIRO. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

† **MESMER. APHORISMOS SOBRE O MAGNETISMO ANIMAL**, contendo a arte de magnetisar ensinada em 17 capitulos. 1 vol. in-4 brochado. . . . 2 \$ 000
Encadernado. 2 \$ 500

PECCADOS DOS ALLOPATHAS e sua cegueira, ou falso systema que elles seguem ha tantos seculos. 1 vol. brochado. 32

POESIAS, LITTERATURA

ASSUMPTÃO (A), poema composto em honra da Santa Virgem, por FR. FRANCISCO DE S. CARLOS; nova edição precedida da biographia do autor e d'un juizo critico sobre a obra pelo conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 1 vol. in-8 encad. 3 \$ 000

Cada vez mais raro tornando-se o mui celebre poema de Fr. Francisco de S. Carlos, entendemos que pre-tariamos verdadeiro serviço ao publico se dessemos d'elle nova edição. Desejando porém que expurgada d'erros salisse ella, e ao mesmo tempo fosse enriquecida d'algum trabalho previo congruente ao merito do autor e da sua obra, dirigimo-nos ao Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro, que obsequiosamente prestou-se ao no-so anhelto, corrigindo o exemplar que lhe demos, e escrevendo, para serem collocados em frente da nova edição, um bellissimo estudo biographico sobre o seraphico poeta, assim como uma judiciosa e imparcial apreciação do poema. Assim melhorada, pensamos que mais digna do favor publico se tornará a obra.

CINZAS D'UM LIVRO, fragmentos d'um livro inedito, por BRUNO SEABRA.
1 vol. in-8. 500

DÓRES E FLORES, poesias de AUGUSTO EMILIO ZALUAR. 1 vol. in-4, br. 2 \$ 000
encadernado. 5 \$ 000

† **FLORES E FRUCTOS**, poesias de BRUNO SEABRA. 2 \$ 000

Esta linda e variada collecção de poesias confirmou plenamente o lisongeiro juizo que o publico já formava do talento poetico de Bruno Seabra. « Uma prova irresistivel do merecimento d'este volume de poesias (palavras de um juiz a toda a prôva competente) é que ainda não houve quem encetasse a leitura d'elle e que a deixasse em meio. »

Todos tem lido as manifestações de apreço com que foi recebido o livro do joven e distincto Paraense; pois bem, junte o publico a essas manifestações a seguinte novidade: que no lio de Janeiro, onde os livros geralmente envelhecem nas livrarias, tem tido as poesias de Bruno Seabra um grande successo.

† **FLORES ENTRE ESPINHOS**. Contos poeticos por J. NORBERTO DE S. S. 1 vol.
in-8.

FLORES SYLVESTRES, poesias, por F. L. BITTENCOURT SAMPAIO. 1 vol. in-8
brochado 2 \$ 000, encadernado. 2 \$ 500

Um dos mais aproveitados e esperançosos discipulos da nova escola brasilica, um dos que melhor sabe extrahir do alarido romantico melodiosos sons, um dos mais estrenuos campeões da nacionalidade da litteratura brasilica, é por certo o Sr. Dr. Bittencourt Sampaio. Seu livro, a que appellidou de *Flores Sylvestres*, é o primeiro tentame d'um grande poeta, a primeira estrophe d'um immortal hymno, o primeiro sorrir do mancebo que já vê radiar-lhe sobre a nobre fronte a aureola da gloria. Isto dizendo, não fazemos senão repetir o que o Brasil inteiro proclamou pela voz dos seus mais legitimos órgãos na imprensa, e que está na consciencia de todos os que lerão e admirarão este bello livro.

FOLHAS CAHIDAS apanhadas na lama, por um antigo juiz das almas de Campanhan, e socio actual da assembleia portuense com exercicio no Palheiro. 1 vol.
brochado. 500

† **GONZAGA**, poema por ***, com uma introducção por J. M. PEREIRA DA SILVA.
1 vol. in-8. 5 \$ 000

HARMONIAS BRASILEIRAS, cantos nacionaes, colligidos e publicados por
ANTONIO JOAQUIM DE MACEDO SOARES. 1 vol. in-4, br. 5 \$ 000, encad. . 4 \$ 000

† **LIVRO (O) DE MEUS AMORES**, poesias eroticas de J. NORBERTO DE SOUZA
SILVA. 1 vol. in-4, broc.
Encadernado.

Esta lindissima collecção de poesias, em que o Sr. Norberto inspira-se da musa d'Anacreonte e de Salomão, é dedicada a sua virtuosa esposa, bastando só esta circumstancia para tranquillisar os que se assustassem com a denominação d'*eroicas* que lhes dera. Nem um quadro ali se encontra d'esse amor physico, d'esse instincto imperioso que confunde o homem com o bruto, nem uma pintura licenciosa, nem uma expressão menos casta. O illustre poeta pinta mais vezes a formosa alma da sua *Armia* do que a sua beldade corporea, e unge o seu amor com o balmão da religião e da virtude. É este um excellente livro, cuja leitura afoutamente recommendamos.

MAGALHÃES (DR. J. G. DE). **Factos do espirito humano**, philosophia. 1 vol.
in-4. 6 \$ 000

Não é só como poeta que se distingue o illustre diplomata, que longe da patria consagra-lhe

com tanta gloria os seus lazeres; tambem como philosopho cabe-lhe merecida reputação, e se d'isso alguém podesse duvidar, vi-lo-hia convencer a bella obra que ora annunciamos, á qual fez justiça a culta Europa, sendo logo vertida na mais diffundida de todas as linguas. Assaz louvavel foi o pensamento do Sr. Dr. Magalhães quando pretendeo fazer chegar ao alcance do homem estudioso, mas pouco versado em estranhos idiomas, a crene das doutrinas philosophicas antigas e modernas, estabelecendo a respeito uma esclarecida critica, e submettendo-as todas (á guisa da escola escoceza) ao crisol do bom senso. É este um livro verdadeiramente popular, apesar de escripto numa linguagem pomposa, senão poetica, e cuja acquisição deve ser feita por todos os pais de familias que desejarem fornecer a seus filhos e filhas uma leitura util e substancial.

— **Suspiros poeticos e Saudades**, segunda edição correcta e augmentada.

1 vol. in-4 nitidamente impresso e encadernado em Paris. . . . 5 \$ 000

O illustre reformador da poesia brasileira tem demonstrado que sabe fructuosamente empregar seus lazeres diplomaticos, já compondo novas obras, já aperfeicoando as anteriormente publicadas. Neste caso achão-se os *Suspiros poeticos e Saudades*, que virio pela primeira vez a luz em 1836, e que tão salutar influencia exercêrão sobre a nos-a litteratura brasileira. Conheceo mais tarde o Sr. Magalhães que alguns retoques se poderião fazer nesta obra de sua juventude, e que mais bem acalados poderião ser certos trechos que pela impaciencia propria dos mancebos não tinha podido polir. Além d'estes melhoramentos (por si bem recomendeaveis), introduzio outros de menor saliencia, addicionando outrosim ao seu primitivo trabalho algumas composições mais serodias, e que dignas se fazião d'ali figurar. Inutil sendo recommendar este livro, que todos os Brasileiros conhecem e estimão, limitamo-nos a noticiar-lhes o apparecimento d'esta nova edição.

MARILIA DE DIRCEU, por THOMAS ANTONIO GONZAGA, nova edição dada pelo

Sr. J. NORBERTO DE SOUZA SILVA. 2 vol. in-8, com estampas.

Não ha talvez no Brasil livro mais popular do que o de Marília de Dirceu; todos conhecem essas famosas lyras, e raras são as pessoas que de cór não saibão algumas. Infelizmente porém introduzirão algumas notaveis alterações no texto primitivo, passando como legitimas produções do engenho de Gonzaga escurias e indignas imitações, ou antes parodias. Quiz fazer cessar este sacrilegio o infatigavel litterato o Sr. J. Norberto, acuradamente colleccionando o que de genuino lhe parecia, enriquecendo a nova edição de notas e esclarecimentos, e fazendo-a preceder d'um minucioso estudo sobre Gonzaga, confeccionado em presença d'authenticos documentos. E para que mais completo fosse o seu trabalho, addicionou-lhe a Lyria de Marília a Dirceu, que compozera em resposta, attribuindo-a a D. Maria Dorothea de Seixas. Esta singela exposição basta para provar a excellencia e superioridade d'esta nova edição.

† **MEANDRO POETICO**, coordenado e enriquecido com esboços biographicos e numerosas notas historicas, mythologicas e geographicas, pelo conego Dr. JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO. 1 vol. 2 \$ 000

Exhansta achando-se a edição das *Poesias selectas* do padre A. P. de Souza Caldas, adoptadas no Imperial Collegio de Pedro II, convidámos o Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro para incumbir-se d'algum trabalho nesse genero. Em breve apresentou-nos Sr. S.º o manuscrito cujo titulo acima exáramos, que, a nosso ver, melhor satisfaz os fins a que se destinário as *Poesias selectas* de Caldas; porquanto, abrangendo o que de melhor existe na poesia brasileira, e dando assim maior variedade d'estylos e de metros, tem de mais a mais a vantagem de ser adaptada ao ensino da juventude pela excellentescolha dos assumptos, essencialmente moraes e patrioticos, e pelos esclarecimentos e notas biographicas, historicas, mythologicas e geographicas com que a illustrou, constituindo-o d'esta arte o melhor livro que nesta especialidade existe na lingua portugueza.

NOVAES (Faustino Xavier de). Poesias, segunda edição. 1 vol. in-4 encadernado.

— **Novas Poesias** acompanhadas de um juizo critico de CAMILLO CASTELLO-BRANCO, 1 vol. in-4 encadernado.

A satyra espirituosa, benéfica e inoffensiva do eximio Nicoláo Tolentino achou um digno successor na pessoa de Faustino Xavier de Novaes, vantajosamente conhecido pelo sal áptico com

que sabe adubar todas as suas produções. Seus versos, cheios de graça e naturalidade, são a mais completa physiologia da sociedade, com todos os seus vícios, paixões e ridiculos, a mais perfeita escola de costumes, a mais fina e delicada lição que a juventude se possa offerrecer para subtrahir-se aos escolhos submarinos que o oceano do mundo occulta. Com vigor são traçados alguns typos, com sombrias côres debuxados alguns paineis, e com a nemeses da indignação profligados vícios infelizmente hoje muy communs; nada ha porém de pessoal e directo, nada que peos mais castos ouvidos deva deixar de ser ouvido. Esperamos com segurança que o juizo dos leitores seja consentaneo ao nosso.

OBRAS DO BACHAREL M. A. ALVARES DE AZEVEDO, precedidas de um discurso biographico, e acompanhadas de notas, pelo Dr. D. Jacy MONTEIRO, terceira edição correcta e augmentada com as **Obras ineditas**, e um appendice contendo discursos e artigos feitos por occasião da morte do autor, 5 vol. in-8 primorosamente impressos e encadernados em Paris. 9 \$ 000

É um dos mais populares nomes da litteratura brasileira o de M. A. Alvares de Azevedo. Dotado de uma ardente imaginação, empregava as mais ousadas imagens, e possuidor de um cabedal de conhecimentos muito além do que em tão verdes annos se poderia esperar, fundia-os no molde da sua poderosa individualidade. Bem caberia a Alvares de Azevedo o epitheto de *menino terrível*, dado por Chateaubriand a Victor Hugo: era um gigante, cujos primeiros passos approximavão-o á meta. As obras de Alvares de Azevedo, tão bem aceitas no Brasil, não o foram menos em Portugal, como se pôde ver nas *Memorias de litteratura contemporanea*, do illustre litterato Lopes de Mendonça.

Esgotadas se achando as duas primeiras edições, que mal poderão satisfazer a avides do publico, pensamos prestar um serviço ao paiz dando novamente á estampa essas tão almeçadas poesias. E é esta 3ª edição, além de correcta, de um preço muy diminuto e ao alcance de todos.

OBRAS POETICAS DE MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA (Alcindo Palmireno), colligidas, annotadas e precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor, e acompanhada de documentos historicos, por J. NORBERTO DE SOUZA SILVA. 2 vol. in-8.

† **O OUTONO.** Collecção de poesias de ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO. 1 vol. in-4 brochado. 3 \$ 000
Encadernado. 4 \$ 000

PEREGRINAÇÃO PELA PROVINCIA DE S. PAULO — 1860-1861, — por AUGUSTO EMILIO ZALUAR. 1 vol. in-4. 7 \$ 000

POESIAS SELECTAS DOS AUTORES MAIS ILLUSTRADOS ANTIGOS E MODERNOS. 1 vol. in-4 encadernado. 2 \$ 500

Esta obra recommenda-se aos pais de familia e directores de collegios pela boa escolha das poesias que a compõem; até hoje sentia-se a falta de uma boa obra neste genero, que preenchesse o lim de-ejado; podemos asseverar que a mãe a mais extremosa pôde dar este livro a sua filha sem temer pela sua innocencia; os homens encarregados da educação da mocidade podem ter a certeza de encontrar nesta colleção as poesias mais proprias para formar o coração, ornar o espirito e apurar o gosto dos seus discipulos.

REVELAÇÕES. Poesias de AUGUSTO EMILIO ZALUAR. Esta edição, ornada do retrato do autor gravado em aço, é das mais nitidas e primorosas que tem apparecido entre nós. O preço de cada exemplar encadernado é. 5 \$ 000

O nome do Sr. A. E. Zaluar é de ha muito tempo considerado como um dos mais sympathicos e conhecidos da nossa moderna litteratura.

Ha no emtanto muito tempo que os seus admiradores esperavão com anxiedade ver reunida em um tomo a preciosa collecção de seus versos escriptos depois do volume que publicou em 1851 com o titulo de DÔES E FLORES.

Este desejo acaba de realisar o editor das REVELAÇÕES.

A obra que annunciamos, tendo apenas chegado da Europa, foi saudada unanime e lisonjiramente por toda a impreusa fluminense. E' esta uma das provas mais inequivocas do seu merecimento.

As REVELAÇÕES é um volume de escolhidas composições poeticas, dividido em quatro partes — O Lar, *Ephimeras*, *Musa Fraternal* e *Harpa Americana*. E' difficil escolher em tão rico e variado jardim quaes são as flores mais perfumadas e beilas.

ROMANCEIRO (0), por A. GARRETT. 3 vol. in-8 encadernados.	9 \$ 000
POESIAS TERNAS E AMOROSAS . 1 vol. in-8 brochado.	640
OMBROS E SONHOS , poesias de JOSÉ ALEXANDRE TEIXEIRA DE MELLO. 1 vol. in-4 encadernado.	4 \$ 000
FRANIA , canticos, 1 vol. nitidamente impresso e encadernado.	5 \$ 000
FRANIA . Collecção de cem poesias ineditas, por D. J. G. DE MAGALHÃES. 1 vol. in-8, nitidamente impresso sob a vista do autor e elegantemente encadernado.	4 \$ 000

ROMANCES, NOVELLAS, ETC.

A MORTE MORAL . Novella dividida em quatro partes : 1ª Cesar; 3ª Antonieta; 3ª Hannibal; 4ª Almerinda; Epilogo. Um livro preto, por A. D. DE PASCUAL. 4 vol. br.	8 \$ 000
Encadernado.	12 \$ 000
NECOTAS E HISTORIETAS , ou escolha de 650 tiradas de varios autores, que até ao presente muitas não sahirão á luz. 1 vol. brochado.	500
QUANTO SE EXPÕE QUEM AMA , novella que em todo o seu contexto não admitta a letra A, composta por JOSÉ JOAQUIM BORDALO. 1 vol. brochado.	320
RMINDA E THEOTONIO , ou a consorte fiel, historia portugueza verdadeira. 1 vol. brochado.	1 \$ 000
ANTE DE AMAR , dedicada ás damas. 1 vol. brochado.	200

- BARBEIRO (O) GASCÃO e o toureador castelhano**, facto historico, 1 volume brochado. 200
- BRAVO (O)**, romance de Fenimore Cooper. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
- CAMILLA**, ou o subterraneo. 1 vol. brochado. 300
- CARTAS DE ECHO E NARCISO**, por ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO, 1 volume brochado. 500
- CASTELLO-BRANCO (Camillo). Anathema**, romance. 1 vol. in-4 encadernado. 2 \$ 500
— **A filha do arcediago**. 1 vol. in-4 encadernado. 2 \$ 500
- D. NARCISA DE VILLAR**, legenda do tempo colonial, pela indigena do Ypiranga. 1 vol. brochado. 2 \$ 000
- DOTÉ (O) DE SUZANINHA**, ou o poder de si-mesmo, por J. FIÉVÉE. 1 volume brochado. 500
- DOUS (Os) MATRIMONIOS** mallogrados, ou as duas victimas do crime, romance historico tirado da viagem do Cusco ao Pará, pelo Dr. JOSÉ MANOEL VALDEZ, de qual é um episodio. 1 vol. brochado. 2 \$ 000
- DRAMA NAS MONTANHAS (Um)**, por X. DE MONTÉPIN. 1 vol. in-8. 1 \$ 000
- DUMAS (Alex.). Aventuras de Lyderico**. 1 vol. brochado. 500
— **A Casa Phenicia**, ou Memorias de um edificio. 1 vol. brochado. 500
— **Os Estudantes**. 1 vol. brochado. 500
— **Historia de um morto**. 1 vol. brochado. 500
- DUMAS (Alex., filho). Sophia Printemps**. 2 vol. brochados. 2 \$ 000
Encadernados. 3 \$ 000
- ELISA**, ou a virtuosa Castro, romance original portuguez. 1 vol. brochado. 500
- FORÇA (A) de uma paixão**, historia verdadeira de dous amantes, succedida em Lisboa. 1 vol. brochado. 500
- GALATEA**, egloga. 1 vol. brochado. 500
- HISTORIA da donzella Theodora**, em que se trata da sua grande formosura e sabedoria, traduzida do castelhano em portuguez por CARLOS FERREIRA LISBONENSE. 1 vol. brochado. 500

- HISTORIA DA IMPERATRIZ PORCINA**, mulher do imperador Lodonio de Roma, em a qual se trata como o imperador mandou matar a esta senhora por um testemunho que lhe levantou o irmão de Lodonio, como escapou da morte e dos muitos trabalhos e fortunas que passou, como por sua bondade e muita honestidade tornou a cobrar seu estado com mais honra que de primeiro. 1 volume brochado. 300
- HISTORIA DE D. IGNEZ DE CASTRO**, traduzida do francez. 1 vol. brochado. 400
- HISTORIA DE NAPOLEÃO**, traduzida em portuguez sobre a 21ª edição de Paris. 1 vol. brochado. 400
- INFORTUNIOS (Os)** e os amores de Luiz de Camões. 1 vol. brochado. . . 400
- ISABEL**, ou os desterrados de Siberia, por M^{me} COTTIN. 1 vol. encad. . . 1 \$ 600
- KOCK (Paulo de). Carotin.** 1 vol. in-8 brochado. 5 \$ 000
Encadernado. 5 \$ 000
- **Um Galucho.** 4 vol. in-8 brochados. 4 \$ 000
Encadernados. 6 \$ 000
- LISARDA**, ou a dama infeliz, novella portugueza, por ELIANO AONIO. 1 volume brochado. 320
- LIVRO (O) DAS PENSIONISTAS**, ou escolha de historietas traduzidas do francez por meninas estudiosas, offerecidas a suas camaradinhas. 1 vol. brochado. 320
- LIVRO DO INFANTE D. PEDRO de Portugal**, o qual andou as sete partidas do mundo, feito por GOMES DE SANTO ESTEVÃO, um dos doze que forão em sua companhia. 1 vol. brochado. 500
- MARQUEZ (O) de Pombal**, por CLÉMENCE ROBERT. 1 vol. in-8 br. . . . 1 \$ 000
Encadernado. 1 \$ 500
- MARTHA**, romance, por MAX VALREY. 3 vol. brochados. 3 \$ 000
Encadernados. 4 \$ 500
- METUSKO**, ou os Polacos, por PIGAULT-LEBRUN. 1 vol. in-4 brochado. . . 1 \$ 000
- NOVAS CARTAS AMOROSAS**, por uma apaixonada, edição mui augmentada. 1 vol. brochado. 200
- † **O GUARANY.** Romance brasileiro por J. DE ALENCAR. 2ª edição correcta. 2 vol. in-4 nitidamente impressos e encadernados. 10 \$ 000

OITO DIAS NO CASTELLO. Romance por F. SOULÉ. 1 grosso vol. in-4^o brochado. 3 \$ 000
Encadernado. 4 \$ 000

OURIKA, ou historia de uma negra, historia verdadeira. 1 vol. brochado. 320

PERIGO (O) DAS PAIXÕES, conto muito moral, seguido de uma analyse sobre as paixões. 1 vol. brochado. 300

RAPHAEL E A FORNARINA, linda novella, por MÉRY. 1 vol. in-4 brochado. 800
Encadernado. 1 \$ 500

ROLDÃO AMOROSO, ou aventuras d'este famoso paladino. 2 vol. in-12 encadernados. 3 \$ 200

ROMANCES E NOVELLAS, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 vol. in-4 brochado.
Encadernado.

O romance, disse Lamartine, é a poesia do povo; é por seu intermedio que pôde-se diffundir pelas classes menos esclarecidas os grandes principios de religião, moral e amor da patria. Por vaso figurado por Tasso, cujas bordas são untadas de mel, é a realisação do preceito do velho Horacio quando mandava juntar o util ao doce. Entre os cultores d'este genero de composiçõe cabe di-tincto lugar ao Sr. J. Norberto de Souza e Silva, que no volume supra-indicado escolhe assumptos brasileiros, derrama a instrucção religiosa e moral, e moldura seus quadros com descrições e pinturas tiradas da nossa natureza e inspiradas pelo nosso céo. Não prejudicão o erudito os arabescos da imaginação; assigna a cada cousa a sua parte, e, procurando de fazer, instrue.

SIMPLICIDADES DE BERTOLDINHO, filho do sublime e astuto Bertoldo, e das agudas respostas de Marcolfa, sua mãe. 1 vol. brochado. 400

SUE (Eugenio). A Inveja. 1 vol. in-folio brochado. 4 \$ 000
Encadernado. 5 \$ 000

— **A Ira.** 1 vol. in-folio brochado. 2 \$ 000
Encadernado. 3 \$ 000

— **A Salamandra**, romance-maritimo. 3 vol. in-8 brochados. 3 \$ 000
Encadernados. 5 \$ 000

— **A Soberba.** 1 vol. in-folio brochado. 6 \$ 000
Encadernado. 8 \$ 000

TESTAMENTO que fez Manoel Braz, mestre sapateiro, morador em Malhorta, estando em seu perfeito juizo, approvado pelos senhores deputados da casa dos vinte e quatro, registrado pela casa do café da rua Nova, e visto por todos os curiosos. 1 vol. brochado. 200

TRIFEIROS (Os), romance chronica do seculo XIV, por A. C. LOUSADA. 1 vol. brochado. 1 \$ 600
Encadernado. 1 \$ 600

ULTIMA (A) HORA d'uma sepultada. 1 vol. brochado.	520
ULTIMA MARQUEZA (A) , par E. DE MIRECOURT. 1 vol. in-4 br.	1 \$ 000
Encadernado.	1 \$ 600
VIDA E ACÇÕES do celebre Cosme Manhoso , com os logros em que cahio por causa da sua ambição, seus trabalhos e suas miserias. 1 vol. brochado.	520

PEÇAS DE THEATRO

BRUTO , tragedia de VOLTAIRE. 1 vol. brochado.	640
CASAL (O) DAS GIESTAS , drama em 5 actos e 8 quadros, precedido de um prologo, por FRÉDÉRIC SOULIÉ, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. br.	1 \$ 000
GASTANHEIRA (A) ou a Brites papagaia, entremez. 1 vol. brochado.	320
CAVALLEIRO (O) DA CASA VERMELHA , episodio do tempo dos Girondinos, drama em 5 actos e 12 quadros, por A. DUMAS e A. MAQUET, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado.	1 \$ 000
CHICARA (Uma) DE CHÁ , comedia em 1 acto, livremente traduzida do francez por A. P. DOS SANTOS LEAL. 1 vol. brochado.	1 \$ 000
CLARA HARLOWE , drama em 5 actos, entremeiado de canto, por DUMANOIR, CLAIRVILLE e GUILLARD, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado.	1 \$ 000
DOUS (Os) SERRALHEIROS , drama em 5 actos, por FÉLIX PYAT, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol.	1 \$ 000
ENGAJAMENTO (O) na cidade do Porto, comedia em 1 acto.	500
ESTALAGEM (A) da Virgem , drama em 5 actos, por H. HOSTEIN e TAVENET, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado.	1 \$ 000
FECHAMENTO (O) DAS PORTAS , farça dedicada ao caixeiro mais patusco do Rio de Janeiro. 1 vol. brochado.	500
GASPAR HAUSER , drama em 4 actos, por ANICET BOURGEOIS e D'ENNERY, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado.	1 \$ 000

HEROISMO BRASILEIRO (O), ou o naufragio da corveta **D. Isabel**, drama maritimo em 3 actos, composto por D. JOSÉ JOAQUIM FRANCIONI, offerecido e dedicado aos Srs. officiaes da Marinha e Exercito do Brasil no anno de 1861. 1 vol. brochado. 2 \$ 000

INGLEZES (Os) no Brasil, comedia em 2 actos, por D. JOSÉ LOPES DE LA VEGA. 1 vol. brochado. 500

MADMOISELLE DE BELLE-ISLE, drama em 5 actos, por ALEX. DUMAS, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

MARIA DE CASTAGLI, ou o rancor de vinte annos, drama em 3 actos, composição original do Dr. JOSÉ MANUEL VALDEZ E PALACIOS. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

MARIDO (O) APOQUENTADO, comedia em 1 acto. 1 vol. 500

ORPHÃOS (Os) da ponte de Nossa Senhora, drama em 5 actos e 8 quadros, por ANICET BOURGEOIS e MASSON, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. br. 1 \$ 000

PELAIO, ou a vingança de uma affronta, drama em 4 actos, por A. M. DE SOUZA. 1 vol. in-4 brochado. 1 \$ 000

PHENOMENO (O), ou o filho do mysterio, comedia em 1 acto. 500

POR CAUSA DE MEIA PATACA, comedia em 1 acto, por JOSÉ ALARICO RIBEIRO DE REZENDE. 1 vol. brochado. 500

QUEM PORFIA MATA CAÇA, comedia, por L. C. M. PENNA. 1 vol. brochado. 600

SIMÃO O LADRÃO, drama em 4 actos, por LAURENCIN, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

THEATRO DO DR. J. M. DE MACEDO. 3 vol. in-8 nitidamente impressos e encadernados. 9 \$ 000

Vol. 1º : Luxo e Vaidade, Primo da California, Amor e Patria.—Vol. 2 : A torre em concurso, O Cego, Cobé, Abrahão. — Vol. 3 : Lusbela, Fantasma Branco, Novo Othello.

O 1º volume vende-se separadamente brochado. 2 \$ 000

AS SEGUINTES PEÇAS TAMBEM VENDEM-SE SEPARADAMENTE :

A torre em concurso. 1 \$ 500

Lusbela. 1 \$ 500

Fantasma Branco. 1 \$ 500

Novo Othello. 500

- † **TIRADENTES** ou **AMOR E ODIÓ**, drama historico em 3 actos, original brasileiro, por JOSÉ RICARDO PIRES DE ALMEIDA. 1 \$ 500
- VESTIDOS (Os) BRANCOS**, drama em 2 actos, ornado de canto, por L. GOZLAN, traduzido por A. M. LEAL. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
- 29, OU HONRA E GLORIA**, comedia-drama de costumes militares, em 3 actos e 4 quadros, offerecida e dedicada a S. M. El-Rei o Sr. D. Pedro V, por JOSÉ ROMANO. 1 vol. in-8 brochado. 1 \$ 000

OBRAS DIVERSAS

- AMAZONAS (O)** e as costas atlanticas da America Meridional, pelo tenente F. MAURY. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
- † **ARTE DO ALFAIATE (A)**, tratado completo do corte do vestuario, por TH. COMPAING, director do *Jornal dos Alfaiates*. 1 vol. in-folio brochado. . . 2 \$ 000
Encadernado. 3 \$ 000
- ARTE DA COZINHA**, dividida em 4 partes : 1º Modo de cozinhar varios guisados de todo o genero de carne, conservas, tortas, empadas e pasteis; 2º dos peixes, mariscos, frutas, hervas, ovos, lacticinios, doces, conservas do mesmo genero; 3º do pudim e das massas; 4º preparação das mesas para todo o anno, e para hospedar principes, embaixadores e qualquer pessoa; obra util e necessaria a todos os que regein e governão casa, corveta, etc. 1 vol. 1 \$ 000
- ARTE DE GANHAR DINHEIRO**, por PHILOGELUS. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
- CONFERENCIAS sobre a pluralidade dos mundos**, por FONTENELLE. 1 vol. in-4 brochado. 1 \$ 000
Encadernado. 1 \$ 600
- † **CONTOS DE SCHMID**. Collecção de cem contos proprios para as crianças lerem. 1 vol. 1 \$ 000
- DICCIONARIO DAS FLORES**, folhas, frutas, hervas e objectos mais usuaes, com suas significações, ou vade-mecum dos namorados, offerecido aos fieis subditos de Cupido 1 vol. brochado. 320

DICIONARIO MUSICAL, contendo : 1º Todos os vocabulos e phrases da escripturação musical; 2º Todos os termos technicos da musica desde a sua maior antiguidade; 3º Uma taboa com todas as abreviaturas usadas na escripturação musical, suas palavras correspondentes; 4º A etymologia dos termos menos vulgares e os synonymos em geral; por RAPHAEL COELHO MACHADO, segunda edição augmentada. 1 vol. in-4 brochado. 4 \$ 000
Encadernado. 5 \$ 000

ELOGIO ACADEMICO da Sra. D. Maria I^a, recitado por José BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA em sessão publica da Academia real des Sciencias de Lisboa aos 20 de março de 1817. 1 vol. in-8 encadernado. 1 \$ 500

ELOGIO DO IMPERADOR MARCO AURELIO, por THOMAS, da Academia Fran- ceza. 1 vol. in-8, brochado. 500

FEDERAÇÃO IBERICA, ou ideias geraes sobre o que convem ao futuro da Penin- sula, por um Portuguez. 1 vol. brochado. 500

ILLUSÃO, experiencia e desengano, maximas e pensamentos de um velho da terra de Santa Cruz. 1 vol. in-4, brochado. 1 \$ 000

NOVA EXPLICAÇÃO dos sonhos e visões, traduzida sobre algumas obras francezas e italianas, arranjada por ordem alphabetica. 1 vol. brochado. 200

MAÇONARIA (Obras de). Regulador Maçonico do rito moderno, contendo os ri- tuaes segundo o regimen do G... O... de França, bem como formalidades e dis- posições diversas concernentes á ordem. 1 vol. in-4 brochado. . . 4 \$ 000

— **Collecção preciosa** da Maçonaria adonhiramita, contendo as instrucções, os treze grãos do rito, o caderno secreto e o resumo da historia. 1 vol. in-8 bro- chado. 4 \$ 000

— **O orador maçon brasileiro**, ou collecção de alguns dos discursos pronuncia- dos nas solemnidades da ordem. 1 vol. in-4 brochado. 1 \$ 000

— **Collecção dos catechismos maçonicos** : Catechismo do companheiro maçon; catechismo do aprendiz maçon; cada um. 500

— **Ritual funebre maçonico**, adoptado para os enterros e exequias dos maçons brasileiros. 1 vol. brochado. 400

— **A Maçonaria antiga de adopção**, recopilada por um cavalleiro de todas as ordens maçonicas. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

— **EXPOSIÇÃO da historia da maçonaria no Brasil**, particularmente na pro- vincia do Rio de Janeiro, em relação com a independencia e integridade do impe- rio, por MANOEL JOAQUIM DE MENEZES. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

— **MANIFESTO DO G. O. B.** a todos os **GG. OO. GG. LL. LL. RR.** e **MM.** de todo o mundo. 1 vol. in-8 brochado. 320

MANUAL DO PAROCHO, pelo conego doutor **J. C. FERNANDES PINHEIRO**. 1 vol. 2 \$ 000

Esta importante obra contém as materias seguintes : Da origem dos parochos, e de sua instituição e inamovibilidade. — Da ercção, divisão e suppresão das parochias. — Do provimento das parochias — Dos coadjutores dos parochos. — Do direito de baptisar, de confessar, d'administrar a Eucharistia, e os sacramentos do Matrimonio e da Extrema Unção. — Dos direitos funerarios. — Das funcções parochias. — Da obrigação d' residencia. — Da celebração da missa *pro populo*. — Da obrigação de prégar, etc. — Dos direitos e deveres civis dos parochos.

PEQUENO PANORAMA, ou Descripção dos principaes edificios da cidade do Rio de Janeiro, por **MOREIRA DE AZEVEDO**. 2 vol. 4 \$ 000

RETRATO de S. M. o imperador Napoleão III.	500
— de S. M. a imperatriz Eugenia.	500
— de S. M. a rainha Estephania.	500
— de Camões.	500
— do conde de Cavour.	500
— de Garibaldi	500
— de Béranger.	500
— de De Lamartine.	500
— de Chateaubriand.	500
— de frei Francisco de Mont'Alverne.	500
— de frei Francisco de S. Carlos.	500
— de Antonio Carlos de Andrade.	500
— de Humboldt.	500
— do barão de Ayuruoca.	500
— de Maria Antonieta.	500
— de M^{no} de Sévigné.	500
— de Maria Stuart.	500

OBRAS NO PRÉLO

DIREITO CIVIL ECCLESIASTICO BRASILEIRO, antigo e moderno, em suas relações com o direito canonico e legislação actual, ou collecção completa chronologicamente disposta desde a primeira dynastia portugueza até o presente, comprehendendo, além do sacrosanto Concilio de Trento, Concordatas, Bullas Breves, Leis, Alvarás e Decretos, Provisões, Assentos e Decisões, tanto do Govern como da antiga Mesa da Consciencia e Ordens, e da Relação Metropolitana do Imperio, relativas ao direito publico da Igreja, á sua jurisdicção e disciplina, á administração temporal das Cathedraes e Parochias, ás Corporações religiosas, aos Seminarios, Confrarias, Cabidos, Missões, etc., etc.; a que se addicionão notas historicas e explicativas indicando a legislação actualmente em vigor, e que hoje constitue a jurisprudencia civil ecclesiastica do Brasil, por CANDIDO MENDES D ALMEIDA. 2 vol. in-4 encadernados.

A simples lectura do titulo d'esta obra demonstra logo a sua utilidade, e a falta que já se fazia sentir entre nós de um trabalho nestas condições.

A presente obra é não sómente util ao clero, mas a todos os que se dedicão ao estudo de jurisprudencia, com particularidade á juventude academica, que tem de frequentar o curso de direito ecclesiastico, em suas relações com a administração temporal do paiz.

Ninguém desconhece que grande parte d'essa legislação, se não se acha inedita, não está convenientemente colleccionada, dando insano trabalho a investigação de qualquer lei ou aviso acerca de taes materias em obras que difficilmente se encontram, e que nem todos podem possuir.

Reunir estes documentos com outros provenientes da autoridade espiritual no corpo d'uma obra de facil acquisição e consulta, é um beneficio real feito ás classes a que é privativamente destinada, maxime com as annotações com que será enriquecida.

RECOPILAÇÃO DOS SUCESSOS PRINCIPAES DA HISTORIA SAGRADA em verso, pelo Beneficiado DOMINGOS CALDAS BARBOSA, nova edição correcta, e augmentada com a biographia do autor pelo conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO e illustrada de finissimas gravuras. 1 vol.

Incontestavel é a vantagem da poesia para gravar na memória o que desejamos saber; e é por isso que erão antigamente escriptas em verso as leis. Partindo d'este principio, pensamos que approvada pela animação publica será a ideia que tivemos de rogar ao Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro que se dignasse de rever o opusculo outr'ora publicado por um douto ecclesiastico fluminense, que com amena linguagem, e com o soccorro da rima, buscou burilar na tenra memoria da infancia os principaes successos da historia sagrada. Para complemento de nosso projecto, illustrámos a presente edição com finissimas gravuras, feitas em Franca, que fallão aos olhos, ajudando a boa comprehensão do objecto o emprego das imagens sensiveis.

LENDAS PENINSULARES, por JOSÉ DE TORRES. 2 vol. in-8 encadern. 5 \$ 000





